ugenio de Castro

POESIAS ESCOLHIDAS

1889-1900

POESIAS ESCOLHIDAS

OBRAS DE EUGENIO DE CASTRO

Crystallisações da Morte (1884). . . . . 1 vol.
Canções d'Abril (1884) . . . . 1 —
Jesus de Nazareth (1885) . . . . 1 —
Per umbram (1887) . . . . 1 —
Horas tristes (1888). . . . . 1 —
Oaristos (1ª edição, 1890; 2ª edição, 1900). . . . 1 —
Horas (1891). . . . . 1 —
Sylva (1894) . . . . 1 —
Interlunio (1894) . . . . 1 —
Belkiss (1894) . . . . 1 —
Tiresias (1895). . . . . 1 —
Sagramor (1895) . . . . 1 —
Salomé e outros poemas (1896). . . . . 1 —
A Nereide de Harlem (1896). . . . . 1 —
O Rei Galaor (1897). . . . . 1 —
Saudades do Céo (1899). . . . . 1 —
Constança (1900). . . . . 1 —
Depois da Ceifa (1901) . . . . 1 —
Poesias escolhidas (1902) . . . . 1 —

TRADUCÇÕES

Belkiss, traduzione italiana di V. PICA (Milano Fratelli Treves, 1896) . . . . 1 —
Belkiss, traducción española por D. Luis BERISSO, 2ª edição, Buenos-Aires, F. Lajouane, 1899) . . . . 1 —
Salomé, traduzione italiana di A. PADULA (Napoli, Tip. Pierro e Veraldi, 1899). . . . . . . 1 —
Il Re Galaor, traduzionne italiana di A. PADULA (Acireale, Tip. dell'Etna, 1900). . . . . 1 —

EUGENIO DE CASTRO

POESIAS

ESCOLHIDAS

(1889-1900)

PARIS

LIVRARIA AILLAUD & Cia

PARIS-LISBOA

1902

PREFÁCIO

N'esta nota, que mal devo chamar prefácio, venho apenas indicar as grossas linhas mentaes e os aspectos dominantes do poeta e do homem, visto atravez da sua obra e da sua vida.

E' o que realmente importa quando se trata d'uma publicação de composições escolhidas.

A crítica inteira, essa tem de exercer-se sobre os trabalhos completos de cada auctor. E' o que tentarei realizar n'um estudo futuro e proximo ácerca de Eugenio de Castro.

Tambem aqui poderia partir da contemplação da obra considerada como um total, e fazer uma descripção dos seus aspectos exteriores. Suppor-me-hia, assim, á entrada d'uma região bella e curiosa, investido n'uma missão grata — a de mostrar

essa região, conhecida dos meus olhos, aos que a não conhecessem ou a tivessem avistado de leve e rapidamente. Sem descer a explicar o motivo porque n'uma tal zona vigoram e vicejam taes plantas; sem precisar de expôr todas as condições geologicas do sólo onde brotáram e de reunir os dados meteorológicos do clima; sem tomar d'este ou d'aquelle vegetal da flora local para — observada a disposição dos orgãos e determinada a subordinação dos caractéres — reconhecer e classificar esse vegetal colhido como um individuo typico d'uma dada especie, propria d'um certo terreno, indicaria o predomínio d'esta ou d'aquella vegetação; desenrolaria, em termos correntes, a descriminação da região contemplada, evocando impressões de semelhança ou opposição com outras regiões, proximas ou distantes, no tempo e no espaço; faria, emfim, com que todos quantos olhassem sentissem, embora vagamente, atravez da physionomia exterior d'essa flora opulenta, a energia intima do torrão creador.

Mas, d'esse modo, completaria antes uma transposição artistica do que uma notação crítica; iria substituir-me, até certo ponto, ao auctor.

Decidi-me, pois, por um terceiro processo, que se me offerecia, que se me impunha.

Decidi-me pelo processo do quadro psycholo-

gico, especie de quadro schematico onde possam encontrar-se marcadas as energias e as qualidades, as tendencias e idèas principaes do poeta.

É esse quadro que vou traçar. Convindo, no entanto, e desde já, em que não devam tomar-se por fórmulas inteiriças e rígidas as observações apresentadas. N'estes assumptos, por precisos que queiramos ser, devemos lembrar-nos sempre de que a materia a representar e a exprimir é complexa e viva, e de que a crítica rectilinea ou de contorno fixo pode dizer de mais ou de menos.

Aos proprios termos tomados habitualmente a rigor convem alaçar aqui um pouco o sentido.

Encaro o auctor das « *Poesias Escolhidas* » sob três pontos de vista :

Natureza e forma do seu espirito.

Sua comprehensão e sentimento da arte e da vida.

Influencias recebidas e transmittidas.

I

Eugenio de Castro é, predominantemente, um artista, um escriptor de imagens. No seu espirito, todas as impressões e todos os reflexos do mundo

e da vida revestem, de preferencia, valores picturaes e rhythmos. E' o proprio d'um artista. E a poesia participa de toda a Arte. Não é apenas, porem, um notador de impressões directas, um registe vivo de percepções proximas. Attinge, como poeta, um grau superior da representação mental, de concepção geral.

Essas duas qualidades explicam-lhe a obra; que por seu lado, as prova; devendo accentuar-se, comtudo, que mesmo as suas representações mentaes de grau superior se reduzem e transpòem, ordinariamente, em imagens vivas, em vez de se exteriorizarem por meios de linguagem abstracta; o que confirma, ampliando-a, a observação já feita acima.

Por isso que é um pintor e um symphonista, tenderá sempre a traduzir as suas emoções em som e côr.

Por isso que é um representativo de generalidade passará, naturalmente e de bom grado, da contemplação e realização de motivos bellos concretos e dispersos á contemplação e invenção da Belleza, segundo uma concepção idealista. E, assim, devia realmente exercer, como exerce, as aptidões excepcionaes que possue no sentido da creação synthetica (alliando sempre a intenção do detalhe artistico). E é ver: a sua composição é quasi sempre voluntariamente simplificada; elimina, de

ordinario, o documento local, a particularidade chronologica, o traço miudamente individuante; liberta-se, como de estorvos, das condições do espaço e do tempo.

Com semelhante aptidão e tendencia de composição genérica, com uma tal forma de invenção, teria sido, n'outro tempo, um *classico* — tomando a palavra na accepção e sob o ponto de vista em que deve aqui tomar-se: como correspondendo á tendencia de *reducção ao universal*. E viriam reforçar-lhe e completar-lhe essa tendencia as suas qualidades, bem latinas, da clareza, do gosto, da harmonia ordenada, assim como a sua reconhecida predilecção pelas personagens e figuras de especie nobre, de casta dominadora e prestigio hieratico.

No nosso tempo, não deve admirar que elle obedecesse, sob outra forma, a uma tendencia, de invenção generalizadora e universalista — uma vez que ella fosse suggestiva de producção artistica e plastica. Explica-se tambem, portanto, a acção exercida no poeta por essa corrente do espirito moderno, que representa, talvez, um alargamento do *universal classico*. Explica-se a influencia exercida na sua obra pelo *Cosmopolitismo* (que - para desenhar todo inteiro este traço, - terei de considerar conjugado com a noção de *chrono-*

politismo); pois se o espirito cosmopolita não offerece, como o classicismo, uma integração de idêas communs, uma categoria ou seriação de caractéres normalmente bellos offerece, no entanto, na propria multiplicidade dos aspectos, um largo interesse de objectividade humana e physica. Emfim, é ainda pelas duas ordens de qualidades, logo de principio apontadas, que podemos explicar em Eugenio de Castro a phase *symbolista*.

Se por acaso o *Symbolismo* significou para o nosso poeta a conciliação de duas disposições, cujo antagonismo constitúe um traço curioso — a conciliação d'essa faculdade de *idealisação no universal* e da sua phantasia pessoalmente caprichosa, individualmente insubmissa — e, d'este modo, lhe fez, afinal, dos seus personagens *humanos*, das suas estylisações da Especie, personificações das proprias idêas e sentimentos; o que, no fundo, significa para o critico é, sempre, a affirmação brilhante e decisiva da sua espécie de imaginação sensitiva, da seu poder de invenção e realização plástica e rhythmica. Se não, pergunte-se: o que distingue, o que particulariza o *seu* symbolismo? E' exactamente a sua belleza, de esplendor evidente, em que se alliam a synthese de expressão e a notação do detalhe intencional (que não devemos confundir com o detalhe caracteristico — local e

chronologico); é todo o real segredo de suggestão, que se encerra sobretudo no prestigio decorativo das figuras; é, finalmente, o seu virtuosismo tão extenso.

A sua arte litteraria, com effeito, combina e realiza um caso curioso, um exemplo notavel do que só poderei chamar — processão em som e côr.

Não deverei tambem fazer notar aqui que Eugenio de Castro tem um seguro e delicado ouvido musical, que revela aptidão excepcional para a pintura, e que possúe qualidades raras de decorador? Não me parece indifferente mencionar esta circumstancia. Mas, a completar e a accentuar tudo quanto venho escrevendo sobre o predominio d'aquelle primeiro traço, organico, apontarei agora os aspectos e qualidades da sua lyrica.

— Nesta especie mesmo, na propria poesia de expressão directa, revelação contínua do revelado — é ainda o artista que sobrenada e transparece.

Realmente, as suas lyricas são uma confirmação e um reflexo desse modo de ser: na riqueza da imagem e na elasticidade viva do rhythmo; são a prova decisiva de que elle possue, como poucos, o poder de transposição da idèa num equivalente material. Idèas e sentimentos vêem corporizar-selhe com toda a côr, com todo o vigor da vida, como se n'elle as sensações primitivas das coisas,

ao tornarem-se simples imagens mentaes, ainda lá guardassem todas as vibrações do mundo physico.

Por isso as suas paginas nos fulguram aos olhos, e nos cantam no ouvido.

II

Dada uma tal forma e natureza de espirito, nada mais consequente do que affirmar-se Eugenio de Castro, realmente, como o creador de Belleza que indicámos — creador de Belleza no sentido de synthese eurythmica, de decoração e suggestão pictural, de fluidez melodica e riqueza harmónica.

E neste artista, que é um consciente, a comprehensão da arte conjuga-se intimamente com a maneira de ser. Por isto o presente capitulo não será mais do que outra face da mesma medalha onde tentei gravar-lhe a effigie.

Se elle vê e sente por imagens vivas, se é sob essa feição que as suas melhores energias psychicas lhe vêem desabrochar na consciencia — pensamentos e sentimentos, proprios ou alheios, só o interessam tambem a valer quando vaza-

dos em formas bellas e movidos em cadencias copiosamente ondulantes. Essa faculdade creadora de Bellaza explica a sua orientação esthetica, a direcção da sua actividade artistica — o seu idealismo e o seu symbolismo. Fundamenta e justifica o seu culto do *estylo*, tal como elle o concebe, de preferencia á notação do *caracter*.

Veremos que, a par da sua orientação esthetica, nos explicará tambem, de unida que vae com esta, a sua noção de Vida. Mas não antecipemos.

Perante as manifestações do Pensamento e da Emoção, é, na verdade, o estheta que predomina em Eugenio de Castro. Um poeta que, como elle, ama e sabe amar a Belleza, erguendo-a n'um culto, não pode deixar de manifestar essa tendencia e essa qualidade. Assím, reveste sempre de nobreza e prestigio, de interesse glorificante, ou de tocante graça as paixões que objectiva, os sentimentos que agitam as almas dos seus personagens. O artista é que destinge para o homem.

Prova-o melhor ainda o observação que já fizemos no capitulo antecedente, ácerca da sua lyrica. Sim, até no genero de poesia onde se fundem as fronteiras da Vida e as da Arte, onde a revelação pessoal põe um abalo de calor humano — até mesmo ahi elle nos apparece, acima de tudo, como

um cultor da harmonía, como um creador de formas bellas.

Nos proprios sonetos e outras poesias de caracter amoroso, se muitas vezes esbate longes de tristeza, se se envolve em conceitos de intenção maguada e pessimista, se accentúa accordes bemolados de saudade — a emoção penosa parece vir logo suavisada pela virtude derivante do instincto e do senso artistico, que lhe tranforma as lagrimas em perolas. Os seus movimentos intimos exteriorizam-se e continuam-se em rhythmos que os coordenam e desafogam docemente, atravez modulações de balanço hypnotisante, e de curvas attenuadoras. E' como se este poeta se desdobrasse em duas personalidades, das quaes uma embalasse e amaciasseos cuidados da outra na melodia encantada dos versos admiraveis. E' como se elle, para si proprio, fosse ao mesmo tempo Saül e David.

Se soffre, não nos deixa ver crispações violentas, não nos deixa ouvir gritos estrangulados, nem gemidos arquejantes. Assistiremos antes a cortejos de imagens melancolicas d'onde apenas se erguem suspiros musicaes, acompanhados de attitudes e gestos magestosamente ou graciosamente escandidos. Não fará da lamentação individual, da desvendada confissão das lástimas e das

fraquezas proprias o fim ou o interesse capital da sua arte.

Dir-se-hia que erigiu em preceito o verso célebre de Alfred de Vigny — pelo menos em toda a extensão significativa das duas primeiras palavras :

« Gémir, pleurer, prier est également lâche. »

Na arte, como na vida, onde agora vamos encará-lo, domina-o sempre o pudor da sua exhibição total, a par d'um mal dissimulado e lógico desdem pelos inquiétos e pelos plangentes. Quer isto dizer que este poeta seja de todo surdo e impenetravel á dôr, e que n'elle não vibre a corda da piedade ? — A dôr e o soffrimento humano são para elle, como poeta, apenas themas d'Arte ; e, em geral, n'essa qualidade, tẽem valor egual ao d'outros themas da mesma intensidade artistica. « Em geral » — escrevi eu. Não sempre. E não é indifferente fazê-lo notar ; pois a observação importa o reconhecimento de algum outro e novo aspecto. Pelo menos d'uma modalidade nova, revelada no livro da phase mais recente. Digâmos d'esde já que essa modalidade não lhe contrariou as linhas fundamentaes da sua esthetica, não obs-

tante enriquecer-lhe e ampliar-lhe a significação moral da obra total. Digâmos mais que esse livro não veiu accusar uma transformação ou desvio importante da sua comprehensão da vida, não obstante trazer-lhe á sua arte uma nota mais enternecida.

Vejamos então : qual é a sua noção comprehensiva da Vida? É n'esta altura que melhor cabe a pergunta. E a reposta a dar, por estranha que a princípio possa parecer é esta : a sua noção de Vida resume-se no *pessimismo.*

Resposta tão vaga, no entanto, que tambem agora careço de apertar-lhe o sentido !

O seu pessimismo não é o do stoico, cujo recolhimento em si proprio representa, a um tempo e conjugadamente, a reprovação das fraquezas humanas e o orgulho amargo do seu isolado valor moral.

O seu pessimismo não é o do mystico — que desejaria, consumindo-se, consumir na mesma chamma de fé toda a maldade do mundo, volatilizar a vida para que a sorvesse um hausto do céo. E, não sendo nenhum destes, não é tambem o dos que têem a explicação da visão verde-triste e da acidez da alma no vago e insondavel inferno das suas cenesthesias anormaes. O seu pessimismo é cerebral e não visceral. Distingue-se dos dois pri-

meiros pela natureza do seu objecto, e do terceiro pela origem organica.

O seu pessimismo é o pessimismo dum estheta. E', portanto, um novo reflexo da mesma natureza e forma de espirito que em tudo e sempre se lhe reflecte. Eugenio de Castro é pessimista, porque não acha o mundo, o mundo do homem de hoje harmoniosamente bello ; porque o ferem, mais do que a outros, os aspectos desgraciosos, os lados triviaes e mesquinhos, os detalhes vulgares da existencia actual, dentro d'esta civilisação que bestializa as almas na lucta crua dos interesses materiaes, que esfaqueia e prostitue a natureza e as paisagens numa furia bruta de industrialização. Porque é este o seu mode de ver, e não outro, é que elle é um estheta, no sentido em que tomo a palavra. E porque é essa a causa fundamental do seu pessimismo é que se explica, pelo lado da noção da vida, como se explicou pelo lado da forma do espirito, a sua attracção para mundos longiquos, sobretudo distantes no tempo. E' lá que se refugia, como um auto-exilado, sem rancor nem protesto, para erguer ou contemplar as bellas creações em que lhe apparece uma outra Humanidade (no fundo a mesma), transfigurada pela illusão da perspectiva, purificada pela graça da Arte. Como se vê, o seu pessimismo não lhe torna o espírito infecundo e

sáfaro. E não sería difficil filiar o tedio de Sagramor exactamente na intemperança do Desejo. Se, em grande parte, a sua desillusão nasce da incompatibilidade actual entre a Arte e a Vida, taes como as concebe, a desillusão não o anniquila. Já vimos que se compensa com o refúgio na Arte. Mas a Arte e a Vida condicionam-se mutuamente, no fundo — a não ser que se trate d'arte morta, de cópia de modelos, de exercicio litterario. Era, pois, natural que elle na Vida — visto que a exige bella — quizesse ver prolongada a Arte.

Como a prolonga para a Vida? Do melhor modo por que hoje, realmente, um espirito do seu feitio a podia prolongar : pelo desenvolvimento pessoal, pela integração, em si proprio, de quanto sejam elementos concordantes no sentido do seu aperfeiçoamento. E, como, hoje, nessa integração havia de entrar o elemento moral, explicam-se : no homem uma resgatadora e crescente belleza da affectividade superior — no artista a amorabilidade do seu poema mais recente. Se para os outros a Arte é uma funcção da Vida, para elle a Vida é uma funcção da Arte. E se esta fórmula revela, por um lado, uma concepção *socialmente* imperfeita, pode, por outro lado, revelar com effeito, em semelhante caso, um principio de perfeição individual.

Tudo no mundo é instavel. As prophecias falham. Mas consóla-me crêr na persistencia dessa aspiração.

E agora, que, ao lado do artista, encontrámos o homem, vamos vêr como e até que ponto a sua biographia corresponde á sua obra.

III

Nos dois capitulos anteriores tentei gravar os traços capitaes do poeta, considerado sob um duplo ponto de vista das suas actividades interiores. Tentei explicá-lo de dentro para fóra. Neste capitulo vou tentar a contraprova dos dois primeiros, vendo-o de fóra para dentro, escrevendo-lhe a biographia. Vou apontar-lhe a interdependencia entre as phases da vida e os momentos da sua evolução artistica, reflectida nas obras. Emprégo o termo de interdependencia, porque nenhum melhor corresponde ao caso, tratando-se dum artista para quem as obras são, ao mesmo tempo, producto e estímulo de energias.

A vida do nosso poeta, como poeta, começa aos quinze annos — data das suas primeiras publicações. Como, porem, no homem e no artista haviam

de ter influido já certas condições de hereditariedade e de educação, não devo deixar de indicá-las; e para isso começarei... pelo princípio. Eugenio de Castro, nascido em Coimbra a 4 de março de 1869 — vem duma familia nobre, que reuniu á tradição aristocratica uma tradição notavel de cultura e de virtude. Esta circumstancia não é indifferente. As qualidades de raça, tantas vezes contrariadas pelo meio em que o individuo se encontra, fôram-lhe, a elle, afinadas e aperfeiçoadas exactamente pela acção do meio onde logo se achou; pois as mantinham aquelles que a princípio o rodeáram. Uma tal influencia combinada transparece ainda, e sempre, no seu trato primoroso, na posse de si proprio, no seu orgulho risonhamente velado, mas vigilante, na sua incompatibilidade com as creaturas grosseiras e rudes. E se, ás vezes, o desvanecimento por aquella ascendencia historica o pode tornar um pouco impertinente, logo uma nova gentileza sua fará perdoar e esquecer essa trahida pontinha de prosápia.

A mesma influencia, alliada á tradição cultural, explica-nos a sua tendencia para uma vida superior, que os habitos de lettras podem implicar e condicionar. E esta segunda tradição de casa — a tradição litteraria — não luzia menos do que a da

gerarchia; e não teve menor acção no nosso poeta, até certo ponto.

Embora a orientação de Eugenio de Castro seja diversa da que ella lhe trouxe para o seu meio — não posso deixar de attribuir importancia a esse culto das lettras, das *humanidades,* persistentemente alimentado na familia, atravez de gerações; pois nos ajuda talvez a comprehender a sua sympathia pelo auctores antigos e a felicidade daquellas suas composições que, sob o ponto de vista da forma, deverei chamar neoclassicas. E, como vae ver-se, poder-se-hia fazer farta colheita de nomes litterarios e de personalidades cultas na sua ascendencia, a um e outro lado.

Assim, partindo d'elle para os braços e ramos da sua árvore, encontramos logo, na linha materna, a memoria veneravel de seu avô, o Dr Francisco de Castro Freire, que foi erudito humanista e poeta. Conta entre os collateraes da mesma ascendencia, numa geração acima, os três filhos illustres do Dr Ayres Antonio A. Freire de Figueiredo, senhor da casa da Tapada, entre Mondego e Ceira: — D. Antonio da Visitação Freire, Francisco Freire de Carvalho, e José Liberato Freire de Carvalho; o primeiro, frade cruzio, socio da *Academia Real das Sciencias,* et da *Sociedade Maritima,* grande *humanista*, e amigo intimo de

Bocage, que dedicou um soneto á sua morte, em 1804; o segundo, religioso da ordem dos *Eremitas de Santo Agostinho*, professor do *Collegio das Artes de Coimbra*, cónego da sé de Lisboa, Reitor do Lyceu da capital, commissario dos estudos, socio da *Academia*, preceptor da princeza D. Maria Amelia de Leuchtenberg, filha de D. Pedro IV, auctor de muitas obras de philologia, litteratura, etc. amigo de José Agostinho de Macedo, que com elle trocou correspondencia interessante (hoje em poder de E. de Castro); finalmente, José Liberato Freire de Carvalho, o mais conhecido de todos pelas suas memórias curiosissimas, redactor do Campeão Portuguès, em Londres, traductor dos Annaes de Tacito, etc.

Um bisavô de Eugenio de Castro, Francisco José Freire de Macedo, primo direito dos da Tapada, desembargador da *casa da Supplicação* e juiz das *Capellas da Corôa*, deixou inéditos importantes, entre estes um *memorial* da guerra de Hespanha, varios sonetos e outras peças litterarias. Da casa de *Cata-Sol*, solar dum dos ramos maternos, cuja divisa estylisada marca hoje os livros e os moveis do poeta, saíu Leonardo Pinheiro de Vasconcellos, cavalleiro e commendador de Christo, do Conselho d'El-Rei D. João VI, deputado da *Real Junta do Commercio e Agricultura* — homem

duma rara grandeza de caracter a par de muita cultura. Uma irmã deste foi viscondessa de Alcantara (no Brazil).

Do lado paterno, e citado o nome de seu pae — o distincto decano de mathematica da Universidade de Coimbra, Dr Luís da Costa e Almeida, posso citar já o de seu avô, tambem Dr Luís da Costa. Foi este um *humanista* seguro, possuidor de uma livraria optima onde, entre outras coisas, se encontravam edições primorosas dos philosophos do seculo XVIII e dos classicos latinos. O Dr Luís da Costa teve um papel importante na côrte de D. Miguel. Exerceu grande numero de cargos : de lente de *Leis,* desembargador da casa da *supplicação,* deputado da casa de *Bragança,* secretario da *Junta da Directoria geral dos Estudos e Escolas do Reino,* corregedor e inspector de transportes. Foi fidalgo cavalleiro da Casa Real, e cavalleiro de Christo.

Citarei ainda, na familia de seu pae, Ayres de Sá Pereira e Castro — auctor de *Poesias portuguezas e latinas.* Pertencia á familia que contou entre os seus collateraes o poeta sá de Miranda. E terminarei esta longa enfiada de nomes distinctos com o de sua tia, Madre Eugenia da Costa e Almeida, auctora de primorosas *Cartas.*

Dei todas estas notas, não só pelo que por

ventura encerrem de util para explicar tendencias e habitos de poeta, mas porque deve despertar natural interesse tudo quanto se ligue com elle.

Eugenio de Castro, até aos quinze annos, teve uma vida unida e serena nesse meio discreto da familia, onde o cercavam só delicadezas femininas, physionomias graves e serenas de homens de estudo. Brincou entre estantes de livros, ouvindo vozes calmas. Observou attitudes de respeito carinhoso cercando os avós e os velhos tios, alguns d'elles reliquias politicas, espiritos cultos, de uma juventude resistente. Tudo banhado numa atmosphera de branda serenidade, em que o calor de crenças vivas e a pratica sincera da devoção pareciam ainda fortalecer os habitos do trabalho, alimentar os affectos enraizados, conservar e adoçar uma hospitalidade captivante.

A acção directa d'este meio manifestou-se em tendencias e habitos, que já lhe notei. Mas não deixarei de ligar com essas influencias da herança e do meio intimo — alem de certos traços de sentimento piedoso, subsistentes, embora nem sempre visiveis — a sua paciente faculdade de trabalho, por vezes posta á prova em tarefas desinteressantes. Assim como não deixará de acceitar-se que ainda com a influencia da sua vida nova, dos ultimos três a quatro annos, venham sommar-se ef-

feitos de hereditariedade e de educação, no sentido de fazer em do *insubmisso ao preceito*, doutros tempos, o homem capaz de norma da actualidade.

Chegado agora ao ponto em que tenho de seguir a sua vida já para alem do circulo estreito da familia, dividir-lhe-hei a biographia em tres periodos, balisados por grupos de ôbras.

O primeiro periodo corre de 1884 à 1890; o segundo vae de 1890 à 1899; o terceiro é representado pela sua obra de 1900. Dentro do primeiro periodo, ainda podemos separar a phase 1884-1885 da phase 1887-1888; assim como no segundo periodo podemos marcar a segunda phase a partir da *Sylva* (1894).

As suas poesias dessa primeira phase do primeiro periodo não tèem mais nem menos valor do que leves canções ingenuamente improvisadas á flor da vida; onde, a par de algumas notas pessoaes, se encontram com frequencia reminiscencias de impressões alheias. São sobretudo revelações d'uma espontaneidade notavel, que se casa com os motivos e assumptos nellas vasados: casos simples da existencía, aspectos do mundo que immediatamente o rodeia, acontecimentos e tristezas de familia, visões religiosas e calmas, themas amorosos, de vaga melancolia.

Já na segunda phase ha uns traços vivos de

pittoresco, embora predominem themas de semelhante tonalidade emocional.

Foi entre essas duas phases do primeiro periodo que elle deixou Coimbra para ir fazer em Lisboa o *Curso superior de Lettras*. Em 1888 entrou, por pouco tempo, para a redacção do *Dia;* e no fim desse anno voltou a Coimbra, donde pouco depois seguiu para o estrangeiro, visitando parte da Hespanha e ficando em Paris durante alguns mêses do anno de 1889. No regresso a Portugal, nomearam-no professor da Escola « Brotero ».

É nesta época que se abre o segundo periodo, com o capricho vermelho dos *Oaristos*.

Não posso aqui notar miudamente todas as causas e influencias que concorrêram para a publicação deste manifesto, balisa entre dois períodos, e para a publicação das *Horas* — na volta duma nova viagem á Hespanha, em 1891. Deixarei, no entanto, indicado o sufficiente attribuindo o apparecimento destes livros : em primeiro logar á sua qualidade fundamental de *artista* — sempre sedento do *novo*, e assim naturalmente seduzido pelos ensejos de graça decorativa e de expressão recondita que a arte exotica e diversa implicava ; depois á sua tendencia universalista que, como vimos, o pode levar á preferencia de themas

cosmopolitas; por ultimo, entre as suggestões de viagem, implicitamente comprehendidas nestas duas causas — á acção exercida no seu espirito, vivo e moço, especialmente pela nova geração francêsa do momento.

Essas três causas ou influencias podem, com effeito, explicar tudo quanto nesses livros veiu encantar os olhos, estontear os ouvidos, e irritar os nervos de muita boa gente, cuja irritação se pode attribuir, ao mesmo tempo, ás excentricidades voluntárias e impertinencias do poeta, e á absoluta ignórancia da nossa maioria de lettrados de então com relação a liturgias d'Arte, renovações de technica littéraria e requintes de exotismo. E digo *de então* porque é fóra de dúvida que Eugenio de Castro, se recebeu influencias do estrangeiro, tambem por cá as transmittiu. Neste campo da technica litteraria, taes influencias estranhas, accumuladas no nosso poeta e delle irradiadas, tiveram pelo menos estes effeitos: rejuvenescimento de formas estrophicas archaicas, libertação e elastecisação da métrica no sentido de resultados musicaes de mais variedade e riqueza — no verso e na phrase; adaptação, á litteratura, de novos elementos decorativos, duma preciosa contribuição de imagens e detalhes picturaes.

Nesse anno de 1891 voltou para Lisboa e colla-

borou no *Antonio Maria*, nas *Novidades*, no *Jornal do Commercio*. São desse tempo as poesias de *Sylva*, um dos seus mais bellos livros, como affirmação de muitos recursos alcançados.

O meio de Lisboa, em que mergulhou por duas vezes, influira nelle por dois modos : directa e indirectamente. Directamente, essa influencia foi nociva, embora curta.

Indirectamente, posso dizer que veiu a ser salutar, pois lhe despertou, por fim, uma repugnancia salvadora pelo divertido apodrecimento de que estivera quasi a ser vencido.

Em 1894 recolheu-se definitivamente a Coimbra, onde, no anno seguinte, fundámos a revista *Arte*, de vida ephémera. Desde então, até ao anno de 1898, a sua existencia é marcada, a períodos curtos, pelo apparecimento de obras novas, de que ainda, noutro logar, hei de fazer o estudo, como já disse. E essas obras não só accusam uma rara actividade e fecundidade, mas são ellas que lhe dominam a vida, lhe imprimem habitos, e lhe impõem trabalhos de preparação ; absorvem-no, representam, a bem dizer, a razão dessa existencia.

De 1898, época do seu casamento, até hoje escreveu « Saudades do Céo » e « Constança ».

No capitulo anterior alludi especialmente a este

último poema, porque representa, na obra total do poeta, a vibração de novas cordas, sem de modo algum contrariar a sua esthetica.

Não saiu, é certo, da sua *Torre de Marfim*.

Mas no meio do cortejo das suas visões, uma se lhe aproximou que o commoveu mais do que as outras, inspirando-lhe um livro de emoção moralmente superior.

Foi ella essa princêsa immolada.

E aquelles que já admiravam o artista, não puderam deixar de agradecer ao homem esta nota de enternecimento...

Deverei, por este facto, abrir para o poema « Constança » um terceiro periodo na biographia litteraria do auctor ?

O livro merece-o, muito embora o não sigam outras obras do mesmo caracter.

— O quadro, que segue, inclue a relação das obras completas de Eugenio de Castro — dispostas segundo a divisão chronológica que adoptei :

3 períodos — a, b, c.

Período	Phase	Obra	Anno
a	1ª phase.	*Crystallização da Morte*	(1884)
		Canções d'Abril	(1884)
		Jesus de Nazareth. . .	(1885)
	2ª phase.	*Per umbram*	(1887)
		Horas tristes	(1888)
b	1ª phase.	*Oaristos*.	(1890)
		Horas.	(1891)
	2ª phase.	*Sylva*	(1894)
		Interlunio.	(1894)
		Belkiss (prosa).	(1894)
		Tiresias, fol.	(1895)
		Sagramor.	(1895)
		Salomé e outros poemas	(1896)
		Nereide de Harlem. fol.	(1896)
		Rei Galaor	(1897)
		Depois da Ceifa (1). . .	(1897)
		Saudades do Céo. . . .	(1899)
c	—	*Constança*.	(1900)

Coimbra. — 25 de fev. de 1902.

MANUEL DA SILVA GAYO.

---

(1) Publicado ha pouco ainda, mas escripto naquelle anno.

SONETO

Un autre, plus heureux, va unir son sort à celui de mon amie. Mais, quoiqu'elle trompe ainsi mes plus chères espérances, dois-je là moins aimer ?

MACKENSIE.

Tua frieza augmenta o meu desejo :
Fecho os meus olhos para te esquecer,
Mas quanto mais procuro não te ver,
Quanto mais fecho os olhos mais te vejo.

Humildemente, atraz de ti rastejo,
Humildemente, sem te convencer,
Em quanto sinto para mim crescer
Dos teus desdens o frigido cortejo.

Sei que jamais hei-de possuir-te, sei
Que *outro*, feliz, ditoso como um rei,
Enlaçará teu virgem corpo em flor.

Meu coração no entanto não se cança:
Amam metade os que amam com esp'rança,
Amar sem esp'rança é o verdadeiro amor.

(*Oaristos.*)

WAHRE LIEBE

(TRADUCÇÃO ALLEMÃ)

Durch deine Kälte mehrst du meine Glut;
Die Augen schliess'ich, deiner nicht zu denken,
Doch klarer, wenn sich kaum die Wimpern senken,
Erscheint dein Bild, das tief im Inn'ren ruht.

Verzweifelnd folg'ich dir mit trübem Muth,
Verzweifelnd, dich auf and'ren Weg zu lenken;
Mit schnödem Stolz, anstatt mir Huld zu schenken,
Umschüfest gern du mir zu Eis das Blut;

Ich weiss es, nimmer wirst du mein, ich weiss:
Ein And'rer wird an's Herz dich fest und heiss
Einst schliessen, hochbeglückt von sel'gem Triebe;

Nie wank'ich, quälst du gleich mich lang'und oft;
Halb liebt man — halb nur, wenn man liebt und hofft,
Lieb'ohne Hoffnung — ist die wahre Liebe.

Dr. Wilhelm Storck.

NOITE DE FOGO

Casamento real. Um dia de torqueza.
Passa o cortejo. A noiva, uma lactea Princeza,
Cyclamen roseo d'uma clara fermosura,
Tranças d'oiro tostado, olhos d'agatha escura,
Fragil como um jasmin que o vento sobresalte,
Bocca em sorriso, d'um delicioso esmalte,
Diamantes no collar, nos brincos e no broche,
Destaca, branca, sobre o carmezim d'um coche
Mandado construir por El-Rei D. João V.

Flavo como um licor das vinhas de Coryntho,
O eterno sol, o velho sol parece novo...
Intenso *brouhaha*. Duas orlas de povo
Bordam, cheias de côr, a rua onde o cortejo
Vae lento a caminhar, n'um contínuo lampejo,
N'um vivo fulgurar d'oiro e de brocateis.

Pagens em setim claro, as frontes em anneis,
Loiros perfis reaes, Princezas sensitivas,
Espumeos falvalás, boccas aperitivas,
Marquezas, Cortezãos e Principes brilhantes,
Alvas Damas d'honor, Heraldos, Passavantes,
Fidalgos, o Cardeal em seda côr de vinho,
Tricornes e librés com geadas d'arminho,
Tudo isto passa, n'uma extensa serpentina,
Em quanto a tarde azul e doirada declina,
Em quanto ferve, rubro, em brilhos auroraes,
O metallico som das bandas marciaes...

Á noite, morto o sol n'um poente d'escabiosa,
O povo n'uma onda immensa e curiosa
Vae ao Aterro ver o fogo d'artificio.

Eis-me tambem na onda.
A Honestidade e o Vicio,
A farda limpa e a ennodoada blusa,
Rostos lascivos com esmaios de cerusa,
Rostos virgens, liliaes, d'ambreados tons de cèra,
Boccas frias, sem côr, boccas em primavera,
Tranças andrinas e tranças acervejadas,
Mãos em esmola e mãos patricias, armilladas,
O Incomprehendido, o Padre e a Costureira honesta,
— Tudo o que uma cidade enorme, como esta,
Contém dentro de si, do seu disforme ventre,

Tudo o que existe, tudo o que formiga entre
Os seus bairros, os seus jardins, as suas praças,
Desde a Opulencia ás mais reconditas Desgraças,
Desde o Ladrão mais vil ao Banqueiro mais nedio,
Desde a saude em flor á doença sem remedio,
Tudo isso despovoou Lisboa e anda agora
A pollular aqui n'uma vaga sonora,
N'uma promiscuidade incoherente, infame...
No escurecido azul, dos astros o enxame
Rodêa a lua n'um fulgurar insubmisso,
Como abelhas de prata em redor d'um cortiço...

⁘

Começa o *fogo.*
Ao ar cupulado e disforme,
Como um repuxo em flamma, a arder, sóbe uma enorme
Girandola, que, albente e viva, se desfaz
Em prantos d'esmeralda, em flores de lilaz,
Em gottas de diamante e pingos d'escarlata.

Grandes cobras de luz hyallina, de prata,
Vermiculam o céo, doidamente, sem rumo,
Deixando atraz de si outras cobras de fumo,
E branqueando um instante a cidade sombria
Com tamanho vigor que até parece dia...
De subito, porém, apagam-se essas cobras...
E Lisboa recae nas pardacentas dobras
D'uma grande penumbra impenetravel.
N'isto,

Sobem de novo ao céo, n'um fulgor imprevisto,
Novas cobras de luz, e de novo a cidade
Resurge em nupcial e polar claridade

E torna a recair na habitual penumbra!

Cheira a polvora. O fumo sobe. O ceu deslumbra.
Raiam do Tejo á flor vermelhidões d'incendio.
D'uma banda o clangor ala-se ao ar e fende-o
Com grandes vibrações metallicas de cobre.
Uma nuvem morena, aperolada, encobre
A lua d'um palor leitoso d'algodão...
Troam morteiros: e na espessa multidão
Cruzam-se doidamente, epilepticamente,
N'um grande borborinho ennervante e fremente,
Murmurios, risos, ais, imprecações, apupos...

·

Eu no entretanto vou analysando os grupos.

Muitos petizes d'um aspecto nauseabundo,
Hypnotisados, sem falar, olhar profundo,
Embryonarios ladrões, pervertidos e arteiros,
Circumvagam, scismando, ao pé dos taboleiros
Onde ha favas, pasteis e queijadas de Cintra.

Um sycophanta rôto, esqualido, pelintra,
A um sujo grupo expõe o seu ideal politico:
Fala da escravidão com gesto apocalyptico,
Roga pragas a Deus, á Rainha, aos Ministros,
E abrindo e dilatando os seus olhos sinistros,
Raivosos e fataes, ignios como ferretes,
Diz: « *O povo tem fome e o Rei deita foguetes!* »

Nada pela atmosphera um nevoeiro branco.

Subito, junto a mim, vaga um logar n'um banco;
Sento-me n'elle, ao pé d'um homem novo ainda
E d'uma rapariga immensamente linda
Em cujos braços dorme um lindo pequerrucho.
É marido, mulher e filho. Nenhum luxo,
Mas limpos; seu aspecto asseado mostra logo
Que hão de passar, viver, livres, com desafogo,
Uma vida feliz, sem luctas, sem escolhos,
O peito sempre em flor, cheios de luz os olhos,
Amando n'um amor doce e confortativo...

E, preso d'esta ideia, eu, que actualmente vivo

Colhendo os teus desdens, morena Flor precóce!
Sem que o teu negro olhar a existencia me adóce,
Começo a construir chymericos castellos,
Cheios de luz e côr, absurdamente bellos!
Sonho uma casa branca á beira d'agoa, um palmo

De terra, onde comtigo, emfim amado e calmo,
Cultivasse rosaes e compozesse idyllios,
Celebrando em abril os alados concilios
Das vespas no estellar Vaticano das flores,
Sob um irideo céo colmado de fulgores;
Sonho (e enche-se então de luz todo o meu ser!)
Com teus carinhos, que jamais hei-de colher:
Sonho que vaes comigo em silvestres passeios,
E que escuto o chorar das fontes, os gorgeios
Dos passaros no azul, e os cantantes segredos,
Que o vento anda a dizer aos altos arvoredos,
Emquanto me persegue o desejo ambicioso
De n'um verso imitar, n'um verso glorioso,
A tua lenta Voz de accentos longos, lentos,
Voz somnolenta, lenta, e cheia de lamentos,
Voz somnolenta que é, morena que me ennervas,
Como os lamentos dos arroios sob as hervas!

De repente, porém, desperto de meu sonho,
Ao magoado chorar, suffocado e tristonho
D'uma bocca infantil. Olho e vejo de bruços,
Deitada sobre o chão, em continuos soluços,
Uma creança, que parece ter dois annos,
Loira como um faisão, alva como os goelanos.
Levanto-me e levanto a creança caída,
Limpo-lhe a roupa e a carita humedecida
Pelo chòro: depois fico á espera que alguem
A leve.
Busco em roda, espero, mas ninguem
Apparece, ninguem reclama a pequenita,
Que se estorce a chorar, asphyxiada, afflicta.

Comprehendo então que está perdida a creancinha...
O que devo fazer?
N'isto a minha visinha
Diz ao marido :
« João, a creança talvez
« Tenha fome, quem sabe? ora repara, vês
« Como está magra e traz o rosto macilento?
« Ora, por isso, João, pega só um momento
« No nosso filho... »
E com suas mãos d'alabastro
Ergue o filhito branco e loiro como um astro
E do marido sobre os braços vae depol-o.

Resoluta, depois, arranca-me do collo
A creança, e n'um gesto insinuante e nobre,
Sem vergonha da luz clarissima do luar,
Compondo-lhe primeiro o vestidinho pobre,
Desaperta o corpete e dá-lhe de mamar.

(*Oaristos*.)

A CISTERNA

Ás horas vesperaes, em musicaes theorias,
Tranças florídas com aromaticas hervas,
Rindo com boccas que eram harpas e pionias,
Vinham chegando, lentamente, as lindas Servas,
Ás horas vesperaes, em musicaes theorias...

As horas vesperaes, entre o nevoeiro lacteo,
Vinham chegando em gracil rythmo lento e nobre;
E, a sorrir e a cantar, na cisterna do pateo
Enchiam, gracilmente, as amphoras de cobre,
As horas vesperaes, entre o novoeiro lacteo...

Para que enchiam suas amphoras as Servas?
Assim que as amphoras esguias eram cheias,
Logo as despejavam e enchiam, e, entre as hervas,
A agoa da cisterna ia formando cheias...
Para que enchiam suas amphoras as Servas?

De mil constellações á luz discreta e flava,
Musselinas de nevoa erravam pelas aleas...
Riam as Servas e cantavam... e soava
No marmore do chão o coiro das sandalias.
De mil constellações á luz discreta e flava...

Doce, branca e fiel Rainha das Amadas,
Que afagaste com mãos d'arminho a minha Magoa,
O marmore do chão é gasto das passadas,
Mas a cisterna tem ainda muita agoa,
Doce, branca e fiel Rainha das Amadas!

(*Horas.*)

A ALEIJADINHA

A Balthazar Freire Cabral.

Á beira d'uma estrada,
Está uma aleijadinha,
Pedindo esmola.

Na estrada passam ranchos,
Ranchos alegres para a romaria...
Chove oiro.
Ao som dos alaúdes, as Virgens cantam...
Nos pomares,
As larangeiras estão de branco, como as noivas...
E as Virgens, cantando as som dos aláudes,
Descem aos pomares
E põem flores de larangeira nos cabellos...

A aleijadinha pede esmola,
A aleijadinha é triste, os ranchos são alegres :
Dir-se-ia uma dança em volta d'uma tumba.

A aleijadinha pede esmola :
A sua voz é côr de cinza,
E suas mãos implorantes, côr de barro cosido,
Parecem flores pisadas...
A aleijadinha pede esmola
Mas ninguem a ouve.

E todos fogem d'ella,
E, ao vel-a, todos ficam desgotosos,
Como noivos, que, á ida para a egreja,
Encontrassem um enterro.

É noite.
A estrada é deserta.
Afastaram-se os ranchos.
Fanou-se a angustia dos alaúdes...

Uma chuva fina, como cabellos,
Cobre de perolas a aleijadinha.
Suas mãos, côr de barro cosido,
Suas mãos, onde não cantou o riso d'uma esmola,
Fecham-se como flores pisadas,
Morrendo de sede na poeira.

A aleijadinha está com fome
E não tem que comer...
Uma chuva fina, como cabellos,
Cobre de perolas a aleijadinha :
Toda coberta de perolas, parece uma princeza...

A aleijadinha está com fome
E não tem que comer...
E para esquecer a fome
Põe-se a contar as estrellas...

(*Sylva.*)

CANTIGA

Embora. Senhora. andeis
De finas telas vestida.
Por meus olhos sois despida.

De clara hollanda vestis
Vosso corpo, linda Infanta,
Bello rocal de rubis
Vela-me a vossa garganta;
Trazeis manto de velludo.
Garbosa saia comprida,
Mas, apezar d'isso tudo,
Por meus olhos sois despida.

Atravez das ricas vestes
Que vos vestem, linda Infanta,
Adivinho os dons celestes
Do vosso corpo de santa;

Vossas vestes de setim,
De brocado ou lã garrida,
De vidro são para mim :
Por meus olhos sois despida.

Vejo-vos só mãos e cara
Mas não preciso ver mais
Para calcular a rara
Graça do que me occultaes...
Para quê rendas e fólhos,
Senhora da minha vida,
Se por estes tristes olhos,
Por meus olhos sois despida ?

(*Sylva.*)

RIMANCE

(PARA ADORMECER LYDIA)

A Ramalho Ortigão.

Meia noite, meia noite
Da velha torre caía,
Em seu camarim real
Dona Malfada cosia.
Téla que estava cosendo
De fina prata par'cia,
Junto d'ella, sua mãe
Em cama d'oiro dormia...
Longo mantinho de lustro
Seu svelto corpo envolvia,
Annel que tinha no dedo
Frechas de côr despedia.
Passos na escada se ouviram,
Passos d'alguem que subia,

Ouvindo tal, a Princeza
A abrir a porta corria.
Ouvindo o gemer da porta,
A mãe os olhos abria.
Abriu-os mas não viu nada,
Que o candil já se morria.
— *Quem é que anda abrindo portas,*
Filha, aqui ao pé de mim?
— *Senhora mãe, é o vento,*
Que abre as portas do jardim.

Segura com tal resposta
Logo a mãe adormecia;
Vendo-a a dormitar, Mafalda
Á porta se dirigia.
Logo a um gesto de Mafalda,
Um cavalleiro appar'cia;
De cochonilha mimosa
Era o gibão que vestia,
Em bello cinto bordado
Punhal de prata trazia;
Nos braços do cavalleiro
Dona Mafalda caía.
Ao barulho dos abraços,
A mãe os olhos abria.
Abriu-os mas não viu nada,
Que o candil já se morria.
— *Quem é que está aos abraços,*
Filha, aqui ao pé de mim?
— *Senhora mãe, são as arvores,*
Que se abraçam no jardim.

Segura com tal resposta,
Logo a mãe adormecia,
E, vendo-a a dormir, Mafalda
Ao seu amado sorria,
Sorria e nos braços d'elle,
Nos seus braços se mettia;
Forte corrente de beijos
Aquellas boccas prendia.
Ao barulho d'esses beijos,
A mãe os olhos abria,
Abriu-os mas não viu nada,
Que o candil já se morria.
— *Quem é que está dando beijos,*
Filha, aqui ao pé de mim?
— *Não são beijos, são as fontes,*
São as fontes do jardim.

Segura com tal resposta,
Logo a mãe adormecia...
Vendo-a a dormitar, Mafalda
Ao seu amado sorria,
Sorria e nos braços d'elle,
Nos seus braços se mettia.
De seda lavrada era
O corpete que a cingia,
Contra o peito, o cavalleiro
Contra o peito a comprimia,
Com tanta força que a seda
Do seu corpete rangia.
A esse ranger de seda,
A mãe os olhos abria,

Abriu-os mas não viu nada
Que o candil já se morria.
— *Quem está machucando sedas,*
Filha, aqui ao pé de mim?
— *É o vento que arrasta folhas,*
Folhas seccas no jardim.

Segura com tal resposta,
Logo a mãe adormecia...
Vendo-a a dormitar, Mafalda
Ao seu amado sorria,
Sorria e nos braços d'elle,
Nos seus braços se mettia,
E aos beiços do seu amado
Seus lindos seios abria.
O cavalleiro os beijava
De tal arte que par'cia
Que os não estava beijando,
Antes que n'elles mordia.
Com esse morder de seios
A mãe os olhos abria.
Abriu-os mas não viu nada,
Que o candil já se morria.
— *Quem anda mordendo seios,*
Filha, aqui ao pé de mim?
— *É o jardineiro que morde*
Fructas verdes no jardim.

(*Sylva.*)

FILHA DE REI, GUARDANDO PATOS

Ao Conde de Arnoso.

La force de l'intelligence et de la sensibilité appartient à ceux-là seuls qui vivent dans un contact sincère avec leur moi.

MAURICE BARRÈS.

— *Manhã d'oiro. Uma Donzella, sobrenaturalmente linda, o luar dos seus pés sobre a relva humida, vae, pela margem d'uma ribeira, conduzindo um rancho de patos. Paisagem solitaria. Os patos deitam-se á agoa, que o sol enche de gemmas ; a Donzella fica a despir-se, sob uma tangerineira carregada de fructos.*

— Linda sou como as harpas e os navios !

Pelas manhãs serenas,
Nos voluptuosos, languidos estios,
Quando o ar parece de velludo e pennas,

Saio da minha gruta hospitaleira
E, despindo-me ao pé desta ribeira,
Que flue n'um curso vagaroso e liso,
Sempre cantante, sempre plangente,
Fico a admirar-me, nua, na corrente,
Namorada de mim como Narciso...

Ai, meus olhos azues! como eu sou linda,
E como sois felizes pois me vedes,
Vós que vos balouçaes, com graça infinda,
Das minhas veias nas ceruleas redes!
Olhos felizes, olhos sem eguaes,
Lindos beryllos para o meu cabello,
Quando em meu alvo seio vos juntaes
Sois dois meninos a brincar no gelo...

Como eu sos linda! eu, a côr de lua,
Eu que nas varzeas vou guardando patos,
Eu o encanto dos limpidos regatos
Que correm legoas só para me verem nua!
Filha de Inferno, p'la belleza desmedida,
E, p'la pureza ideal, filha do Céo,
Que alguem se dispa quando eu estou despida,
Que alguem se atreva a ser mais linda que eu!

— *Desaperta o corpete: apparece a alvorada do seu peito.*

Meus seios redondinhos, perfumados,
Trago-os ao peito como dois filhos amados,

Como dois gemeos vestidinhos de luar...
E a dor da minha bocca é não poder beijar
A framboeza que cada um tem no meio...
Que sobremeza para um Deus, este meu seio!

— Completamente nua, avança para a ribeira, onde se mira.

Agoa, vaes possuir-me!
Que alguem se affoite
A ser mais linda que eu! Tão pallida, tão fria
Aqui me tens, que, apezar de ser doirado o dia,
Parece que me bate o luar do meia noite...
Agoa purissima, agoa castissima, que trazes
O aroma das magnolias e lilazes
Que tu molhaste quando vinhas ver-me,
Beija-me a doce, languida epiderme,
Beija-me toda, toda! as ancas e os artelhos,
Os meus hombros de lirio e os meus labios vermelhos...
Agoas virgens, beijae a minha virgindade!

— Entra na ribeira. Tremula, a agoa sobe-lhe aos peitos.

Ah! que doçura! que frescura! que suavidade!
Agoa, agoa de prata, ah! não me abraces tanto,
Não me apertes tão forte,
Não me beijes assim, agoa, meu doce encanto...

Dentro de ti como seria doce a morte!
Agoa, és de gelo e no entretanto accendes
Brazas ardentes nas minhas veias;
Dir-se-ia que tens mãos e que n'ellas me prendes,
E braços de crystal e que n'elles me enleias...

Ah! mas tu tens razão,
Agoa de prata que me enervas:
As agoas tambem teem coração
E eu tenho ouvido o teu soluçando entre as hervas...
Agoa cantante, como tu és mysteriosa!
És sempre outra e sempre a mesma, agoa cantante.
Mal me beijas, já vaes distante,
Agoa cantante, mysteriosa!

Agoa de seda, agoa chorosa,
Onde me vejo,
Quando me banho em ti, sou qual bocca amorosa,
Que em labios deseguaes aspira o mesmo beijo.

Amada agoa, côr das minhas esperanças,
És como o meu desejo:
Corres p'ra me alcançar e foges se me alcanças...

Mas como és fria para mim, serpe de endeixas,
Verde canal de luminosas pratas...
Porque me deixas? porque me deixas?
Porque não páras tu, gelando, e me não matas?

— Insectos couraçados d'oiro e pedrarias poisam nos seus cabellos, como joias. A Donzella acaricia-se e embrulha-se com o velludo liquido da agoa. Os seus pés alvejam como seixos. Subito, n'um gracioso movimento de naiade, salta para a margem, sacudindo os cabellos d'oiro que lançam no ar uma poeira de prata.

Olhando a agoa :

E corres sempre...
Vae ! é esse o teu destino,
Vae para o mar, soltando os teus adagios,
Tu que és hoje mais docil que um menino,
E que amanhã farás afflicções e naufragios.
Caminha, pois é escripto que me deixes,
Tu que hoje beijas meus seios redondos,
E amanhã levarás cadaveres hediondos,
Roidos pelos peixes...
Vae ! Celebrando esta garganta de jasmins,
Embala o somno das ondinas glaciaes,
Que se enfeitam com busios e coraes
Reclinadas no dorso dos delphins...

— Vendo-se cheia do perolas d'agoa.

Correndo para o mar, toda chorosa, a agoa
Enfeitou-me com lagrymas ; fieis,
Assim os noivos moribundos dão anneis
Ás noivas liriaes, brancas de magoa...

— Embrulha-se n'um lençol.

Pobre agoa! Ella lá vae n'um rythmo amargurado,
Com seus prantos molhando os troncos e as raizes;
Percorrerá legoas, regará paizes,
Sempre co' a tristeza de me ter deixado...
Pobre agoa crystallina!
Beijou-me e partiu como um condemnado
Que beijasse a noiva ao pé da guilhotina...
Longe de mim, nas noites silenciosas,
Não podendo voltar para traz, sem poder
Tornar a ver meu corpo, ás nuvens gloriosas
Subirá, e cairá, em orvalho, nas rosas,
P'ra me tornar a ver...
Agoas verdes, da côr do alecrim do norte,
Que grande chuva, que triste chuva deve haver
No dia da minha morte!

— Desembrulha-se e mira-se.

Como eu sou linda!
Fina como uma flor, flexivel como um vime!
Como eu sou linda! como eu sou linda!

— Enxugando as mãos:

Pallidas aias, minhas mãos, vesti-me!

— Os patos saem da ribeira, coçando-se com os bicos.

Lá vem aquelles de quem sou amiga,
Amiga, senhora e escrava;
Quando os conduzo, canto esta cantiga,
Que a minha ama antigamente me cantava:
Pato aqui,
Pato ali,
Filha de rei, guardando patos,
Foi coisa que nunca vi...

— Os patos acocoram-se a uma sombra. A Donzella começa a vestir-se.

Eu sou filha d'um Rei, nasci entre grandezas,
Comi em pratos d'oiro;
Lyncurios, prazios, jades e torquezas
Incendiaram meu cabello loiro;
Finas lhamas, velludos lisongeiros
Vestiram meu corpo em flor;
Tive açafatas, damas d'honor,
Galgos, falcões e alabardeiros;
Quando eu passava, linda como as fadas,
Eu, a amargura dos jasmins,
Lançavam flor's pelas escadas
E pó de prata nos jardins;
E aos meus pés magros, afilados,
Brilhavam fulvos sitiaes,

Onde ajoelhavam, deslumbrados,
Principes, Duques, Cardeaes...
E eu sempre triste n'esse luxo! e eu só contente
Quando, distante d'essa opulencia real,
Nua como o mar, me banhava indolente
Do meu espelho no frigido crystal!
E eu exilada do meu deleite,
Achando tudo vil, pobre, sem arrebol!
Não pode ver a luz do azeite
Quem se acostuma a ver o sol...
E eu sempre triste, sempre triste... Até que um dia,
Cingida de alegría,
Deixei riqueza, sumptuosidade,
Só p'lo prazer
De me ver,
De me adorar á vontade...
Deixei grandezas,
Leito de prata e pratos d'oiro,
Deixei lyncurios e torquezas
Que incendiavam meu cabello loiro,
E vim viver ao pé d'este regato
Onde passo, vestida de ventura,
A contemplar-me, conservando intacto
O mysterio da minha formosura,
Onde guardo patos de quem sou amiga,
Amiga, senhora e escrava,
Cantando esta cantiga
Que a minha ama antigamente me contava:
Pato aqui,
Pato ali,
Filha de rei, guardando patos,
Foi coisa que nunca vi...

— Deita-se na relva, fazendo travesseiro do seu braço.

Se meu Pae, de joelhos,
Buscar-me agora viesse,
Desprezaria rogos e conselhos...
Viverei só : ninguem no mundo me merece... »

— Adormece.

(*Sylva.*)

NOCTURNO

A Jean-François Raffaëlli.

« Je suis cellui au cueur vestu de noir.

Ch. d'Orléans.

Na viuvez da alameda
Andam bailes de folhas seccas...
Paisagem vaga como o avèsso d'uma seda...
O crepusculo põe velludos nas charnecas...

Como Princezas desfloradas,
N'uma floresta, p'los ladrões,
As altas arvores magoadas,
Que o vento abraça aos repelões,
Choram n'um còro de afflicções,
Hirtas, medrosas, despenteadas...
Tudo cinzento, tudo cinzento...

As fontes chamam umas pelas outras...
Como lanças hostis, ao vento,
Tremem as cannas do cannavial...
E as fontes chamam umas pelas outras,
Como cegas perdidas n'um pinhal...

Como esveltas Imperatrizes
Barbaramente desthronadas,
As grandes arvores magoadas
Choram hirtas, despenteadas...
Estalam no chão suas raizes,
Teem na alma sete espadas...
— Pobres Rainhas, que o vento humilha,
Rainhas de golpeado peito,
De qual de vós ha-de ser feito
O berço estreito da minha filha?

Ergue-se a Lua de cabellos brancos...
Ao luar, as montanhas são grisalhas...
Ao luar, os mortos põem a seccar suas mortalhas...
E a Lua derrama cabellos brancos...

Pelas desertas avenidas,
Longas, tristissimas, profundas,
As altas arvores doridas
São como santas moribundas...
— Arvores negras, cuja voz
Me enche de espinhos o coração,
De qual de vós, de qual de vós
Ha-de ser feito o meu caixão?

Calou-se o vento... Um céo d'oiros macios...
Como uma doce, affavel enfermeira,
A Lua põe-se á cabeceira
Das agoas doentes nos paues sombrios...

Morto, cançado dos seus giros,
O vendaval foi-se deitar,
E os arvoredos, ao luar,
Não choram já, só dão suspiros...
— Ó sequiosas da manhã,
Ó sequiosas de luz nova,
Onde estará a vossa irmã,
Que ha-de dar sombra á minha cova?

(*Sylva.*)

INTERLUNIO

A João de Deus.

Apagou-se a Lua... Frígido, o nordeste,
Entre os altos ramos, corre á desfilada...
N'um pinhal sombrio, pela noite agreste,
Vae uma Rainha toda esfarrapada.

Suas finas pernas d'um fanado encanto,
Onde se abrem chagas como rubras flores,
Saem p'los buracos do seu roto manto,
Como pobresinhos a chorar com dores.

Cada vez se torna mais profunda a treva...
E a Rainha corre, cheia de afflicção...
Leva os pés descalços e no peito leva
Um punhal, cravado sobre o coração.

As silveiras bravas rasgam-lhe os vestidos,
Já tão rasgadinhos, seja p'lo Senhor!
Vendo-a, os carniceiros lobos atrevidos
Mais os corvos negros fogem com pavor.

Por mais que abra os olhos, vê tudo ás escuras,
E não ha um astro que no céo desponte!
Tem fome e não acha senão pedras duras,
Tem sede e não ouve um marulhar de fonte!

P'ra enganar a bocca, molha os dedos finos
No peito, perlado de rubis astraes,
E n'agoa em que nadam seus olhos divinos:
Mas o sangue e o pranto ainda a escaldam mais.

— « *Porque é que não rompes, boa Lua, agora,*
« *Tem piedade, ó Lua, vem me soccorrer,*
« *Sê a minha doce, branca salvadora,*
« *Se tu me não guias, vou aqui morrer!* »

Mas a Lua dorme bem descansadinha,
A treva é mais densa e o vento é mais forte...
Sem parar, lá corre a lirial Rainha
E já atraz d'ella vae andando a Morte.

Na corrida, cae-lhe o diadema d'oiro,
Põe-se a procural-o, mas não o acha, não!
Prende nas piteiras seu cabello loiro
E retalha os pulsos nos cardaes do chão.

Resignada, segue, cheia de desgosto,
Já quasi sem forças, quasi a succumbir:
Vae de encontro aos troncos, corta as mãos e o rosto,
E a morte atraz d'ella... e o Luar sem vir!

Já lhe falta a vista, já não tem memoria,
Já as mãos, de frio, se lhe tornam roxas!
Ai! pobre Rainha, cuja triste historia
É de arrancar prantos aos metaes e ás rochas!

Lá no seu palacio de alabastro, cheio
De perfumes, pedras e oiros trabalhados,
Corria-lhe a vida como um fino veio
D'agoa, serpenteando por macios prados.

P'las serenas tardes, n'um balcão cimeiro,
A gracil Rainha ia-se assentar,
E os seus olhos iam a um pinhal fronteiro,
Marulhante, vasto, verde como o mar.

De longe, os pinheiros, vendo-a no balcão,
Fallavam com ella, tentadoramente:
— « *Vem viver comnosco n'esta sodidão,*
« *Se a Fortuna buscas, vem viver co'a gente.*

« *Entre os nossos ramos, um palacio existe,*
« *Mysterioso, enorme, cheio de riquezas,*
« *Um grande palacio como nunca viste,*
« *Onde as açafatas são reaes princezas.*

« Ar que lá se aspira derrama caricias,
« Fonte que lá canta é um festim de cores.
« Quem lá entra vive n'um mar de delicias,
« Musicas, aromas, pedraria e flores.

« Deixa o teu palacio, vem viver no nosso,
« Bella flor de fogo que morres no gelo;
« És n'esse palacio qual rubim n'um poço...
« Que o rubim se engaste n'um diadema bello! »

Ouvindo essa fala, toda estremecia,
Toda se agitava, olhos no pinhal,
Já não ia á cama, no balcão vivia
A pensar, tentada, no palacio astral.

Pallida, magrinha, damas e escudeiros
Lagrymas piedosas vertiam ao vel-a;
E as nevadas pombas, por sobre os pinheiros,
Eram lenços brancos a chamar por ella...

Eram lenços brancos a chamar por ella,
E tanto a chamaram que a persuadiram:
Uma tarde — ardia a vespertina estrella —
Disse adeus ás aias que jamais a viram.

Foi-se por caminhos longos, ignorados,
Por charnecas negras e azinhagas más;
E nem uma alminha n'esses descampados!
Só a Lua errando pelo ceo lilaz...

Morta de fadiga, cheia de poeira,
Viu-se, finalmente, no pinhal sombrio...
— « *Sé, ó Lua! a minha doce companheira!* »
Ia já descalça, tinha fome e frio.

Do palacio em cata, foi andando anciosa,
Té que o Luar sem alma, perdida, a deixou...
Ai! pobre Rainha, pobre ambiciosa,
A ambição seguiste e ella te matou!

Eil-a como corre desvairada, a pobre!
Assustando trevas, feras e ladrões...
O seu sangue a veste, seu suor a cobre,
Lagrymas, que chora, queimam, são carvões.

— « *Porque é que não rompes, boa Lua, agora,*
« *Tem piedade, ó Lua, vem me soccorrer;*
« *Sê a minha doce, branca salvadora,*
« *Se tu me não guias vou aqui morrer!* »

Mas a Lua dorme bem descansadinha,
A treva é mais densa e o vento é mais forte...
Sem parar, lá corre a lirial Rainha,
E já atraz d'ella vae correndo a Morte...

Por fim, já sem fôrças, cae, desamparada,
N'um sombrio leito d'urzes e d'abrolhos...
Crendo-a morta, n'uma lugubre grasnada,
Já dois corvos andam a picar-lhe os olhos.

A geada dá-lhe navalhadas finas,
E as silveiras bravas deixaram-n-a nua!
Moribunda, aperta suas mãos franzinas,
Solta um ai e morre...
E apparece a Lua...

(*Interlunio.*)

CATHARINA DE ATHAYDE

Repousa lá no ceo eternamente...

LUIZ DE CAMÕES.

Não fôra eu cansado peregrino,
Mas donzella de rosto melodioso,
E os destinos me désse o Deus piedoso
Para escolher, escolhera o teu destino.

Deu-te o Senhor o Lirio Crystallino,
Que se quebra mal vem o impuro goso;
Tu o tomaste inteiro e luminoso
E tal o conservaste, ingenuo e fino...

Foi-te a Illusão qual ama carinhosa,
Qual sombra doce de floridos ramos,
Qual mão de seda, derramando mimos...

Feliz! Feliz! Tiveste, ó venturosa,
O perfume de quanto ambicionamos
Sem o travo de quanto possuimos.

(Interlunio.)

AO PRATEADO MONDEGO

Pára, Mondego! não prosigas,
Prateado rio, não caminhes para o mar;
Ouve da minha bocca as palavras amigas,
Que te podem salvar...

De ambicioso que és até parece
Que tens um fragil coração humano,
A Ambição te subjuga e te endoidece,
Rio, quer's ser oceano!

Julgas ir para o sol e vaes p'ra as trevas:
Chegado lá,
A agoa doce que levas
Salgada se tornará...

Antes que a tua alma chore arrependida,
Pára ambicioso! para o mar não vás,
Que és sobre a areia como nós na vida,
Que não podemos voltar atraz...

Olhos n'um traiçoeiro, fementido norte,
Não ouves dos mochos os fataes presagios;
Onde a vida buscas vaes achar a morte,
Eras bom e doce e vaes fazer naufragios!

Deixaste as serras limpidas, honestas,
E as aldeias viçosas,
Deixaste a paz amiga das florestas
E vaes beijar cidades crapulosas!

Põe em mim os teus olhos de beryllo,
Rio, onde, ingenuo e moço, naveguei;
Como tu, na Ambição busquei um claro asylo,
E vê o que lucrei...

Vê como volto, a alma esfarrapada,
Desilludido, cheio de amargor,
D'essa ululante Babylonia mais damnada
Que a do alto rei Nabuchodonosor.

Fui á cata de rutilas grandezas,
Palacios d'oiro, homens leaes, mulher's divinas,
E só achei infamias e torpezas,
Feras e ruinas!

Tristes os que caminham n'esta vida,
Cegos, atraz d'uma illusão traiçoeira!
Onde eu imaginára os canteiros de Armida
Achei uma estrumeira...

Busca na solidão um carinhoso abrigo,
Enforca as ambições, que te andam a tentar;
Pára, meu doce, meu prateado amigo,
Não corras para o mar!

Antes te beba a terra ou te transforme em lago!
Detem-te! e se a piedade á alma levas presa,
Lava-me a vista, que tão suja trago
De ver tanta impureza...

(*Interlunio.*)

AMORES

A Jean Moreas.

Judith, a loira e magra, que ora vive
Entre palmas e myrrha, nas novenas:
Dulce, a de peitos de hydromel e pennas
Com quem tempestuosas noites tive;
Maria, a ingenua, a placida e macia,
Ingenua como um pintasilgo, e pura
Como um mez-de-Maria:
Lydia, a trigueira hostil, severa e dura,
E Fabria, o de olhos perturbantes, lassos,
Fabia, cujos abraços
Me vestiam de aromas:
Todas adorei.
Todas me adoraram
E todas choraram
Quando as desprezei.

Antes de as possuir, antes de as subjugar
Co'a fôrça do meu verbo e a luz do meu olhar,
Em cada uma via eu um céo aberto ;
Mas, apenas ao peito as comprimia,
O meu enthusiasmo arrefecia
E o céo sonhado transformava-se em deserto...

Ante a posse, os desejos esmorecem :
Do amor na amarga pugna,
Fui como os doentes que tudo appetecem
E a quem tudo repugna...

(*Interlunio.*)

TIRESIAS

Ao Dr. Theophilo Braga.

Sylvio, cabreiro moço e namorado,
Um pifano talhava, distrahido,
Quando viu um pastor a si chegado.

Era um velhinho magro e combalido,
Seus cabellos, a edade os prateára,
Dos seus olhos a luz tinha fugido.

Os abysmos receando, com uma vara
Tacteava o sólo, e tão direito ia
Que dir-se-ia que o pau olhos creára...

SYLVIO

Onde haverá metal ou penha fria
Que não se compadeça e prantos sue
Por quem, triste, não vê a luz do dia?

TIRESIAS

Por tua voz que tão macia flue,
Sinto que és novo entre os adolescentes
E, como tal, ingenuo como eu fui.

Enganado pastor, não me lamentes;
Só se deve chorar quando se veja
Desgraça que mereça prantos quentes.

Que o teu espirito allumiado seja
Como o meu! Por me veres velho e cego,
Não me volvas piedade mas inveja.

Ouve-me tu, cabreiro, com socego,
Minhas palavras na tua alma grava,
Que ao teu tempo darás um bom emprego.

Quando Apollo na terra pastoreava,
Vista tive nos olhos, mas sem gôsto,
Que os olhos livres fazem a alma escrava.

Pelos Deuses, meu berço foi disposto
N'um verde bosque onde me deu á luz
Chariclo, nympha de invejado rosto.

Ahi medrei, do sol aos raios crus,
E ahi, folgando com leaes pastores,
Serenas olympiadas transpuz.

Vivia em sonhos mil, embaladores,
Dormia ao luar, coroava-me de rosas,
Davam-me as vespas mel e o campo flores.

Meus olhos viam coisas deliciosas,
Vergeis doirados, encantadas ilhas,
O sol, o gelo e as lymphas murmurosas...

Mas da terra as variadas maravilhas
Cansam como as caricias femininas,
Como as mui apertadas gargantilhas!

Cansadas, dos meus olhos as meninas,
Cansadas das terrenas formosuras,
Já buscavam, anciosas, as divinas.

Transformaram-se montes e planuras,
Via no mar de prata um crystal baço
E nos dias de sol noites escuras;

Parecia-me nevoento o claro espaço.
Sem cheiro o nardo e o alecrim do norte
E sem belleza o mais formoso paço...

Desilludido e triste, de tal sorte
Se me foi a minh'alma anuveando,
Que até, por vezes, desejei a morte.

Pref'rindo assim, ao negro mundo infando,
Do Tartaro as negrissimas cavernas,
Que o tricephalo cão está guardando.

Meus olhos suspiravam p'las eternas,
Olympicas bellezas duradouras...
Por um par d'azas como eu déra as pernas!

Preso á terra p'los pés, minutos, horas
Me eram tristes: vivia afflictamente
Qual Salmoneo nas chammas queimadoras...

Certa manhã de estio, resplendente,
Iam meus cães atraz de incauta cerva
E eu soprava n'um pifano dolente,

Quando, entre as ramagens, vi Minerva
Despindo-se, com seu frescor perenne,
O elmo, o escudo e a lança sobre a herva.

Solto o pallio de purpura solemne,
Os cabellos, a tunica e os collares,
Eil-a que entra nas aguas do Hippocrene!

Deslumbrados e accesos, meus olhares,
Por entre as folhas, iam-se a beijal-a,
Quaes finas frechas golpeando os ares...

Nada do que ha da terra á flor eguala
A belleza que estava contemplando,
Timido como timida zagala.

De ver encantos taes, iam medrando
Na minha alma rufladoras azas,
Na vista me corria um licor brando.

Meus olhos a queimaram — vivas brazas!
Viu-me a Deusa! e escondendo os alvos seios
E o claro ventre, com macias gazas,

A arder de furia e com hostis meneios,
Tirou-me a luz dos olhos atrevidos,
Que d'uma luz melhor ficaram cheios!

Deixei de ver os laranjaes floridos,
Os campos onde pastoreava Apollo,
Os templos e os ribeiros foragidos,

Mas de Minerva, em paga, via o collo,
O peito e a bocca (bocca de creança!)
E a coma negra, onde brincava Eolo...

Foi-me a cegueira tão suave e mansa
Que a recebi — assim me ouçam os céos!
Por um extremo d'amor, não por vingança.

Amado por Minerva, os olhos meus
Ella os encheu da sua formosura,
Ciosamente, para os ter bem seus...

Ah! quão macia a sua alma dura,
Que me deu no castigo recompensa
E oceanos de sol na noite escura!

Cego, não topo lynce que me vença,
D'olhos mais penetrantes e incisivos!
Achei calma saude na doença...

Deu-me, quem dôr me dava, lenitivos,
E vejo mais com estes olhos mortos
Que todos os mortaes com olhos vivos...

Não vejo os rios, os jardins, os portos,
Mas vejo a Deusa que divisei núa
E por castigo me volveu confortos.

Envelheci a amar a imagem sua,
Acariciante como a fina marta,
Jámais envelhecida como a Lua!

De me vestir de luz nunca se farta,
Ella que m'a tirou e a Lua vence,
Pois do meu claro céo nunca se aparta.

A ventura sem tregoas me pertence.
São-me os dias perpetuas alvoradas:
Que ninguem vãos suspiros me dispense.

Invejae-me, ó mortaes, cujas amadas,
Passado o maio que lhes tinge o rosto,
Se tornam velhas, feias, enrugadas...

Invejae-me, cubri-vos de desgosto!
Sou como Anacreonte, velho e amante,
Nunca assisto ás tristezas do sol posto,

Vejo a manhã romper a todo o instante!

(*Tiresias.*)

SAGRAMOR E CECILIA

I

Ao anoitecer. Rua estreita, de aspecto medieval, ennegrecida pela sombra d'um velho palacio transformado em prisão. A uma das janellas, espreitando por entre as grades, apparece Cecilia, linda donzella de dezeseis annos, loira e alvissima... Os seus dedos seguram um fio d'onde pende, para a rua, o pequeno cesto em que recolhe as esmolas dos passantes.

CECILIA, vendo Sagramor :

Senhor, meu bom senhor! por Deus! uma esmolinha!

SAGRAMOR

Ah! que linda tu és!... Que angelica belleza!
Tua mãe foi decerto a mais linda rainha!
Que fazes tu ahi, tão pallida?

CECILIA

Estou presa...

SAGRAMOR

Presa?... Presa por quê?

CECILIA

Prenderam-me, senhor,
Por furtar uns anneis para florir meus dedos..,
Meus olhos, de chorar, já vão perdendo a côr,
Quaes, sob a chuva, pelo outomno, os arvoredos...
Nas tranças trago só capellas de martyrios,
Por joias, tenho só braceletes d'algemas...

SAGRAMOR

Pois não viram, meu Deus! que os teus dedos são lirios
Que só podem viver orvalhados de gemmas?
Que doce crime, o teu! — crime d'anjo travesso...
Que olhos cheios de dor!

CECILIA

Já foram joviaes,
Mas agora, ai de mim! nem eu propria os conheço!
— Depois de preso o rouxinol não canta mais...

SAGRAMOR

Que annos tens?

CECILIA

Dezeseis...

SAGRAMOR

E prendem-te, os malvados!
E o teu nome?

CECILIA

Cecilia...

SAGRAMOR

O nome d'um santa!
E os teus paes onde estão, Cecilia?

CECILIA

Sepultados...

SAGRAMOR

E noivo, não tens um?

CECILIA

Ninguem de mim se encanta...
Quem ha-de amar, senhor, uma presa?

SAGRAMOR

Amo-te eu!

CECILIA

Vós... amar-me... senhor! Estaes por certo a brincar...
Que posso eu dar-vos se nada tenho de meu?

SAGRAMOR

O luar da tua alma e o mel do teu olhar...
Cecilia! amo-te muito... muito...

CECILIA

Ah! se assim fosse!
Estarei eu a sonhar?... Ah! por Deus, não zombeis...

SAGRAMOR

Nunca ouvi uma voz tão oleosa e tão doce...
Fala! quero-te ouvir!... Gostas muito d'anneis?

CECILIA

Ah! se gosto de anneis!... Como brilham! que aurora!

SAGRAMOR

E tens muitos?

CECILIA

Senhor, tive-os, cheios de luz,
Mas os maus, os crueis! tiraram-m'os... e agora
Os meus dedos olhae : trago os meus dedos nús!
Envolvo-os, muita vez, ao vel-os tiritantes,
Com lagrymas rogaes, diamantes a fingir,
E elles, julgando verdadeiros os diamantes,
Alegram-se, os sem còr! e até parecem rir!
Sem differença os filhos devem ser tratados,
Por isso, ao enganar as mãos, picam-me abrolhos :
São meus filhos tambem meus olhos desolados.
E eu, p'ra enganar as mãos, faço penar os olhos.

SAGRAMOR, tirando os anneis que traz nos dedos :

Pobres dedos, que estão pedindo alvos arminhos,
Bem dignos de tanger as mysticas violas!
São teus estes anneis... agasalha os nusinhos!
Mas... como t'os darei?

CECILIA

No cesto das esmolas.

Cecilia faz descer o pequeno cesto. As suas mãos, desenrolando o fragil cordel, alvejam cheias de graça.

SAGRAMOR

Que delicia de mãos! que maviosos gelos!
Parecem duas flor's que caissem da lua!

De subito, parte-se o cordel.

Oh! como ha-de isto ser?

CECILIA

Soltarei meus cabellos!
Meus cabellos, senhor, chegam até á rua...

Cecilia desprende os seus reaes cabellos d'oiro, que descem, magnificos, pela parede abaixo.

SAGRAMOR

Chove oiro! Que explendor! Que preciosas torrentes!
Chove oiro! Chove sol! Que torrencial thesoiro!
Nas madeixas brincando, as tuas mãos albentes
São dois anjos a rir n'uma floresta d'oiro!
Que escada de Jacob para alados desejos!
Que escada p'ra subir á tua bocca em flor!
Que estrellado jardim para adormecer beijos!
Amo-te muito!... Vem!

CECILIA

Estou presa aqui, senhor...

SAGRAMOR

Irei buscar-te...

CECILIA

A mim? É alta esta janella
E gradeada de ferro...

SAGRAMOR

Arrombarei a porta...
Serei preso... entrarei depois na tua cella...
E ter-te-ei afinal!... Preso ou solto, que importa?

Sagramor dirige-se, hallucinadamente, para a portaria da prisão; momentos depois, ouve-se o estremecer d'uma porta violentada. Gritos, espadas tilintando.

Ao nascer da lua pela janella de Cecilia, sae um murmurio de beijos e de vozes apaixonadas.

II

De noite. Uma enxovia. Pallido como um condemnado á morte, os cabellos revoltos, os olhos doidos, Sagramor está sentado n'uma velha enxerga, ao pé de Cecilia adormecida.

CECILIA, despertando

Sagramor... Sagramor...

SAGRAMOR

O que é, Cecilia?

CECILIA

Deita
A cabeça em meu seio... e dorme um pouco... dorme...
Quando eu dormia só, esta enxerga era estreita,
Mas agora, comtigo, amor! como é enorme!
Quando, ás vezes, do meu o teu corpo se afasta,
Exaggéro a distancia e firo o coração
E julgo que esta enxerga é uma floresta vasta,
Onde eu, pallida, vou a procurar-te em vão!
Vem dormir, Sagramor... Meus braços serpentinos,
Como cobras de leite, agitam-se em desejos...
Mas... que dòr entristece os teus olhos divinos?

SAGRAMOR

A saudade cruel dos teus primeiros beijos...

CECILIA

Pois quê? os beijos que te dou serão tão frios
Que te façam chorar aquelles que te dei?
Minha bocca já não conterá amavios?
Em tres noites d'amor já de amor te fartei?

SAGRAMOR

O amor, ó pobre amiga, é um doente caprichoso,
Só ama o que não tem e o que se foi ligeiro...
Só o primeiro beijo é suave e voluptuoso,
Os outros beijos são phantasmas do primeiro...
O amor é um instante só, um relampago escasso,
— É um seculo ao pé d'elle a breve mocidade...
É o primeiro beijo, é o primeiro abraço,
É o primeiro olhar : tudo mais é saudade...

CECILIA

Ai de mim! ai de mim! Triste destino o meu!
O que ha-de ser de mim?

SAGRAMOR

Chóra! o chôro conforta...

CECILIA

O que ha-de ser de nós se o nosso amor morreu?

SAGRAMOR

Vivamos a chorar a nossa paixão morta...

CECILIA

Habituada a chorar, habituada a ser triste,
Logo vi que a ventura havia de fugir;

Mas, meu Deus, meu Jesus cruel, que não me ouviste,
Se só devo chorar, porque aprendi a rir?

SAGRAMOR

Cecilia! o amor engana as almas innocentes,
Só derrama illusões, doidos sonhos inspira;
Dos antros faz reaes palacios resplendentes
Com pedrarias, flor's e lhamas de mentira...
Quando aqui penetrei, esta enxovía tinha
A opulencia real d'um palacio de lendas,
E esta enxerga par'ceu-me um leito de rainha,
Com damascos boreaes e nevoeiros de rendas...
Pelas paredes vi sedas, espelhos, télas,
E lumes a fulgir entre verdes grinaldas,
Em cestos d'oiro, a arder, plantas que davam estrellas
E em mosaico, no chão, beryllos e esmeraldas.
Mas hoje tudo é negro, embaciado, sombrio!
Rendas, joias e flor's em cestos d'aurea verga,
Tapetes e metaes, tudo, tudo fugiu!
Adormecí no céo e acordei n'uma enxerga!
Não posso aqui viver, n'este abysmo alarmante,
Onde as paredes, como espectros vingativos,
Fazem estranhos signaes, a combinar o instante
Em que hão-de desabar e supultar-nos vivos!
Vamos fugir!... Enchí de vinho as sentinellas,
Que já estão a dormir...

CECILIA

E onde iremos d'aqui?

SAGRAMOR

Ao acaso... não sei... quaes navios sem velas...

CECILIA

Serei a tua sombra, irei atraz de ti...

SAGRAMOR, levantando-se para sair:

Não te demores... Vem!... Com real apparato,
Já se adivinha, ao longe, o sol flammante e loiro...
Vamos, veste-te e vem! Vamos...

CECILIA, erguendo-se nua:

Não tenho fato...

SAGRAMOR

Desprende o teu cabello: irás vestida d'oiro!

Cecilia, desprendendo os cabellos e vestindo-se com elles, foge atraz de Sagramor.

(*Sagramor.*)

OS BRAÇOS DE FULVIA

Cada um dos teus braços, ó sereia,
É uma cadeia!
Nenhum tacto conhece
Coisa mais doce, nuvens ou setim...
Os da Venus de Milo, se os tivesse,
Deviam ser assim!
Assim... não! linda flor que te condoes
Das minhas magoas co'as caricias tuas,
Não! não eram assim!... não ha dois soes
Nem duas luas!
Não! não eram assim como os teus braços,
Que me entreabrem o céo quando os contemplo,
Nem a Deusa os perdeu em mil pedaços
Nas ruinas do seu templo!
Um pezar bem horrendo
Com certeza affligiu a Deusa bella:
Não os perdeu, partiu-os, antevendo
Que a belleza dos teus rebaixaria os d'ella!

(*Sagramor.*)

ALCEU E SAPPHO

Alceu, das proprias Musas maravilha,
Que os mais sabios rivaes trazia oppressos,
Que ainda agora todos vence e humilha
Co' a perfeição dos dactylos travessos
E dos coryambos d'alta magestade;
Elle, que celebrou em verso fulgurante
A visita de Apollo á hyperborea cidade,
E a sua entrada triumphante
Em Delphos, entre os péans e o murmurio
Dos rouxinoes;
Elle que descreveu as manhas que Mercurio
Teceu para roubar os apollineos bois;
Elle, o proscripto,
P'los nobres corações sempre lembrado;
Tendo voltado emfim do Egypto,
Onde estivera expatriado,
Onde fôra buscar um quieto abrigo,
Fugido de tyrannos e rivaes,
Um dia, ao pôr do sol, seguindo pelo caes,

De repente encontrou Thymocles, seu amigo...
Abraçaram-se os dois... A tarde era de pennas,
Vinham do alto mar triremes, bergantins,
E a viração trazia o riso das sirenas
Que andavam a brincar com os maviosos delphins...
E a Thymocles disse o amargurado Alceu,
Que a desgraça tornara quasi louco :
— « *Vê tu, amigo, que infortunio o meu!*
« *Como se o exilio ainda fosse pouco,*
« *Afastam-me dos meus!... O meu irmão mais q'rido*
« *Antimenides, que amo com fervor,*
« *Vive longe de mim, combatendo aguerrido*
« *Entre os soldados de Nabuchodonosor.*
« *Prézo muito, é verdade, a refulgencia*
« *Da sua gloria, dos seus feitos de valente.*
« *Porém a sua ausencia*
« *Queima-me o peito, como um ferro ardente...*
« *E todo este soffrer de tantos annos,*
« *Tantos tormentos, tanta desgraça,*
« *Tudo por causa dos tyrannos,*
« *Que opprimem a nossa raça...*
« *De Melanchros, Megalágyros, Myrsillo,*
« *Caiu por terra o duro poder,*
« *Mas ai! quando eu julgava ver*
« *De paz um cyclo abrir-se aureo e tranquillo,*
« *Eis que Pittacus surge e nos opprime,*
« *Sombrio e rude,*
« *Elle, o cruel, cuja melhor virtude*
« *É mais odiavel que o mais tredo crime...* »

Subito, ao longe, uma voz se levanta,
Como um luar,
Prateada voz, que encanta e canta
Doce cantar...

— *É Sappho*, diz Thymocles...
E a voz doce,
Toda de plumas, toda de prata,
Faz cerrar os olhos em volupia doce,
N'uma doçura que arrebata...
E as almas partem, fugindo,
E vão deitar-se n'essa voz como n'um leito,
Na voz que lança rosas sobre o peito
Dos que a estão ouvindo...
A ouvir o canto encantado,
Até a lua pára lá em cima,
E esquecendo os tyrannos, extasiado,
Alceu caminha para a voz, que se approxima...

Dias depois, por um amanhecer mui brando,
No bosque de Aphrodite, entre as roseiras,
Triste, o rosto cavado p'las olheiras,
Alceu comsigo mesmo vae falando :
— « *D'Erymantho o sanhudo javali,*
« *Da lagoa de Lerna o monstro aterrador*
« *São andorinhas ao pé de ti,*
« *Cruel Amor !*
« *O loiro mel*
« *É bem doce mas faz endoidecer,*
« *Assim tu és, traiçoeiro ser,*

« *Amor cruel!*
« *Desde que os olhos meus viram os olhos*
« *De Sappho, amadas flores,*
« *Se no somno procuro afogar minhas dores*
« *É-me o leito mais doce uma enxerga d'abrolhos;*
« *Não durmo, ando n'um doido desvario,*
« *Géla-me o fogo, queima-me o frio...* »

Ao fundo da avenida,
N'um hallo de belleza merencoria,
Sappho apparece, pallida, seguida
Por Atthis e Anactoria...
Tristissima, abatida, a tiritar,
Como velhinha envolta em roupagens molhadas.
Os seus olhos são dois naufragios ao luar,
E os labios seus duas rosas crestadas...

— « *Sappho!* murmura Alceu, *meu doce enlevo,*
« *Ó mais doce que as uvas de Coryntho,*
« *Quero falar comtigo e não me atrevo*
« *A dizer-te o que sinto...* »

Mas Sappho,
Derramando no ar o cinnámomo puro
Do seu fumegante bafo,
Volveu-lhe assim, n'um tom bem duro:

— « *Se os teus desejos fossem nobres, bellos,*
« *Não terias vergonha de dizel-os;*

« *Se córas, ao fitar-me, e hesitas em dizer-me*
« *O que trazes no peito envergonhado,*
« *É porque o teu desejo é immundo como um verme*
« *E como um verme deve ser pisado...*
« *Se é o amor que te faz seguir-me a toda a hora,*
« *Por toda a parte,*
« *Mata esse amor que te devora,*
« *Porque eu não posso amar-te...* »

Alceu ia a falar, mas Atthis, suspirosa,
Disse-lhe, cheia de tristeza :
— « *Pois não sabes que Sappho, a desditosa,*
« *Ama Phaonte, que a despreza ?* »
E ao fundo da avenida,
N'um hallo de belleza merencoria,
Sappho desappar'ceu, tristissima, seguida
Por Atthis e Anactoria...

Os dias, velozes potros,
Correndo foram, uns atraz dos outros...
Chegou o tempo da vindima ; p'los vinhedos,
Os cytharedos peregrinos,
Nas cytharas passando os ageis dedos,
Cantam : *Ai Linos!... Ai Linos!...*
Queimam as sarças soturnas
De Syrius ruivo, inclemente,
E as boccas, sequiosamente,
Collam-se á bocca das urnas...
As moças riem p'los vinhedos,
Tudo sorrisos, descantes, hymnos,

Canta a cigarra, e os cytharedos
Cantam : *Ai Linos!*
Toda a gente da cidade
Anda nas vinhas cantando...
Ai! p'las desertas ruas da cidade,
Vão dois vultos chorando, suspirando...
Desde que o sol se eleva no horisonte
Até que a lua pratêa o céo,
Anda Sappho a chorar e a chamar por Phaonte,
E por Sappho suspira e chama o triste Alceu...
E é de cortar almas d'algoz,
Troncos, penedos inanimados,
A supplicante, dolorida voz
D'aquelles corações desencontrados...

Um dia emfim,
Sappho, a humilhada, a escarnecida,
Tomando a sua lyra de marfim,
Disse, do Leucate, adeus á vida,
E em convulso chorar,
Na morte procurando um somno doce,
Lançou-se
Ao mar...

(*Sagramor.*)

A GUARDADORA DE PORCOS

Abençoada pobreza, essa que me faz ver,
Pelos buracos do teu manto,
Do teu corpinho doente o prestigioso encanto,
Meu lindo e fragil ser!

Não fôras pobresinha como és,
(Tão pobresinha como o meu desejo!)
Ai! não veria, como agora vejo
Descalços, os teus pés...

Cobrem as outras com velludos e escumilhas
Seus corpos sem frescor e sem requinte,
Tu, p'lo contrario, ó linda pedinte
Em farrapos escondes maravilhas.

É para ti um sol qualquer moeda de cobre.
Bizarra flor que na immundicie medras...
E ai! que tristeza a dos teus pés nas pedras!
Bem se vê que os teus pés não são de pobre...

E as tuas mãos! Quando ellas virem joias finas,
Dos joalheiros nas montras esbrazeadas,
Devem par'cer velhinhas engelhadas,
Vendo as bonecas com que brincaram quando meninas..

E guardas porcos!... Mas que encanto se debuxas
Um gesto no ar!... tão lindo que eu não sei...
Talvez tu sejas filha d'um rei,
Talvez tu fosses roubada p'las bruxas...

E atraz dos porcos, vaes a fiar, ó pobresinha,
Magrinha como um espectro...
E o teu fuso parece em tua mão um sceptro!
Ah! bem se vê que já foste rainha....

(*Sagramor.*)

O TRITÃO

Ondas, verdes irmãs com quem brincava d'antes
P'los maviosos luares,
Parae, erguidas no ar, como deuses gigantes,
Vinde ouvir meus suspiros e pesares!

Na ignorancia do mal, do tedio e do soffrer,
Logrei horas de paz n'um passado já fosco:
De coraes me adornava e o meu maior prazer
Era brincar comvosco...

Vós me levaveis, lindas irmãs, em vossos hombros,
E em balanços d'amor me acalentaveis,
E pelo sol, sedento de assombros,
Ia ao fundo do mar ver coisas admiraveis.

Ah! o fundo do mar! que paiz de explendores!
Polypos d'oiro... madreporicas ruas...
E os peixes a passar com lanternas de cores
Nos olhos grandes como luas!

Eis que um dia, porém, um navio se avista!
Medroso, a contemplal-o, entre vós me occultei,
E sob um toldo vi, com olhos de amethysta,
Uma linda rainha enleando um lindo rei...

Ai do pobre Tritão!... No campo de saphira
Sumiu-se a embarcação lenta, soberba e calma...
Mas o amoroso par ao amor me induzira,
E senti-me com alma!

E então ouvi cantar, muito ao longe, as sirenas :
Vem para aqui e nunca mais nos deixes!
Lindas! loiras! as mãos de neve e o olhar de pennas...
Mas, da cinta p'ra baixo, ai de mim!... eram peixes!

Desilludido, fugi d'ellas,
Sobre um delphim a galopar,
Que eu só queria humanas donzellas
E as pobres sirenas são monstros do mar...

Esquecido de mim, que sou monstro tambem,
Homem e peixe, causador de pasmos,
Puz mais alto que a lua o meu sonhado bem
E castigado fui com desdens e sarcasmos!

Ai dos que querem agarrar no céo
A Ursa-Maior e o Sete-Estrello!
Aos Jasões nunca mais Medea appareceu
E o Dragão está guardando o ambicionado Vello...

Levado p'la ambição, do amor soffrendo o açoite,
As costas bordejei, onde, em torres de lendas.
Moram filhas de reis, de olhos cheios de noite,
Mimosas como rendas...

Para as tentar, nos busios neptuninos
Tocava ao luar musicas lentas, brandas,
E as Lindas assomavam ás varandas
A ouvir meus hymnos...

— *Vinde,* dizia eu, *ao tritão que vos ama,*
Como Venus, tereis um coche com delphins,
Vinde! as ondas são uma doce cama
E são jasmineiros cheios de jasmins!

Mas ellas... não vinham! E, p'las alvoradas,
Quando vós, ó ondas! ereis jasmineiros,
As infantas reaes fugiam das sacadas,
Lançavam-me pedras os seus escudeiros...

Para tantal-as,
Semeava perolas e conchas pela areia,
Mas ellas, ao ver-me, se vinham buscal-as,
De mim fugiam qual do satyro a napèa...

Sacudido p'la dôr, voltei para o mar alto,
Nos busios celebrando as minhas magoas,
E a ouvir-me, serenava o vosso sobresalto,
Inquietas agoas!

Voltei-me contra o céo, que é justo que se queixe
Quem vê tornar-se em pó a Torre da Illusão :
— *Se sou homem, porque é que vivo como um peixe,*
Se sou peixe, porque é que tenho coração ?

Mas ao céo não chegava
A lacrymosa voz da minha dòr sombria,
E emquanto a alma para a terra me levava,
Esta cauda de peixe ás agoas me prendia!

Certa manhã, ao despertar, vejo um navio,
De vós, ondas! cortando as prateadas ancas
E avançando com brio
Na graça virginal das suas velas brancas...

Correndo ao seu encontro, uma Donzella vejo
Na proa : para ella ergo os meus olhos lassos...
E, ó doçura sem par! ó gostoso desejo!
Lá de cima a Donzella estendia-me os braços!

Ao navio trepei, de caricias sedento,
Alcancei-a... mas ai! — destino duro e mau!
Da esvelta embarcação mentiroso ornamento,
A Donzella que me sorria era... de pau!

Os marinheiros riam em cima, em voz sonora,
Lançando-me farpões e capciosas redes...
Fugi... fugi... fugi... e eis o que eu sou agora,
Ó ondas que me vedes!

De dois seres n'um só vede que estranha guerra,
Que lucta carniceira!
Homem — vivo no mar, peixe — ambiciono a terra,
E amante, abraço um vão bocado de madeira!

Apiedae-vos de mim, ondas de prata ardente,
Socias das minhas apagadas alegrias,
Tomae-me em vossas mãos e, salvadoramente,
Arrojae-me de encontro ás broncas penedias!

(*Sagramor.*)

ATTRACÇÃO

Que decreto de Deus,
Que brumoso dictame
Me obriga a não tirar os meus olhos dos teus
Embora te não ame?

Não te amo, não! montes de neve nos separam,
Não me possues!
Mas os meus olhos não se cançam, nunca param
De olhar os teus, azues...

Os meus olhos nos teus são dois mergulhadores,
Buscando, em lago triste,
Um thesoiro real de ardentes resplendores,
Que não existe...

Nada encontram!... porém, não se arredam de lá,
A procurar em vão...
Não cessam de te olhar.., Que mysterio haverá
N'esta attracção?

Que mysterio! A nossa alma é um cerrado nevoeiro,
Onde ella propria se perde...
Quem sabe lá? Talvez eu já fosse um salgueiro
E tu um lago verde...

(*Sagramor.*)

NOSSA SENHORA DOS LADRÕES

Depois do incendio, a cathedral ficou em ruinas...
Hera em vez de brocado... As lividas aranhas
Fazem teias nas mãos das santas byzantinas...

No mosaico do chão medram plantas estranhas,
Frias plantas d'abysmo... A humidade sombria
Veste de bulor verde as columnas e as peanhas.

Em frente d'um vitral, uma Virgem Maria,
Cansada e lirial como um luar d'agosto,
Com soluços acorda aquella ruinaria...

De estar sempre a chorar, tem dois sulcos no rosto,
Parece tysica, a morrer, a esmorecer,
E o seu olhar é um sino pallido, ao sol posto...

Sete espadas crueis dão-lhe um cruel soffrer,
Sem pedras, seus anneis conservam só o engaste,
Sua bocca de flor diz assim, a tremer :

— « Meu filho, meu Jesus, porque é que me deixaste
« N'esta ruina sem luz, onde tudo apavora,
« Onde a lua é um phantasma e onde o sol é um contraste?

« Meu vestido de lhama é um farrapo agora,
« Sem gemmas, minha c'roa é uma lua a apagar-se,
« E minha bocca, vê! um astro que descora...

« Já ninguem a meus pés vem humilde ajoelhar-se,
« Cirios, ninguem m'os traz, e doces orações
« Só tenho as dos ladrões que aqui veem acoitar-se.

« Ninguem me vem pedir amor, consolações,
« Balsamo e paz para os febris desasocegos.
« Sou agora, meu filho! a *Virgem dos Ladrões!*

« Á força de chorar, sinto os meus olhos cegos...
« Eu que o refugio fui das almas soluçantes,
« Agora sou aqui refugio dos morcegos...

« Que miseria! E que lindo altar que eu tinha d'antes!
« Ah!... os orgãos, o incenso, a myrrha e o rosmaninho
« E os ciborios a arder, com olhos de diamantes!

« Uma coruja fez em meus braços um ninho...
« Amei-a (as c'rujas são aves bem desgraçadas!)
« E em meus braços criei-lhe as filhas com carinho...

« Mas a c'ruja, uma vez, vendo as filhas creadas,
« Fugiu com ellas... Ai! todos fogem de mim,
« Só não fogem de mim estas finas espadas!

« Jesus! meu bom Jesus! meu Jesus de marfim!
« Tem dó de tua mãe! Repara, vê : meus prantos
« São rosarios de dôr; cada conta é um rubim!

« Tira-me, ó filho meu, d'este abysmo de espantos
« E leva-me p'ra onde, em vez de chuva e vento,
« Haja incenso, jasmins, thuribulos e cantos!

« Tem dó de tua mãe! tem dó do meu tormento!
« Ah! leva-me d'aqui!... Porque é que não me abrigas,
« Tu que eras doce como um perfumado unguento?

« Mas se é escripto que eu fique aqui, entre as urtigas,
« Dá-me ao menos, que eu estou, meu filho, a tiritar,
« Dá-me um manto! este meu é como os das mendigas..

« E dá-me anneis tambem, e uns brincos e um collar,
« Que os ladrões, muita vez, tem fome, coitadinhos!
« E não vêem ninguem a quem possam roubar...

« E dá-me flor's! Em vez de lhamas e de arminhos,
« Dá-me lirios nupciaes, myosotis còr do céo,
« E rosas de toucar e a flor azul dos linhos! »

Assim Ella falou... mas ninguem respondeu...
Silencio... tudo em paz... a noite é negra e fria...
E Jesus? é um ingrato? ou dorme? ou já morreu?

E a noite é triste como a alma de Maria!
Voam morcegos, e, melancholicamente,
Passam phantasmas nos abysmos da arcaria...

Mas subito! o luar rompe, divinamente,
E, enchendo-se de còr no vitral de mil cores
Bate na Virgem-Mãe, miraculosamente;

Bate-lhe em cheio e põe-lhe aos pés cestos de flores,
Transforma em lhama astral seu cinto e manto antigos,
Dá-lhe brincos e anneis de fulvos resplendores!

Da Virgem-Mãe nos olhos leaes, abrigos,
Canta a Illusão! E eil-a a clamar entre grinaldas :
— « Ó ladrões, ó ladrões, meus unicos amigos,

« Vinde, vinde roubar meus anneis de esmeraldas!»

(*Sagramor.*)

CREPUSCULO

RRIMEIRA VOZ

Ó peregrino, que estás chorando,
Porque é que choras?
Anda comigo : rirão cantando
As tuas horas.

Anda, não tardes! Eu sou o amor,
Quero dar asas aos teus desejos!
Por lindas boccas — taças em flor,
Beberás doces, macios beijos!

SAGRAMOR

Beijos?... Os beijos, vertigens loucas,
Venenos são!
Desfolham rosas por sobre as boccas
Mas abrem chagas no coração...

SEGUNDA VOZ

Aqui tens oiro, mancheias d'oiro,
Toma! não chores...
Com os ducados d'este thesoiro
Terás palacios, joias e flores...
Repara, vê
Como o oiro é flavo, como o oiro explende...

SAGRAMOR

Oiro?.. p'ra quê?
A F'licidade ninguem a vende...

TERCEIRA VOZ

Porque é que soltas queixas magoadas
Com tão sombrio, dorido modo?
Vamos! faremos lindas jornadas...

SAGRAMOR

Pequeno é o mundo... já o corri todo...

QUARTA VOZ

Eu sou a gloria, genio jocundo
Do radioso paiz solar...
Serás o poeta maior do mundo!

SAGRAMOR

Dizem que o mundo deve acabar...

QUINTA VOZ

Serás um sabio : da minha estancia
Verás em breve tudo aclarado!

SAGRAMOR

Se eu conservasse minha ignorancia
Jamais me vira tão desgraçado...

SEXTA VOZ

Eu sou a morte conquistadora,
Mãe do mysterio, mãe do segredo...

SAGRAMOR

Oh! não me leves! Oh! vae-te embora!
Tenho-te medo!

SETIMA VOZ

Eu sou a vida! Já que o morrer
Te causa medo, dar-te-ei mil annos!

SAGRAMOR

Por Deus! Já basta de atroz soffrer,
De desenganos!

MUITAS VOZES

Pede os mais raros, doces prazeres!
Queres ser estrella, queres ser rei?
Vamos, responde!... dize, o que queres?

SAGRAMOR

Não sei... não sei...

(*Sagramor.*)

CRÉPUSCULE

(TRADUCÇÃO FRANCEZA)

PREMIÈRE VOIX

Toi qui t'en vas pleurant, Voyageur douloureux,
Pourquoi donc est-ce que tu pleures?
Viens avec moi; tes heures
Chanteront des chants heureux.
Viens sans tarder : je suis l'Amour.
A tes désirs je veux donner des ailes;
Sur des lèvres en fleur et telles
Que des coupes tu boiras des baisers de velours.

SAGRAMOR

Des baisers?
Les baisers, vertiges insensés,
Empoisonnent ceux qu'ils touchent;
Ils effeuillent des roses sur les bouches;
Mais ils ouvrent des plaies au fond des cœurs blessés.

SECONDE VOIX

Voici de l'or, des monceaux d'or;
Prends et retiens tes pleurs;
Avec les ducats de ce trésor,
Tu auras des palais, des joyaux et des fleurs!
Regarde; vois
Comme cet or est roux et reluit sous mes doigts.

SAGRAMOR

De l'or! Et pourquoi faire?
On ne vend pas de bonheur sur la terre.

TROISIÈME VOIX

Pourquoi laisser ton cœur envahi de nuages
Exhaler son chagrin, sur un mode si noir?
Partons; nous ferons de jolis voyages...

SAGRAMOR

Le monde est si petit — je n'ai plus rien à voir.

QUATRIÈME VOIX

Génie aimable et fait pour plaire
Du radieux pays solaire,
Je suis la Gloire : tu seras
Le plus grand poète du monde.

SAGRAMOR

Le monde, dit-on, finira.

CINQUIÈME VOIX

Tu seras un savant ; ma demeure profonde
Tout entière à tes yeux bientôt s'éclairera.

SAGRAMOR

Si j'eusse gardé l'ignorance,
Jamais je n'eusse été frappé par la souffrance.

SIXIÈME VOIX

Je suis la Mort, la conquérante austère,
Mère du secret, mère du mystère.

SAGRAMOR

Oh ! ne m'emporte pas. Tu m'effrayes. Va-t-en !

SEPTIÈME VOIX

Si tu crains la mort, moi je suis la Vie :
Je te donnerai dix fois cent ans !

SAGRAMOR

De désillusions mon âme est assouvie,
Et c'est assez souffert cette douleur barbare

DE NOMBREUSES VOIX

Demande les plaisirs les plus doux, les plus rares;
Être étoile, être roi; tout ce que tu voudras;
Parle, réponds, déclare!

SAGRAMOR

Je ne sais pas... Je ne sais pas...

Philéas Lebesgue.

CREPUSCULO

(TRADUCÇÃO ITALIANA)

PRIMA VOCE

O viandante che stai piangendo, — perchè mai piangi? — Vieni meco: rideranno cantando — le tue ore.

Vieni, non tardare! Io sono l'amore, — voglio dar l'ali ai tuoi desiderii! — Da vezzose bocche, tazze in fiore, — berrai dolci, soavi baci!

SAGRAMOR

Baci?... I baci, folli vertigini, — sono veleni! — Sfogliano rose sulle bocche, — ma aprono piaghe nel cuore...

SECONDA VOCE

Eccoti dell'oro, manate di oro, — prendi! non piangere... — Coi ducati di questo tesoro, — avrai

palazzi, gemme e fiori... — Guarda, vedi — come l'oro è biondo, — come l'oro risplende...

SAGRAMOR

Oro?... e per farne cosa? — La Felicità nessuno la vende...

TERZA VOCE

Perchè mai mandi così accorate doglianze, — in così tetro ed angoscioso tono? — Viaggiamo! goddremo belle giornate...

SAGRAMOR

Piccolo è il mondo... l'ho già corso tutto...

QUARTA VOCE

Io sono la gloria, genio giocondo — d'un radioso paese solare... — Tu sarai il maggior poeta del mondo!

SAGRAMOR

Dicesi che il mondo stia per finire...

QUINTA VOCE

Sarai un dotto: dal mio albergo — vedrai in breve tutt rischiarato!

SAGRAMOR

Se avessi serbata la mia ignoranza — non mi sarei sentito così disgraziato...

SEXTA VOCE

Io sono la morte vittoriosa, — madre del mistero, madre del segreto...

SAGRAMOR

Oh! non prendermi! Vattene via! — Ho paura di te!

SETTIMA VOCE

Io sono la vita! Giacchè il morire — ti fa paura, darotti mille anni!

SAGRAMOR

No, perdio! Ne ho abbastanza di atroce soffrire — di disinganni!

MOLTE VOCE

Vuoi i più rari, i più dolci piaceri? — Vuoi essere stella, vuoi essere re? — Suvvia, rispondi!... di', cosa vuoi?

SAGRAMOR

Non so... non so...

Vittorio Pica.

SALOMÉ

A Manuel da Silva Gayo

6. Die autem natalis Herodis, saltavit filia Herodiadis in medio, et placuit Herodi.
7. Unde com juramento pollicitus est ei dare quodcumque postulasset ab eo.
8. At illa, præmonita a matre sua: Da mihi, inquit, hic in disco, caput Joannis Baptistæ.

Ev. Sec. Matthæum,
cap. xiv.

I

Gracil, curvada sobre os feixes
De junco verde a que se apoia,
Salomé deita de comer aos peixes,
Que na piscina são relampagos de joia.

Frechas de diamante, em furias luminosas.
Todos correm febris, ao cair das migalhas :
São rútilas batalhas
De pedras preciosas...

Como resplende a filha de Herodias,
Do seu jardim entre as vermelhas flores!
Corre por toda ella um suor de pedrarias,
Um murmurar de cores...
Sua faustosa tunica explendente
É uma tarde de triumpho : em fundo côr de brazas
Combatem fulvamente
Irradiantes tropeis d'aureos dragões com azas.
E sobre as joias, sobre as lhamas, sobre o oiro,
Tão vivo bate o sol que a princeza franzina,
Ao debruçar-se mais, julga ver um thesoiro
A fulgurar, a arder no fundo da piscina...

Sae do jardim a infanta : o calôr a suffoca,
Não pode mais soffrer do sol as igneas settas...
Com um ramo de jasmins sacode as borboletas
Que lhe poisam na bocca...
Eil-a subindo a escadaria na luz dubia
Que um velario tamisa : eil-a parando
Junto das jaulas, onde estão sonhando,
Como reis presos, os leões da Nubia...
Erguem-se irados os leões, ouvindo passos,
Mas, vendo Salomé, aplacam seu furor
E, em movimentos lassos,
Dão rugidos d'amor!

Fauces escancaradas.
Da tunica os dragões parecem defendel-a...
No entanto, Salomé, divinamente bella,
Pelas grades estende as mãos prateadas,
Que os leões cheiram, em languidos delirios,
Julgando que são lirios...

A infanta vae subindo...
Esvelta e esguia,
N'um gesto musical que espalha mil perfumes,
Do favorito leão a juba acaricía...
E os outros leões rugem d'amor e de ciumes...

Voam ibis no ceo... e, erguendo-se, brilhantes,
Dos lagos onde nadam flor's do Nilo,
Os repuxos cantantes
Acclamam Salomé que entra no peristylo...

II

Finda a lição de dança,
Solto o negro cabello, onde cantam sequins,
E quasi núa, Salomé descança,
Quebrada de torpor, entre fòfos coxins...
Junto da infanta, Flavia, a dançarina,
Que de Roma chegou para lhe dar lições,
Diz-lhe, agitando, á luz da lua adamantina,
Seus crotalos de buxo, onde ardem cabochões :

— « *Ninguem te vence, flor, nas danças voluptuosas!*
« *Ora altiva, ora languida, ora inquieta,*
« *Traçando no ar gestos macios como rosas,*
« *És navio, serpente e borboleta!*
« *Cheios de garbo e aroma,*
« *Teus movimentos são lascivos como vagas;*
« *Ninguem te vence, flor, quando, dançando, embri*
« *Nem mesmo Julia, imperatriz de Roma!*
« *Teu nome ha-de brilhar mais de que o sol no az*
« *Em breve, ó Salomé, que os corações captivas,*
« *Ouvindo a tua fama, os reis do norte e sul*
« *Virão beijar-te os pés, em longas comitivas!* »

Cala-se Flavia...
Ao longe, na alameda,
Cantam pavões, á luz da lua merencoria...
E Salomé, cerrando as palpebras de seda,
Adormece a pensar na sua gloria...

A infanta sonha...
N'um perfumador,
Arde a myrrha, e em seu fumo de saphiras,
Passa o espectro da filha de Cyniras,
Que assim fala n'um rythmo embalador:

— « *Como d'Athenas as mais nobres filhas,*
« *Aurea cigarra em meus cabellos trouxe;*
« *Em mar de leite prateadas ilhas,*
« *Taes os meus seios de um arfar mui doce...*

« Quaes as nymphas de Diana nos nocturnos
« Bosques, assim meus dedos rescendentes
« Em meus cabellos; e eram meus cothurnos
« Sonoros como as cytharas dolentes.

« Vivia com meu pae n'umas coutadas,
« Onde a murta brotava e o rosmaninho;
« Ao comermos, á sombra das latadas,
« Caiam flor's nas taças d'aureo vinho.

« Quando nubil me vi, vi que era escrava
« Do Amor, que andava em brincos com meus seios:
« Quiz beijos¡... mas os moços que avistava
« Não venciam meu pae... achava-os feios...

« E então amei meu pae, e de tal geito
« Que certa noite — nunca eu tal fizéra! —
« Fui metter-me lasciva no seu leito,
« Sem que elle imaginasse quem eu era!

« Mau Fado para o incesto me impellia!
« Meu pae, dando-me beijos, desflorou-me,
« E arbusto me encontrei ao outro dia,
« Myrrha chamado, pois lhe dei meu nome... »

Cala-se a voz chorosa e crystallina...

Suavemente, p'la janella aberta,
Entram aromas... e a lua pallida ambarina,
Bate em cheio na infanta que desperta...

Mas eis que no aposento
Entram, a soluçar, doridas, as escravas,
E uma d'ellas exclama n'um lamento :
— « *Acaba de morrer o leão que mais amaras!* »

Salomé, assombrada,
Cerra as convulsas mãos, rasga os ricos vestidos,
Solta um ai, que reluz como desnuda espada,
E, açoitada p'la dor, cae no chão, sem sentidos...

III

Na jaula do leão que morreu, João Baptista,
A rugir como um leão, passa as noites e os dias...
Sua voz augural, inflammada, contrista
E aperta sem cessar a alma de Herodias.

Moreno como o bronze, os cabellos crescidos,
Olhos doidos, febris, cheios de maldições,
Seus sonoros rugidos
Fazem tremer de susto os outros leões!

Todos receiam de passar deante d'elle.
E se alguem passa, é a fugir, em doido anceio;
Só Salomé, a princezinha imbelle,
Se aproxima da jaula, sem receio...
E João, que, para os outros, é feroz,
É para ella um docil cordeirinho;
Mal a vê, amacía a rude voz,
Muda o olhar de ferro em doce olhar d'arminho...

Salomé ama João
Ainda mais do que amava o leão que lhe morreu,
Passa horas sem fim, cheia de commoção,
A ouvil-o discorrer sobre Jesus e o Céo...
Logo pela manhã, leva-lhe de comer,
Iguarias sensuaes, dignas de grandes reis,
Dá-lhe flor's a cheirar e vinhos a beber,
— E até lhe deu um dos seus fúlgidos anneis...

E o austero Precursor, o filho de Isabel,
Que andava nú ao sol, mastigando raizes,
Ama perdidamente o delicado annel
Cuja pedra lhe doira as noites infelizes...

IV

No dia dos seus annos,
Herodes p'ra aquietar seu triste coração,
Convidou os visinhos soberanos

E deu-lhes um festim de humilhar Salomão.
A preciosa baixella explende ao sol flammante,
Entre um alluvião de nardos e camelias;
Dos escravos o andar segue o rythmo ondulante
Das hebraicas nubelias...
Canta, ao meio da sala, um repuxo aromatico,
Ardem gemmas sem conto ao longo das estolas,
E do arabico incenso o nevoeiro lunatico
Sóbe entre a exhalação das languidas violas...
Entra um enorme peixe, um peixe surprehendente,
Que nas escamas tem todas as cor's do céo;
E o velho Herodes conta a historia commovente
Do annel que um certo rei lançou ao mar Egeu.
Os olhos fulgem sob as c'roas de verbenas,
Passam guizados mil, nadando em môlhos flavos,
E em bellos pratos d'oiro os céleres escravos
Trazem nobres pavões de constelladas pennas.
Tres grandes javalis e dois veados inteiros
Produzem mudo assombro; o calor asphyxia...
Em taças musicaes fervem vinhos traiçoeiros,
E das nubelias sóbe a clara melodia...
Cada matrona exhibe os seios sem mysterio,
A ancólia do repuxo inflamma-se, argentina,
E Lysanias, tetrarcha de Abilina,
Recita versos gregos de Tiberio...
Herodias sorri com seu sorrir jocundo,
Da luxuria palpita a abrazada maré;
De subito, porém, tudo se cala :

ao fundo,

Apparece, dançando, a linda Salomé.

Um zaïmph lunar, leve como um perfume,
Cinge-a, deixando ver sua nudez morena,
Céga dos seus anneis o precioso lume,
E em cada mão traz uma pallida açucena.

E a infanta avança então, ao som dos burcelins...

Como somnambula perdida
Em encantados, mysticos jardins,
Dir-se-ia que dança adormecida...
Dir-se-ia que dança, desmaiando
Ao perfume das flor's que estão em roda...
Dir-se-ia que dança e está sonhando...
Dir-se-ia que a estão beijando toda...
. . . .
Pé ante pé, receosa, dir-se-ia
Que entre dois precipicios vae passando,
E que uma occulta mão, teimosa e fria,
Fazel-a resvalar anda tentando...
. . . .

Nascem boccas no ar que a estão beijando
E ella foge-lhes, doida, anciosa, incerta,
Desmaiando, arquejando, supplicando...

Calam-se os burcelins e Salomé desperta.

Rompem applausos mil, em fremitos de chamma,
Dão-lhe joias de preço as languidas mulheres,

Herodias floresce, e o velho Herodes clama :
— « *Salomé! Salomé! dar-te-ei o que quizeres!* »

O que ha-de ella pedir? de essencias um boião?
Um vestido? um annel? um veo? uma torqueza?
Herodias então diz baixinho á princeza :
— « *Pede-lhe, minha filha, a cabeça de João!* »

A princeza estremece :
— « *O que dizes, matál-o?*
« *Fazel-o mergulhar no enregelado somno?*
« *Oh! não... tomára eu, minha mãe, libertál-o,*
« *Vestil-o como um rei, sentál-o sobre um throno!* »

Mas Herodias diz :
— « *Pede a sua cabeça*
« *Se uma gloria quer's ter como ainda ninguem teve*
« *Embora a sua morte agora te entristeça,*
« *Essa fragil tristeza ha-de passar em breve...*
« *O calor dos festins dissipará teus prantos,*
« *— A saudade é um fugaz aroma de violetas! —*
« *E o mundo saberá, filha, que os teus encantos*
« *Fazem rolar no chão cabeças de prophetas!*
« *Essa morte dará um par d'azas radiantes*
« *Ao teu nome; andarás em pompas de victoria!*
« *Se quer's que a tua gloria exceda as mais brilhante*
« *Rega com sangue quente as raizes da gloria!* »

Cantam, de Salomé no perfil de moeda,
Doirado p'la ambição, os olhos d'amethysta,
E junto do tetrarcha a sua voz segreda :

— « *Dá-me a cabeça de João Baptista!* »

Treme o tetrarcha, ouvindo tal :
— « *Pref'rira dar-te*
« *Toda a baixella, todo o meu thesoiro...* »

Mas breve, a um gesto seu, um escravo negro parte,
Uma espada levando e um grande prato d'oiro...

(*Salomé e outros poemas.*)

SALOMÉ

(TRADUCÇÃO ITALIANA)

I

Sottile, china sui verdi giuncheti a cui si appoggia, Salomé getta da mangiare ai pesci, che nella peschiera sono lampi di gioia. Al cader delle briciole tutti corrono febbrili, in furie luminose, come freccie di diamante; è un battagliare rutilante di pietre preziose.

Come risplende la figlia di Erodiade tra i fiori vermigli del suo giardino! Per tutta la sua persona corre un sudore di gemme, un mormorio di colori.... La sua fastosa tunica fulgente è una sera di trionfo: nel fondo color di fiamma combattono fulvamente schiere radiose d'aurei dragoni alati. E sulle gioie, sul broccato, sull'oro il sole dardeggia così vivo che la gentile principessa, vieppiù chinandosi, crede di vedere nel fondo della peschiera sfolgorare, ardere un tesoro...

S'allontana dal giardino la regale fanciulla: il calore la soffoca; ella non può sofferire più oltre le ignee saette del sole... con un ramo di gelsomini caccia le farfalle che le si posano sulla bocca... Ecco ella sale la scalinata alla luce incerta che un velario attenua; ecco si ferma dinanzi alle gabbie dove, quali re prigionieri, stan sognando i leoni della Nubia... Sorgono irati nell' udire i passi, ma vedendo Salomé placano il loro furore e con movimenti stanchi mandano ruggiti d'amore! I dragoni della tunica con le fauci spalancate pare che la difendano... E frattanto Salomé, divinamente bella, stende per le inferriate le mani argentee, che i leoni fiutano in languido delirio, credendole gigli...

La regale fanciulla continua a salire... Svelta e delicata con un gesto armonioso che spande mille profumi, carezza la giubba del leone favorito... e gli altri ruggiscono d'amore e di gelosia...

Volano degl'ibis nel cielo... e i getti d'acqua risplendenti e canori, innalzandosi sui laghi dove fluttuano piante del Nilo, acclamano Salomé, ch' entra nel peristilio...

II

Finita la lezione di ballo, Salomé, disciolta la nera chioma ove cantano zecchini e quasi ignuda, riposa affranta dal torpore sui soffici guanciali...

A lei presso, la danzatrice Flavia, che venne da Roma per darle lezioni, le dice, agitando alla luce adamantina della luna i suoi crotali di bosso, adorni di polite gemme : « Nessuno ti vince, o « fiore, nelle danze voluttuose! Ora altera, ora « languida, ora irrequieta, tracciando nell' aria « gesti morbidi come rose, sei nave, serpe e far- « falla! Le tue movenze, piene di grazia e di « aroma, sono lascive come le onde; nessuno ti « vince, o fiore, quando nella danza inebbri; nep- « pure Giulia, imperatrice di Roma!

« Il nome tuo deve brillare più del sole nell' az- « zurro! Tra breve, o Salomé, che fai schiavi i « cuori, i re della terra, udendo la tua fama, ver- « ranno in lungo corteo a baciarti i piedi! ».

Flavia tace... Da lungi, nel viale schiammazzano i pavoni, al chiarore della luna malinconica... e Salomé chiudendo le palpebre di seta, s' addormenta col pensiero rivolto alla sua gloria...

La regale fanciulla sogna... In una profumiera arde la mirra, e per entro il suo fumo di zaffiro passa lo spettro della figlia di Cinira, e così parla in un ritmo carezzevole...

« Com' era costume delle più nobili fanciulle di « Atene, io portava nella chioma un' aurea cicala; « in mare di latte isole d'argento parevano le mie « mamme dal lieve ansare...

« Quali di notte le ninfe di Diana nei boschi, tali « le mie dita profumate ne' miei capelli, ed i miei « coturni erano sonori come le flebili cetre.

« Vivevo col padre mio in parchi dove germo- « gliavano il mirto e il rosmarino; mentre mangia-

« vamo all' ombra dei pergolati, cadevano fiori
« nelle tazze di vin d'oro.

« Quando nubile mi vidi, m' accorsi d' essere
« schiava dell'amore, che folleggiava nel mio
« petto : volli baci!... ma i garzoni che adocchiavo
« non vincevanno il padre mio... li trovavo
« brutti...

« E allora amai mio padre, e con tale impeto che
« una notte — non l'avessi mai fatto! — m'intro-
« dussi lasciva nel suo letto, senza ch' egli suppo-
« nesse ch' io fossi!

« Rio Fato mi spingeva all' incesto! Mio padre,
« dandomi baci, deflorommi, e l'indomani, diventai
« un arbusto, Mirra chiamato dal nome mio....».

Cessa la voce lamentosa e cristallina.

Dall' aperta finestra penetrano sottili aromi... e la pallida luna, dal colore dell' ambra, illumina in pieno la regale fanciulla che si desta...

Entrano in quel mentre nella camera le schiave afflitte, singhiozzanti, e una d' esse esclama in un lamento :

« Or ora è morto il tuo leone prediletto! »

Salomé, sbigottita, stringe le mani convulsa, straccia le ricche vesti, caccia uno strido, ch' è baleno di nuda spada, e, vinta dal dolore, cade a terra, priva di sensi...

III

Nella gabbia della morta belva, Giovanni Battista passa i giorni e le notti a ruggire come un leone... la sua voce presaga, concitata, contrista e tormenta senza tregua l'anima di Erodiade.

É bruno come il bronzo, ha i capelli lunghi, gli occhi smarriti, accesi, pieni di maledizioni, e coi sonori ruggiti fa tremare di spavento gli altri leoni!

Tutti temono di passargli davanti, e se alcuno vi passa fugge in folle conflitto; solo Salomé, l' imbelle principessina, s' accosta impavida alla gabbia... e Giovanni, che per gli altri è feroce, diventa per lei un mansueto agnello; appena la vede, addolcisce la voce aspra, muta lo sguardo di ferro in soave sguardo d' ermellino...

Salomé ama Giovanni vieppiù del leone che le morì, passa innumeri ore, piena di commozione, a a sentirlo ragionare di Gesù e del cielo... Di buon mattino gli reca da mangiare squisiti manicaretti, degni di grandi re, gli dà a bere vini, a odorare fiori, gli diè perfino uno dei suoi fulgidi anelli... E l' austero Precursore, il figlio di Elisabetta, che andava nudo al sole, masticando radici, ama perdutamente il delicato anello, la cui gemma gli dora le notti infelici...

IV

Nel giorno de' suoi natali, Erode, per letificare il suo cuore rattristato, convitò i vicini sovrani, e diè loro un banchetto da umiliare Salomone.

Il vasellame prezioso splende al sole fiammante tra una profusione di nardi e camelie; gli schiavi, camminando, accompagnano coi loro movimenti il ritmo ondeggiante delle ebraiche nubellie...

Nel mezzo della sala canta un getto aromatico, rifulgono innumeri gemme per il lungo delle stole, e la nebbia lunare dell' arabo incenso s' innalza tra l' effluvio delle languide viole...

Vien portato un pesce enorme, meraviglioso, che ha nelle squame tutti i colori del cielo, e il vecchio Erode racconta la storia commovente dell' anello, che un certo re lanciò nel mare Egeo. Brillano gli occhi sotto le corone di verbena, passano mille vivande nuotanti in salse gialle, e gli svelti schiavi recano in bei piatti d'oro nobili pavoni dalle costellate piume.

Tre grossi cinghiali e due cervi interi destano muta sorpresa nei convitati; il calore asfissia... In tazze sonanti spumeggiano vini insidiosi e dalle nubellie sale la chiara melodia... Ogni matrona esibisce senza mistero le mammelle... il getto d' acqua argentino e lucido s'innalza a forma di un' aquilegia, e Lisania, tetrarca di Abilina, recita versi greci di Tiberio...

Sorride Erodiade d' un sorriso giocondo, palpita l' infiammata marea della lussuria; ma di repente tutto tace; nel fondo appare, danzando, la leggiadra Salomé.

Uno *zaïmph* lunare, sottile come un profumo, la cinge lasciando vedere la sua bruna nudità, il prezioso luccichìo dei suoi anelli acciecа.

La regale fanciulla reca in ciascuna mano un pallido giglio, e s' avanza al suono dei *burcelin*...

Come sonnambula, smarrita in mistici giardini incantati, si direbbe ch'ella danzi addormentata... si direbbe che danzi svenendo, pel profumo de' fiori che si spande d'intorno... si direbbe che danzi e stia sognando... si direbbe che tutta la coprano di baci...

. . . .

In punta di piedi, guardinga, si direbbe che stia per passare in mezzo a due abissi, e che una mano occulta, ostinata e gelida, spingendola, la faccia sdrucciolare...

. . . .

Nell'aria nascono bocche che la vanno baciando, ed ella pazza, anela, irresoluta s'invola, languendo, umiliandosi, supplicando...

Cessa il suono e Salomé si ferma.

Scoppiano mille applausi con fremiti di fiamma, a lei le languide donne offrono gioielli di valore. Erodiade esulta, e il vecchio Erode esclama: « Salomé! Salomé! chiedimi quello che vuoi e l'avrai! »

Che cosa deve chiedergli? Un vasello di essenze? Una veste? Un anello? un velo? una turchese?

— Erodiade allora dice sottovoce alla principessa : « Chiedigli, figlia mia, la testa di Giovanni! »

Salomé inorridisce : « Che mai dici, ucciderlo? Farlo immergere nell'algido sonno? Oh no!... Preferisco liberarlo, madre mia, vestirlo come un re, collocarlo sopra un trono! »

Ma Erodiade replica : « Chiedi la sua testa, se
« brami conseguire una gloria, cui sinora nessuno
« pervenne. Benchè la sua morte ora t'abbia a rat-
« tristare, passerà in breve cotesta fragile tris-
« tezza... il calore dei banchetti asciugherà i tuoi
« pianti, — la mestizia è un fugace profumo di
« violette! — E il mondo saprà, o figlia, che i tuoi
« vezzi fanno rotolare nella polvere teste di profeti!
« Questa morte darà al nome tuo un paio d'ali rag-
« gianti; andrai in pompa di vittoria! Se vuoi che
« la tua gloria offuschi le più fulgide glorie, innaf-
« fia le sue radici con tiepido sangue! »

Cantano gli occhi d'ametista di Salomé, nel profilo di cammeo animato dall'ambizione, e presso al tetrarca la sua voce mormora :

« Dammi la testa di Giovanni Battista! »

Trema Erode a tale dimanda : « Preferirei darti tutto il vasellame, tutti i miei tesori... »

Ma tosto, a un suo cenno, uno schiavo nero parte, recando seco una spada e un gran piatto d'oro...

Antonio Padula.

O AMOR E A SAUDADE

O Amor teve uma filha á qual chamou Saudade.

Vendo-a crescida.
Vendo-a na edade
De entrar na vida,
Disse-lhe assim um dia :

— « *Já estou velho, já vejo cair neve,*
« *Já sinto a alma fria,*
« *E no corpo entrará tambem o frio em breve...*
« *Vejo, á noite, negrumes de ataúdes ;*
« *Tudo é inverno p'ra mim ; abril, acho-o grisalho...*
« *Velho e doente, é justo, filha, que me ajudes,*
« *No meu trabalho.*
« *Auxilia-me pois! Quando os amantes,*
« *O seio contra o seio,*
« *'Stão enleados n'um tão doce enleio*
« *Que as longas noites tomam por instantes,*

« *Ao pé d'elles me querem sempre, e assim,*
« *Se, p'ra deixal-os, já cansado, estou,*
« *Começam a chamar por mim,*
« *A perguntar-me para onde vou...*
« *Nunca me deixam, nunca estou tranquillo!*
« *Como o trabalho é rude, d'hoje em deante,*
« *Devemos repartil-o,*
« *Que eu já me sinto fraco e vacillante...*
« *D'hoje em diante, irei deitar os namorados,*
« *Mas tu, Saudade! juncto d'elles ficarás,*
« *E ao chamarem por mim, em gritos suffocados,*
« *Fingindo a minha voz, tu lhes responderás...*
« *Fazem-me louco*
« *As noites perdidas,*
« *E assim já poderei dormir um pouco,*
« *E recobrar até as minhas cor's perdidas...*
« *Vamos, são horas! O velho sol já se sumiu*
« *E a lua já rompendo vae...*

E a Saudade partiu
Atraz do Pae...

Desde esse dia, ó dor!
Os que se beijam com voluptuosidade
Adormecem ao pé do Amor
E acordam junto da Saudade...

(*Salomé e outros poemas.*)

A « TOILETTE » DE LYSIDICE

A Carlos de Mesquita

Ao anoitecer. Reclinada sobre o leito, quasi nua, cingida apenas por uma tunica levissima, descalça, Lysidice desperta, ouvindo passos. Pouco depois entra Melinna, trazendo um cesto coberto por um panno bordado.

LYSIDICE

Melinna, d'onde vens?

MELINNA

Das compras...

LYSIDICE

Sempre fóra!
Nunca páras em casa, arveloasinha inquieta...
Sabendo como estou sósinha, vaes-te embora
Sem nada me dizer... Faz-se isto, borboleta?

MELINNA

Injusta e linda! Se eu agora não saisse,
Ficarias sem ceia!... E que agitados ralhos
Se tal acontecesse!... É assim, Lysidice,
Que premeias os meus solicitos trabalhos?
Não te zangues, vaes ver... trago-te bellas cousas...

Mostrando o que traz no cesto :

Tamaras da Phenicia, amendoas, gafanhotos,
Uvas seccas ao sol entre folhas de rosas,
E figos cujo mel doira seus pallios rotos...

LYSIDICE

Mal empregado tempo e bem mal empregadas
Drachmas que dispendeste! Hoje, não ceio em casa...

MELINNA, poisando o cesto :

Onde é que vaes?

LYSIDICE, sorrindo :

Mysterio...

MELINNA, cheia de curiosidade:

Amores?

LYSIDICE

Infundadas
Conjecturas! Quem viu nos gelos uma braza?
Vem vestir-me! Essas mãos são mãos de feiticeira
Que fazem realçar meus cantados primores...

MELINNA

Que admiração! já fui, em tempo, jardineira
E a minha grande sciencia é tratar bem de flores...

LYSIDICE

Que no meu collo brilhe a opala e o chrysopraso...
Faze de conta que me vestes p'ra uma boda;
Põe-me o mais linda que tu possas!

MELINNA

N'esse caso,
Em vez de te vestir, devo despir-te toda...

LYSIDICE

Que eloquente que estás! Os lyricos d'Athenas
Se souberem que tens tão apollinea chamma,
Em vez de irem pedir o auxilio das Camenas,
Virão pedir-te o sal doirado do epigramma...

Saltando para o chão:

Mas despacha-te! dá-me esse espelho prateado
E aquelles doces pós que amaciam a pelle...

MELINNA, entregando a Lysidice um espelho e uma caixinha de marfim:

Vaes conquistar um deus?... Se é Zeus, toma cuidado...
Hera é ciumenta e má... Lembra-te de Semele...

LYSIDICE, vendo-se ao espelho e esfregando-se com os pós que tira da caixa:

Curiosa e tonta!

MELINNA, abrindo o cofre:

Escolhe...

LYSIDICE, ajoelhando e começando a escolher as peças do vestuario:

Esta arachnidea tunica...
Esta charpa de seda... este annel de sardonia...
Est'outro com uma perla azul celeste — a unica
Que existe d'esta côr!... este veo da Laconia...
Este peplon mais branco e fino do que o luar...
Estes tres pregos de rubins para a cabeça...
E esta fita de tons incertos p'ra apertar
Meus bandós...

Erguendo-se:

Prompto!... Vem! enfeita-me depressa...

MELINNA, substituindo a tunica de Lysidice:

Que adoravel nudez!... Se o deus Hermes te vê,
Aphrodite não mais pernoitará com o nume...

LYSIDICE

E os perfumes, então?

MELINNA, apertando-lhe a tunica com a charpa:

Perfumar-te, p'ra quê?
Já viste alguma vez perfumar um perfume?
De vaidosa que és, tornas-te quasi louca.
A ponto de esquecer as proprias maravilhas...

LYSIDICE

Para aromatisar minha purpurea bocca,
Vae-me buscar, Melinna, uma d'essas pastilhas
Que tu sabes fazer com tão louvado tino
E que cheiram tão bem a nardo e a flor d'acacia...

MELINNA, vestindo-lhe o peplon:

Um rico a mendigar! Teu halito divino
Vence em cheiro e frescura os zephiros da Thracia...

LYSIDICE, sentendo-se:

Nos meus cabellos põe, Mellina, esse bezoiro
Doirado....

MELINNA, desprendendo-lhe os cabellos:

Espera, vou alisal-os n'um ai...
Que cabellos! são como aquella chuva d'oiro
Em que Zeus se tornou para roubar Danae!
. . . .

(*Salomé e outros poemas.*)

HERMAPHRODITA

A L. Pilate de Brinn'Gaubast.

Ao mesmo tempo que ostenta as insignias d'uma fecunda virilidade, seus tumidos seios arredondam-se como os de uma donzella...

Cristodoro de Coptos. As Estatuas de Zeuxippo.

D'Hermes e d'Aphrodite o filho esvelto e amado
De Salmacis oscúla o corpo melodioso,
E a nympha treme e enleia o moço deslumbrado,
Com um prazer que até chega a ser doloroso...

Ella — docil, a arfar, como, ao vento, as searas...
Elle — forte, a arquejar, como, com cio, um toiro...
O cabello da nympha inunda as duas caras,
E ha beijos musicaes sob essa chuva d'oiro...

Enleados um ao outro, a asa d'uma mosca
Não caberia, não! entre esses corpos bellos,
Que se enroscam, sensuaes, febris, como se enrosca
No tronco a vide em flor e a hera nos castellos.

Dos dois corpos a união, entre lascivos ais,
Cada vez, cada vez se torna mais completa,
E aquellas coxas cada vez se agitam mais :
Umas brancas, de luar, outras rijas, d'athleta...

N'um doido frenesi, entrar parecem qu'rer
Ella — no corpo d'elle, elle — no corpo d'ella !
Choram, gemem, dão ais... e no auge do prazer,
Começam a gritar para o céo que se estrélla :

— « *Ó Deuses! attendei nossa súpplica ardente :*
« *Se é verdade que ouvis as vozes que vos chamam,*
« *Os nossos corações, fundi-os n'um sómente,*
« *Fundi n'um corpo só nossos corpos que se amam !*»

Ao Olympo chegou essa súpplica louca,
E Zeus, o grande Zeus cuja força é infinita,
As duas boccas tranformou n'uma só bocca
E dos dois corpos fez um só : HERMAPHRODITA !

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Ao pé d'uma piscina, eil-o que se detem
A ver com triste olhar, que os mais duros condoe,
Seu corpo insexual, que, ao mesmo tempo, tem
Finuras de nereide e musculos de heroe.

Bizarro e estranho Ser! Bizarra anomalia!
Crepusculo do sexo! O Sol e a Lua amena!
Eurydice e Theseu! A Graça e a Valentia!
Os pulsos de Nestor e os cabellos de Helena!

Sobre um thorax d'heroe, p'las costellas vincado,
Dois seios de luar, enluarados vergeis,
E na mão, dupla mão de Musa e de soldado,
Pede a palma uma espada, e cada dedo anneis!

Ai de ti, pobre Ser! fonte de ais e gemidos,
Das lesmas pobre irmão e das ostras de Ophir!
Os dois corpos estão n'um só corpo fundidos,
Porem os corações nada os poude fundir!

Brumoso Ser! Milhões de magoas o consomem,
São dois céos a chorar suas tristes pupillas:
Tem as ancias sensuaes da mulher e do homem,
Mas p'ra as satisfazer não pode desunil-as!

A bocca feminil abre-se doida, anciosa
Por bellos deuses nús, mas sem os encontrar;
E os braços, procurando uma cintura airosa
Abrem-se, mas em vão! dão abraços no ar!

Pede o seio lirial beijos de gladiador.
Pede a fronte viril, de mil virgens os beijos:
E assim, no mesmo corpo, em impetos d'amor,
Debatem-se, febris, dois deseguaes desejos.

São dois leões rivaes presos na mesma cova.
Rugem, brandem punhaes, corre o sangue escarlate!
E o corpo (arvore e flor!), que o infortunio corcova,
'Stremece ao estremecer d'esse rubro combate!

Um quer ir para a guerra, o outro pede aromas.
Um quer vencer legiões, o outro abraçar rainhas.
Um adora os heroes, o outro as femineas pomas,
Um as aguias reaes, e o outro as andorinhas!

Soltam gritos de dor, mutilam-se, permutam
Philtros excepcionaes, preparados por Circe:
Como jaula de vidro, onde dois tigres luctam,
Parece que esse corpo, ás vezes, vae partir-se...

E o corpo para o azul embalde eleva os braços!
Tem dois donos rivaes, n'uma lucta sangrenta:
Se vae a seguir um, o outro lhe tolhe os passos,
Se ao segundo obedece, o primeiro o atormenta!

Hermaphrodita, a ver se apaga co'a fadiga
A contenda minaz que o coração lhe escalda,
Põe-se então a correr, ao sol e á lua amiga,
Mil distantes regiões e oceanos de esmeralda...

Sobe aos altos pharoes, desce aos subterraneos,
Nada abranda, porém, seu intimo alvoroço :
Com uma só bocca quer dois beijos simultaneos,
Ao mesmo tempo busca uma mulher e um moço!

Se um ephebo procura, as mulher's o fascinam,
Se uma mulher possue, d'um ephebo carece,
De desejar em vão, cem magoas o dominam :
Nada, nada o contenta e tudo lhe appetece!

Sem poder soffrer mais desespero tamanho,
Hermaphrodita um dia emfim, crispando as mãos,
Enforcou-se e morreu... mas do seu corpo estranho
Sairam, sempre hostis, os dois feros irmãos.

Chovia... E procurando uma guarida calma,
Que os livrasse da chuva, uma torre ou uma gruta,
Viram minh'alma aberta, entraram na minh'alma,
E na minh'alma estão continuando a lucta!

(Salomé e outros poemas.)

HERMAPHRODITE

(TRADUCÇÃO FRANCEZA)

Le svelte fils hardi d'Aphrodite et d'Hermès — Baise le corps mélodieux de Salmacis, — Et la nymphe en tressaille, et presse son amant — Avec un tel plaisir, qu'il en est douloureux...

Elle est docile et frémissante comme au souffle des vents les blés; — Lui mugissant, violent comme un taureau : — Les cheveux de la nymphe inondent leurs deux têtes, — Et sous l'averse d'or chantent des baisers sonores!

Pressés l'un contre l'autre, pas même l'aile d'une mouche — Ne tiendrait, pas même! entre leurs beaux corps, — Qui lascifs, et fiévreux, s'étreignent, comme s'enroule — Au tronc la vigne en fleur et le lierre au château.

Les deux corps! leur union, scandée de doux soupirs, — De caresse en étreinte se fait plus absolue. — Et de plus en plus vives s'agitent les quatre cuisses : — Deux qui sont blanches, de lune, les autres deux d'athlète...

Mutuelle frénésie! comme s'ils voulaient entrer, — Elle, dans son corps à lui; lui, dans son corps à elle! — Et des pleurs, et des gémissements, et des soupirs... et, dans le délir du plaisir, — Ces cris, articulés vers le ciel qui s'étoile :

« O Dieux! notre fervente prière écoutez-la! — Si vraiment vous oyez les voix qui vous implorent, — Nos cœurs, fondez-les en un cœur unique. — Fondez en un seul corps nos chairs énamourées! »

Jupiter exauça ces souhaits insensés, — Soif d'amour, soif de volupté, soif d'infini : — Les deux bouches furent par lui muées en une seule bouche, — Et les deux corps en un seul corps : Hermaphrodite!

Sur le bord d'un vivier, le voici qui s'attarde, — contemplant, d'un œil triste à toucher les plus durs, — Son corps insexuel qui possède à la fois, — Des grâces de Néréide, des muscles de héros!

Étrange être, et bizarre! Bizarre anomalie! — Le

crépuscule du sexe! Le soleil et la lune! — Eurydice et Thésée, la grâce et la vigueur, — Les poignets de Nestor, et les cheveux d'Hélène!

Sur un thorax de dieu, bombé de côtes saillantes, — Deux seins couleur de lune, deux vergers illunés; — Et quant aux mains, ces mains de Muse et de guerrier, — Leur paume réclame un glaive, chaque doigt réclame des bagues!

Hélas de toi, pauvre être! puits plaintif de soupirs, — Pauvre frère des huîtres d'Ophir, et des limaces! — Les deux corps ont été foudus en un seul corps, — Oui! mais ce sont les cœurs que rien n'aura pu fondre!

Être de brume! Tant d'angoisses le consument, — Ce sont deux ciels pluvieux que ses tristes yeux : — Avoir les sens de l'homme et les sens de la femme, — Et, pour pouvoir les assouvir, ne pas pouvoir les désunir!

Et la bouche fraîche, en fleur, s'entrouvre de désir, — Désir de beaux hommes nus, qu'elle ne rencontre pas; — Et les bras, pour étreindre un corps gracile et rose, — Se tendent, mais c'est en vain! ils n'étreignent que l'air!

Des baisers de gladiateur! réclame le sein, le

sein lilial: — Des baisers, des baisers de vierges! réclame le front, le front viril: — Ainsi dans le même corps, proie des assauts d'amour, — Se débattent deux désirs furieux et discordants...

Deux lions, rivaux et captifs, dans un même antre! — Ils rugissent; écarlates de sang, des armes luisent : — Et le corps (arbre et fleur!), que son malheur opprime, — Tremble, au sourd tremblement de ce combat farouche!

L'un ne rêve que de guerre; l'autre, que d'aromates; — L'un, de légions vaincues; l'autre d'amours de reines; — L'un aime les barbes rudes; l'autre, les gorges rondes; — L'un des aigles royaux, l'autre les hirondelles.

Blessés, meurtris, criant de douleur, ils se versent — Des philtres inouïs, distillés par Circé : — Comme une cage de cristal où sont aux prises deux tigres, — On dirait que le corps, parfois, va se briser...

Et ce corps vers le ciel en vain se tord les bras! — Des deux maitres rivaux qui s'en disputent l'empire, — S'il va pour suivre l'un, l'autre arrête court ses pas; — Est-ce au deuxième qu'il cède, le premier le torture!

Hermaphrodite, croyant, à force de fatigue, — Apaiser le conflit qui lui déchire le cœur, — S'en va, sous le soleil et sous la lune amie, — Par les pays lointains, par les mers smaragdines.

Il monte aux belvéders, descend aux souterrains, — Rien jamais n'assoupit, hélas, son mal intime : — Pour la femme et l'amant qu'en même temps il convoite, — Pour le double baiser qu'il cherche, il n'a qu'une bouche!

Voulait-il un éphèbe, c'est une femme qui l'attire! — Et, dans les bras d'une femme, il regrette un éphèbe; — Désirer, désirer en vain, c'est son destin : — Être séduit toujours, n'être assouvi jamais!

Las de l'intolérable excès de sa torture, — Hermaphrodite, un jour, enfin, les poings crispés — — S'est pendu, pour mourir... Mais de son corps étrange, — Toujours ennemis, furieux, sont sortis les deux frères.

Il pleuvait... Et cherchant quelque paisible asile, — Pour s'y mettre à couvert, quelque tour, quelque grotte, — Voyant mon âme ouverte, ils ont choisi mon âme, — Et maintenant, dans mon âme, ils continuent leur lutte.

L. Pilate de Brinn' Gaubast.

O PEREGRINO

A Enrico Panzacchi.

No horizonte,
Dilue-se do poente o faustoso matiz...
Triste, sentado n'uma velha ponte,
Um cavalleiro diz :

— « *Judith, Arminda, Ignez, Anna, a de tranças pret*[as]
« *E Lydia, a sensual, foram todas as mesmas !*
« *Em vão meus pardos dias, tristes lesmas,*
« *Quizeram ser doiradas borboletas...*

« *Fartei-me de colher o mesmo beijo*
« *Em labios desequaes :*
« *Não consegui adormecer meus ais,*
« *Não consegui matar a sede ao meu desejo...*

« *Trago a alma envolvida n'uma tunica*
« *Que o Cansaço teceu com lãs de cor's bem tristes...*
« *Onde estás tu, se acaso existes,*
« *Ó minha gemea, ó Unica?*

« *Devo esquecer-te, devo esp'rar a tua vinda,*
« *Ou procurar-te sempre em vão será meu fado?*
« *Vamos! vamos! responde ao teu amado:*
« *Vives, morreste já, ou não nasceste ainda?*

« *Não passa uma donzella,*
« *Seja loira princeza ou timida zagala,*
« *Que eu não diga, ao fital-a:*
« *Será* ella?

« *Já um dia pensei (em que sonhos me enredo!)*
« *Uma creança vendo ao pé d'uma velhinha:*
« *— Talvez alguma d'ellas seja a* minha...
« *Cheguei tarde de mais ou cheguei muito cedo?*

« *Embalde busco seus encantos e meiguice.*
« *Não consigo atinar com seu floreo jardim...*
« *Talvez passasse já ao pé de mim*
« *Sem que eu a visse...*

« *Mas o que mais me doe, sempre, por toda a parte,*
« *É a lembrança, ó mysteriosa amada,*
« *De que vives talvez bem desgraçada,*
« *Sem que eu possa valer-te e consolar-te...*

« Fanou-se, ha muito já, a primavera,
« Para o outomno o estio vae marchando,
« E emquanto, a procurar-te, vou chorando,
« Tu estás talvez, chorando, á minha espera...

« Sempre a buscar-te vou, embora exangue já,
« E a despeito de voz, que, por noites escuras,
« Ironica me diz : Aquella que procuras
« Não vive, não morreu, nem nascerá! »

. . . .

N'isto, ao fundo da ponte, eis que uma Dama,
Surge, soltas ao vento as longas tranças flavas,
E a sua voz, pallida rosa clama :
« — *Vem! sou aquella que buscavas!* »

O Cavalleiro parte airosamente...
Porém, na ponte havia um abysmo traiçoeiro :
Cavallo e Cavalleiro
Cairam na torrente...

. . . .

Fervia um mar de sangue no horisonte...
Do Cavalleiro o sangue as agoas coloria...
E lá ao fundo da arruinada ponte
A Dama ria... ria... ria...

(*Salomé e outros poemas.*)

A MONJA E O ROUXINOL

Ao Conde Robert de Montesquiou-Fezensac.

Dos argentinos platanos á sombra,
A linda monja, que já foi princeza,
Deixa correr os olhos na paisagem...

Vê-se o mosteiro, ao longe, entre as folhagens..
Lá, n'um balcão ás agoas sobranceiro,
As outras monjas riem, contemplando
O polyphono mar tão buliçoso,
Que das vagas os limpidos aljofres
Sobre o burel dos habitos scintillam,
O aspecto dando áquellas pobresinhas
De rainhas folgando n'uma boda.

A princeza real que se fez monja,
Que uma c'roa trocou pelos cilicios
E as festas pela doce paz do claustro,

8.

Longe das companheiras sorridentes.
Jámais aos brincos d'ellas se associa.
Quando não dorme ou resa, a sua vida
É divagar sósinha pela cèrca.
Tão alheia a si mesma, tão suspensa
Qual se as nevoas d'um sonho atravessasse...

A monja pensa...
Um dia, era noviça,
Ao despertar, seus claros olhos viram
Junto de si um rouxinol mavioso
Que lhe disse :
— « *Sou eu, a tua alma,*
« *Que esta fórma tomei para, voando,*
« *Correr distantes, lucidos paizes,*
« *Cujos prodigios mil e mil encantos*
« *Virei contar-te nas serenas noites...* »

Então o rouxinol bateu as asas,
Mas nunca mais voltou á sua dona,
Que de o tornar a ver já desespéra,
Soffrendo tanto que, chorosa, julga
Ter tido, por milagre, duas almas,
Porque, fugindo-lhe uma, não sentira
Taes penas se uma outra não tivesse.

Fana-se o dia...
Eis que, ao nascer da lua,
Entre as aves que voltam a seus ninhos,

Da esvelta monja um rouxinal se abeira.
Mirando-a e remirando-a até que rompe
N'um prateado cantar :
— « *Não me conheces ?*
« *Sou eu, a tua alma... Tem paciencia*
« *Se de ti me apartei por tanto tempo;*
« *Ah! mas tu não calcúlas, minha amiga,*
« *Que lindas coisas vi, que lindas coisas*
« *Trago p'ra te contar...* »
A paz da noite
Pelos tranquillos prados se avelluda:
E então á monja, que em transporte languido
Parece ouvir ali celestes córos,
Á linda monja cujos olhos mansos
Se vão cerrando em mystica volupia,
O airoso rouxinol conta as viagens,
Que fez pelas estrellas diamantinas...

Oh! que doce cantar! cantar tão lindo
Que o sol nasceu, subiu e emfim sumiu-se
Sem que a monja em seu curso reparasse,
Toda alheada a ouvir o divo canto...
E o canto não termina! E a lua branca
De novo sobe no ar, de novo expira,
Novamente o sol fulge e empallidece,
E sempre o canto a acalentar a monja...

O canto celestial a vae levando
Por divinos jardins maravilhosos,
Onde os pallidos anjos sorridentes,

Com aereos vestidos de perfumes,
Andam curando borboletas f'ridas...
Leva-a o canto pela Via-Lactea,
Onde ha florestas brancas, todas brancas,
E onde em lagos de leite passam cysnes,
Dos seraphins extaticos, puxando
Os barcos de crystal, cheios de lirios...

E o rouxinol não pára! conta, conta
Maravilhas, prodigios, explendores...
E a linda monja, a ouvil-o, sonha, sonha,
Sem comer nem dormir dias e dias...
Morre por fim o outomno, chega o inverno,
Cae neve, o frio córta, mas a monja
Só ouve o rouxinol... nada mais sente...
Morre o inverno, chega a primavera,
Volta de novo o v'rão, e passam mezes,
Passam annos, cyclones, trovoadas,
E o rouxinol não pára! conta... canta...
E a linda monja, a ouvil-o, sonha... sonha...

Oh! que delicia aquella! que delicia!

Das suas companheiras resta apenas
O frio pó nas frias sepulturas,
E o fogo destruiu todo o convento.
— Porém a monja nada d'isso sabe!
A ouvir o rouxinol, não viu o incendio
Nem os dobres ouviu que annunciaram
Das outras monjas a distante morte...

Novos annos se extinguem...
Uma guerra
Teve logar ali, mesmo ao pé d'ella,
Que nada ouviu nem viu a ouvir o canto :
Nem o estridor funesto das granadas,
Nem os suspiros vãos dos moribundos,
Nem o sangue que aos pés lhe ia correndo...

Um dia emfim o rouxinol calou-se!

Dos argentinos platanos á sombra,
A monja despertou, suavemente,
E morreu, qual menino adormecendo,
Emquanto o rouxinol voltava ledo
Para o paiz que tanto o deslumbrára...

Cantára o rouxinol trezentos annos...

(Salomé e outros poemas.)

LA NONNE ET LE ROSSIGNOL

(TRADUCÇÃO FRANCEZA)

A l'ombre des platanes argentins la belle nonne, qui fut auparavant princesse, laisse courir ses yeux par le paysage...

Le moutier s'encadre au lointain parmi les feuilles... Là, sur un balcon qui domine les eaux, les autres religieuses rient, tout en contemplant la polyphone mer si inquiète, que les petites perles limpides des vagues, scintillant sur la bure des frocs, donnent aux pauvrettes un air de reines folâtrant en un banquet de noces.

Loin de ses souriantes compagnes, elle, la princesse royale qui s'est faite nonne, elle qui pour le cilice a changé sa couronne, et qui laissa les fêtes pour la douce paix du cloitre, à ces folâtreries jamais ne s'associe. Quand elle n'est à dormir ni à prier, sa vie, — c'est, toute seule d'errer par l'enclos, aussi étrangère à soi-même, et dans un aussi

grand suspens, que si elle s'avançait par les brouillards d'un rêve.

La nonne médite...

Un jour, quand elle était novice, en s'éveillant, ses clairs yeux ont vu, tout près d'elle, un tendre rossignol, qui lui disait ainsi : « Voici, je suis ton âme et j'ai cette forme prise, à fin de pouvoir, m'envolant, visiter de lointains pays, de lointains pays de lumière, dont je reviendrai, par les nuits sereines, te dire les mille prodiges et les mille enchantements... »

Alors, le rossignol avait battu des ailes ; mais, depuis, il n'est pas revenu vers sa maîtresse, qui en est à désespérer de le revoir, et à se demander, tant elle en souffre et pleure, si elle n'aurait pas eu, par miracle, deux âmes : car, puisqu'il en est une déjà qui l'a quittée, elle ne sentirait pas maintenant de tels chagrins, s'il ne lui en restait une autre.

Le jour se fane...

Voici qu'au lever de la lune, les oiseaux regagnant leurs nids, de la svelte nonne un rossignol s'approche, la mire et la remire encore, pour éclater enfin d'un chant d'argent :

« Est-ce que tu ne me reconnais pas? C'est moi, ton âme... Si de toi je me suis parti durant un si long temps, pardonne ; ah ! mais c'est que tu n'as pas idée, ma mie, des belles choses que j'ai vues, des belles choses que je meurs d'envie de te conter... »

La paix de la nuit se veloute en la tranquillité des prés ; et à la religieuse alors qui tout près

d'elle semble, en un langoureux transport, ouir les chœurs célestes mêmes, à la belle religieuse dont les paisibles yeux, se ferment, peu à peu, d'une volupté mystique, le gentil rossignol conte les voyages qu'il fit dans les étoiles diamantines...

Oh! quels doux accents! des accents si beaux, que le soleil a pu se lever et monter, décroitre et se cacher enfin, sans que la nonne s'en aperçut, toute ravie par le divin chant... Et le chant de ne plus finir! et la lune blanche, de nouveau, s'élève dans les airs, de nouveau meurt; de nouveau le soleil resplendit et pâlit; et encore et toujours le chant berce la nonne...

Il l'emporte, ce chant du ciel, à travers de divins jardins miraculeux, où les anges pâles, en souriant, sous d'aériennes robes de parfums, circulent en secourant des papillons blessés... Il l'emporte, ce chant, jusqu'en la Voie Lactée, où il y a des forêts blanches, toutes blanches, et où, le long de lacs de lait, glissent des cygnes tirant des nacelles de crystal toutes pleines de lys, pour les séraphins extasiés...

Et le rossignol ne cesse point! il raconte, raconte des merveilles, et des prodiges, et des splendeurs... et la belle religieuse, à l'écouter, rêve, rêve... sans dormir ni manger, des jours et des journées... L'automne meurt, et voici l'hiver, la neige qui tombe, le froid qui coupe, mais la nonne y reste insensible... elle n'entend que le rossignol... L'hiver meurt, voici le printemps, l'été revient; des mois passent, et des années passent, et des cyclones, et des tempêtes, — et le rossignol ne

cesse point! il conte, il chante... et la belle nonne toujours à l'écouter, rêve... rêve...

Oh! que c'est délicieux! quel délice! quel délice!

Déjà de ses compagnes il ne subsiste plus que dans leurs froids sépulcres, une poussière refroidie, et le feu a détruit le couvent tout entier: — cependant, la nonne n'en sait rien! L'incendie, elle ne l'a pas vu : elle écoutait le rossignol! Et les glas, qui ont annoncé la mort lointaine des autres nonnes, elle ne les a pas entendus...

Des années, de nouveau, s'éteignent...

Une bataille, ici même, s'est livrée tout près d'elle, qui n'a rien vu, rien entendu, à force d'écouter le chant du rossignol : ni l'éclat strident et funeste des grenades, ni les vains soupirs des mourants, ni le sang, ruisselant sur ses pieds...

Un jour, enfin, le rossignol se tut!

A l'ombre des platanes argentins, suavement, la nonne s'éveilla, et mourut, comme un enfançon qui s'endort, cependant que le rossignol s'en retournait, tout à sa joie, vers le pays splendide qui l'avait tant charmé...

Le rossignol, avait chanté trois cents ans...

L. Pilate de Brinn' Gaubast.

PAN

A Otto Julius Bierbaum.

De Apollo os dardos mil descaem já sem fôrça...

No frondoso Cyllene as Oreades cautas,
Todas nuas e a rir, com receios de corça,
Fogem dos Ægipans, que vem tangendo flautas...
Mergulhando febris seus lindos corpos brancos
No esmeraldino mar dos arbustos espessos,
Correm, gritam, dão ais, galgam fundos barrancos,
Soltas as tranças d'oiro aos favonios travessos.
A luz declina... O ar é uma fina pennugem...
Ladram da Caçadora as solertes matilhas...
Cantam os rouxinoes... e os fulvos toiros mugem
Nos pastos, perseguindo as céleres novilhas...
Andam luxurias doces, philtros lisongeiros,
Pelo ether, a acordar e a suscitar delicias...
Ha gemidos d'amor... e os braços dos loureiros
São braços de mulher sequiosos de caricias...

A meio da carreira, eis que os satyros breves
Param, ouvindo Pan, que os chama, e abandonando
O rastro musical das Oreades leves,
Partem buscando o deus, em tumultuoso bando.

'Stá encostado o nume a uma faia caida,
Tem no dorso uma pel' de lynce, ensanguentada;
N'uma das mãos apoia a fronte entristecida
E co'a outra segura a flauta enamorada.

— « *Tontos!* » exclama o deus, vendo o confuso bando,
« *Embora achasse aqui este macio leito,*
« *Onde, ao pé do açafrão, viceja o smylax brando,*
« *Não consegui dormir, tal bulha tendes feito.*
Silencio!... vou dormir até que venha a Aurora,
« *E vós dormi tambem... véde, já rompe o luar...*
« *Mas... que tristes que estaes! Ah! comprehendo agora,*
« *Nenhum de vós logrou uma nympha alcançar...*
« *Perdestes a razão? Se é isso o que vos pésa*
« *Bem mais ingenuos sois que o mais rasteiro ser;*
« *Se, da Ventura á luz, vos envolve a tristeza,*
« *Certamente rireis se a Dor vos envolver.*
« *Tanta tristeza... só porque vistes fugir*
« *As nymphas liriaes... tristeza de creança!*
« — *É doce o desejar e amargo o possuir,*
« *Feliz o que deseja e infeliz o que alcança!*
« *Julgaes que brinco? Ouvi:*
« *Hontem, da tarde ao fim,*
« *Despertando, avistei n'um lago, ao pé de mim,*
« *Syringe, elysia flor, das nymphas a mais bella!*
« *Seus cabellos sem par tinham fogos d'estrella,*

« *E em sua fina pelle (ha neve que incendeia!)*
« *Corriam gelos do Ida e o leite de Amalthea...*
« *De subito, porém, viu-me a nympha, e medrosa,*
« *Mantelando a nudez co'a juba luminosa,*
« *Fugiu!*
« *Doido d'amor, começo a perseguil-a,*
« *Corro, chamo, supplico, o meu olhar fuzila,*
« *E a Zeus pedindo em vão os pés alados de Hermes,*
« *F'rindo-me nos cardaes, pisando as flor's inermes,*
« *Levado pelo amor, que a resistencia aviva,*
« *Vôo, qual dardo, atraz da nympha bella e esquiva...*

« *Longo tempo corri sem poder alcançal-a!*
« *Por fim, todo em suor, examine, sem fala,*
« *Ia já a parar, choroso, quando n'isto,*
« *Sempre, sempre a correr, entre uns cedros a avisto*
« *Com dobrado vigor persisto na carreira,*
« *E de Syringe, emfim vencida p'la canceira,*
« *Cada vez, cada vez me vou chegando mais:..*
« *Sinto asas nos meus pés, furo p'los carvalhaes,*
« *Vôo, doido d'amor, até que, finalmente,*
« *A alcanço... mas então a nympha loira e albente,*
« *Mal minha bocca chega á sua, de coral,*
« *Transforma-se, ai de mim! em verde cannarial!*
« *Desesp'rado, cortei do cannarial a canna*
« *Com que, dorido, fiz esta frauta serrana*
« *Onde chóro Syringe...*
« *Amigos, eis a historia*
« *Que devereis gravar, bem fundo, na memoria,*
« *E vos defenderá, como segura adarga,*
« *Contra as frechas hostis da decepção amarga...*

« *Quando virdes passar as nymphas, tomae tento :*
« *Amordaçae o Amor, o javali cruento,*
« *Apunhalae sem dó os lascivos desejos,*
« *Vossas boccas mordei quando pedirem beijos*
« *Meus conselhos fixae para vos defenderdes :*
« *Seguir nymphas...p'ra quê? Que loucura! eu que o diga...*
« *Se não as alcançaes, é inutil a fadiga,*
« *Se acaso as alcançaes, tornam-se em cannas verdes...* »

. . . .

N'isto, perpassa ao longe, entre os choupos prateados,
Uma nympha a fugir, como cadente estrella...
E, ao vel-a, Pan, deixando os satyros pasmados,
Ergue-se louco, e parte... a correr atraz d'ella...

(*Salomé e outros poemas.*)

PAN

(TRADUCÇÃO FRANCEZA)

Les mille dards de Phœbus déclinent déjà sans force... Par le feuillu Cyllène, les prudentes Oréades, riantes et nues, avec des peurs de biches, fuient pressées par les Ægipans, dont les flûtes sonnent.

Plongeant et replongeant, fièvreuses, leurs beaux corps blancs, dans la smaragdine mer des arbrisseaux touffus, elles courent, crient, s'exhalent en soupirs, bondissent par dessus les ravins, leurs tresses d'or flottant aux Zéphyrs espiègles.

La lumière va mourant... L'air semble de duvet... L'aboi des sagaces meutes de Diane, s'entend lointain, le chant des rossignols et, par les pâturages, le meuglement des taureaux fauves poursuivant les génisses rapides.

Mille luxures, mille philtres flatteurs, voguent par l'éther, éveillent et suggèrent des délices ; il

s'échappe des soupirs d'amour ; et les bras des lauriers sont des bras féminins, souffrant d'un désir de caresses.

Mais voici qu'à l'appel de Pan qui les réclame, les prompts Satyres soudain s'arrêtent, laissent les traces musicales des Oréades légères, et déjà, troupe tumultueuse, courent à la recherche du dieu.

Il attend appuyé, le dieu, sur un hêtre gisant à terre ; à son dos pend ensanglantée la peau d'un lynx ; il appuie, dans l'une de ses mains, son front tout triste ; et de l'autre, il retient la flûte énamourée.

— « Etourdis ! » s'écrie Pan, voyant les Ægipans, « malgré ce lit moelleux de safran parfumé, de fraîches roses, que j'avais trouvé, je n'ai pu m'endormir, tant vous faisiez du bruit.

« Silence ! jusqu'au lever de l'aurore, je vais
« dormir ; et vous, dormez aussi... voyez : la lune
« se lève... Mais... avez-vous l'air tristes !... Ah ! je
« comprends ce que c'est : pas un n'aura pu venir
« à bout de joindre sa Nymphe...

« Ingénus d'Ægypans ! si c'est là votre peine,
« vous l'êtes plus, ingénus, que le plus humbles
« des êtres ; puisque le bonheur vous rend tristes,
« certainement rirez-vous quand la douleur vien-
« dra.

« Tristes, pour avoir vu s'enfuir ces Nymphes
« liliales ?... Ægipans, vous êtes des enfants ! Si
« désirer c'est doux, posséder c'est amer ; bienheu-
« reux qui désire ! infortuné qui tient !

« Vous vous imaginez que je veux rire ?
« Ecoutez :

« Hier, vers la tombée du soir, en
« m'éveillant, j'aperçois, tout auprès de moi,
« Syrinx, fleur élyséenne, la plus belle des nym-
« phes! Ses cheveux sans pareils jetaient des feux
« d'étoile, et c'étaient sur sa chair (il y a de la
« neige qui brûle!) les glaciers de l'Ida qui cou-
« raient, le lait d'Amalthée qui coulait... Mais tout
« à coup la nymphe me voit... et toute craintive, et
» de sa crinière lumineuse voilant sa nudité, s'en-
« fuit!... Je me mets, affolé d'amour, à sa pour-
« suite, je cours, j'appelle, j'implore, mes regards
« flamboient; et, demandant à Jupiter les talon-
« nières ailées d'Hermès, me blessant aux char-
« dons, broyant les fleurs inermes, transporté
« d'une passion qu'avive la résistance, comme un
« dard, je vole sur les traces de la belle Nymphe.

« Bien longtemps, je courus ainsi sans l'attra-
« per! Tout en sueur, exténué, sans parole, sans
« espoir je m'arrêtais déjà, lorsque toujours, tou-
« jours fuyante, dans une petite cédraie je l'aper-
« çois enfin... Avec une vigueur redoublée, je
« persiste dans ma poursuite, et de Syrinx, vaincue
« par la fatigue, de plus en plus, de plus en plus je
« me rapproche! Des ailes, mes pieds en ont cette
« fois: je me rue, tout tremblant d'amour, par les
« chênaies, je vais la saisir, je la tiens!... mais
« alors, la Nymphe blonde et blanche, impuissante,
« réduite à subir la pluie lascive de mes baisers, n'a
« plus été, bientôt, qu'une touffe de roseaux verts!

« Ce fut là que je coupai celui dont j'ai fait, les
« larmes aux yeux, cette flûte rustique, où je
« pleure Syrinx...

« Ægipans, voilà bien l'histoire
« qu'il vous faudra graver au fond de votre sou-
« venir : qu'elle vous soit un sûr bouclier contre
« les flèches de l'adversaire, — contre les amer-
« tumes de la désillusion... Quand vous verrez
« passer les Nymphes, prenez bien garde : muselez
« l'Amour, muselez ce sanglier cruel ; étranglez,
« sans pitié, vos désirs de luxure ; si vos lèvres
« réclament des baisers, mordez-les...

« Quand à suivre des Nymphes... à quoi bon ?
« Quelle folie ! c'est moi qui vous le déclare,
« retenez bien mes conseils, usez-en pour votre
« défense : ou bien elles vous échappent, les
« Nymphes, et toute votre fatigue est vaine ; ou
« bien, si d'aventure elles tombent entre vos mains,
« c'est pour se transformer en touffe de roseaux
« verts !... »

Là-dessus vient à passer au loin, sous les peupliers argentés, une nymphe qui fuit, comme une étoile filante ; et Pan qui l'aperçoit se lève, hors de soi-même, parmi la stupeur des Satyres, et les quitte pour courir... pour courir après elle.

Louis-Pilate de Brinn' Gaubast.

O ANJO E A NYMPHA

A Vittorio Pica.

Como um pallido rei adolescente
Vindo da guerra onde perdeu a c'roa,
Pela floresta, que de espectros se povôa,
Caminha um Anjo, melancholicamente...
As pennas luminosas
Das suas azas caem doloridas,
E suas mãos de prata vão tão f'ridas
Que parecem levar ensanguentadas rosas...

Desponta a lua..,
E eis que o Anjo, ao clarão micante do luar,
Vê de repente, ao pé de si, trémula e nua,
Uma Nympha a chorar.

Soluça, chora, pela dôr oppressa,
E nos olhos do Anjo reparando,
Que lacrymosamente a estão fitando,
Assim começa :

— « Chloris — eis o meu nome !
« Linda, o meu peito era um gelado inverno,
« E a Mãe do Amor, por isso, condemnou-me
« A um somno quasi eterno.

« Quando emfim despertei entre estas açucenas,
« Á sombra d'esta virida nogueira,
« Tive a impressão de haver dormido apenas
« Uma noite ligeira...
« Na ignorancia da minha desventura,
« Erguí-me alegre, fui banhar-me em claras lymphas
« E parti — frecha rapida ! — á procura
« Das outras nymphas...
« Longos dias corri,
« Retalhando meus pés nos cardos seccos...
« Chamei... gritei... mas só ouvi
« A resposta dos echos...
« Embalde procurei o bando amigo,
« O bando alegre como as tardes de colheita...
« N'isto ! ao lembrar-me do meu castigo,
« Do meu destino atroz tive a cruel suspeita !
. . . .
. . . .
« Longo tempo dormira,
« E entretanto, suprema crueldade !

« Flagellada p'los homens sem piedade,
« De todo a minha raça se extinguira!
. . . .
« Já não se ouvem dos satyros as flautas,
« Que enterneciam fontes e rochedos,
« Nem relampejam entre os arvoredos
« As nymphas liriaes, fugindo, cautas...
« Torne-se negro o azul,
« O grande Pan morreu!
« E de Mercurio o alado caduceo
« Jaz caido no lodo d'um paul...
« O vento leva
« As bellas pennas do pavão de Juno,
« E do fundo do mar na impenetravel treva
« Dorme o aureo tridente de Neptuno...
« Mocidade, Alegria, Formosura,
« Tudo isso aniquilaste, Humanidade louca!
« O Amor, cavando a propria sepultura,
« Anda a tossir e a deitar sangue pela bocca...
« As Horas enlutadas
« Passam chorando, em sua dor absortas,
« E as polyphonas ondas contristadas
« Trazem á praia nereides mortas!
. . . .
. . . .
« Aventurei-me a ir um dia, por meu mal,
« A uma cidade negra, funebre, sem luz,
« Cujo povo, apinhado em fria cathedral,
« De joelhos adorava uma sinistra cruz.
« Entrei: que pasmo! No meu frio collo,
A decepção cravou suas adagas:
« A humanidade que adorára o lindo Apollo,

« 'Stava adorando um deus morto e cheio de chagas!
« De subito, ai de mim! ao verem-me, os malvados
« Ergueram-se, febris! n'um impeto fanatico,
« Cuspindo maldições, anathemas damnados
« Sobre a lactea nudez do meu corpo aromatico!
« — *Queimemol-a!* dizia o povo... E uns negros vultos
« Crueis andavam já preparando o fogueira!
« Foi então que eu fugi á multidão traiçoeira,
« Sob uma chuva hostil de pedras e de insultos!

. . . .

. . . .

« Hoje vivo escondida n'esta escura
« Floresta de recantos pavorosos,
« Tendo a augmentar a minha desventura
« A saudade dos tempos venturosos...
« Um perpetuo gemido,
« Dos meus labios confrange a primavera...
« Ai de mim! ai de mim! Ai quem me dera
« 'Star ainda a dormir ou ter morrido!... »

Delirante,
Louca de dor, calou-se a pobre emfim;
E do Anjo triste a bocca soluçante
Desabrochou assim:

— « Foi seguindo os dictames
« Do Deus que me creou — ó toda viço e graça! —
« Foi seguindo-os que a raça dos infames
« Exterminou a tua bella raça!
« Por isso, agora, vendo-me a teu lado,

« Deves olhar-me, n'um rancor ferino,
« Como o filho d'um pobre assassinado
« Olhando, rancoroso, o filho do assassino.
« Ah! não me olhes assim! A innocencia me veste,
« E a desgraça elimina os mais velhos rancores:
« Se a saudade é o teu veo, e a dor a tua veste,
« O meu peito é um jardim de cruciantes dores!

. . . .

. . . .

« Como o teu Pan, o Deus que me creou
« Foi cuspido e exilado p'los mortaes;
« As minhas asas, vê! 'stão cobertas de pó,
« Caem por terra, em pó, as altas cathedraes!
« Para o céo já não sobe o incenso em fumos claros,
« Sobem só maldições e torpes heresias,
« E os ciborios astraes, cheios de vinhos raros,
« Passam de mão em mão em lubricas orgias!
« Cada vez sangram mais as chagas de Jesus,
« E as c'roas e os anneis que reis e imperatrizes
« Tinham dado a Maria, ornam, cheios de luz,
« As alvas, sensuaes e loiras meretrizes!
« Assim, emquanto gemes,
« Saudosa, recordando os explendor's passados,
« O Cyllene, a Belleza, a Força e os mar's prateados,
« Onde os heroes iam guiando eburneos lemes;
« Emquanto o teu olhar, n'um desgosto supremo,
« Chora doridamente o resplendor sumido,
« Tambem eu soffro e gemo,
« Tambem eu chóro o meu paraiso perdido!

. . . .

. . . .

« Expulsando do céo Santas e Seraphins,

« Fulgem igneas espadas,
« E do anjo Gabriel nos prateados jardins
« As açucenas vão expirando degoladas...
« Fugiu-me, feneceu
« A ultima esperança!
« Nunca mais! nunca mais hei-de levar ao céo
« Desejos de donzella e almas de creança! »

Calou-se o Anjo...
Os altos ramos indolentes,
Como vagas, ondeavam suspirosos...
E a Nympha e o Anjo partiram juntos, silenciosos,
Vendo correr no azul as estrellas cadentes...
Foram dormir sob a clemente maravilha
Do claro céo, n'um leito de violetas...
. . . .
. . . .
D'essa união nasceu uma pallida filha,
Que é hoje a amante virgem dos poetas...

(Salomé e outros poemas.)

INSCRIPÇÃO

PARA O TUMULO D'UMA DONZELLA

Ao Conde de Sabugosa.

« Num mirante que a hera revestia,
Passei a minha mocidade á espera
D'esse, que em ledo sonho me appar'cera,
E que em continuos sonhos me appar'cia.

« Menina e moça, deslisar eu via
Moços mais lindos do que a Primavera,
Porém, ó magoa! nenhum d'elles era
O que em continuos sonhos me appar'cia...

« A Morte me beijou, sendo eu tão nova!
— Caminhante, que passas divagando,
Distrahido, entre as alvas sepulturas,

« Desfolha algumas flor's s obre estacova :
És o noivo talvez que eu 'stive esp'rando.
Talvez eu eja a noiva que procuras... »

(Depois da Ceifa.)

A COROA DE ROSAS

Afim, occulto amor, de coroar-te,
De adornar tuas tranças luminosas,
Uma c'roa teci de brancas rosas,
E fui p'lo mundo fóra, a procurar-te.

Sem nunca te encontrar, crendo avistar-te
Nas moças, que encontrava, donairosas,
Fui-as beijando e fui-lhes dando as rosas
Da c'roa feita com amor e arte.

Trago, de caminhar, os membros lassos,
Acutilam-me os ventos e a geadas,
Já não sei o que são noites serenas...

Sinto que vaes chegar, oiço-te os passos,
Mas ai! nas minhas mãos ensanguentadas
Uma c'roa de espinhos trago apenas!

(*Depois da Ceifa.*)

OPHIR

A Trindade Coelho.

I

Desde que o moço rei subira ao throno,
Sempre que se deitava p'ra dormir,
D'uma sereia começava a ouvir
A argentea voz, que lhe tirava o somno.

— « Para ti grandes glorias ambiciono,
« Vem comigo, se queres possuir
« Uma ilha de luz, chamada Ophir,
« Entre nevoas vogando ao abandono! »

Ophir!... Ophir!... E o rei, olhando o mar,
Julga ver, entre as nevoas, scintillar
Da ilha o refulgente baluarte...

De nada valem rogos nem conselhos!
Chora a noiva do rei e os aios velhos,
Mas, á busca d'Ophir, a frota parte...

II

Partiu e não voltou! Voltou sómente
O pobre rei já velho e esfarrapado:
Mas ai! um outro rei vive sentado
No seu throno de prata refulgente.

— « Sou o rei! » grita o velho inutilmente...
Só o conhece um servo dedicado,
De cujas mãos recebe o annel gemmado,
Que á noiva morta dera de presente.

O usurpador cubiça o lindo annel:
« — Dá-me aquelle barquinho, que além dança,
« Se esta joia desejas possuir... »

O usurpador acceita; e no batel
Entrando, o velho rei, cheio d'esp'rança,
De novo parte demandando Ophir.

(*Depois da Ceifa.*)

VILANCETE

Quando as naus iam á India,
Se eram cem as que abalavam,
Vinte apenas regressavam...

Voltanto ao Tejo, opulentas,
Com gemmas, oiros e pratas,
Eram presas p'los piratas,
Quebradas pelas tormentas ;
E ao fim de luctas cruentas,
Se eram cem as que abalavam,
Vinte apenas regressavam.

Com fé na vossa clemencia,
Mandei-vos naus d'esperanças,
Senhora de loiras tranças,
Martyrio d'esta existencia ;
E no caes da paciencia
Os meu dias suspiravam
Mas as naus não regressavam...

No mar das vossas friezas
Todas se viram quebradas,
Pobres naus! mais desgraçadas
Que as velhas naus portuguezas;
Que d'estas, se em más emprezas
Muitas vezes se encontravam,
'Inda algumas regressavam...

(Depois da Ceifa.)

EPIGRAMMA

P'ra onde me fugiste, ó meu viver tranquillo?
Não durmo, não descanço, e a todo o instante chóro,
Desde que um dia vi a embriagante Psyllo,
Gracil, dançando ao som dos seus crotalos d'ouro.
Almas! vivei quietas,
Não mais fiteis o Amor com trémulo receio :
Do Amor as aureas settas,
Eil-as todas cravadas no meu seio!

(*Depois da Ceifa.*)

A CAMISA DE XANTHO

Ninguem foi mais feliz do que eu, emquanto
De Xantho o lindo corpo agasalhava;
Só quando á lavadeira me mandava
É que eu vertia copioso pranto.

Mas em breve, voltava para Xantho
E a ventura de novo me amimava!
Por nada me trocara, se beijava
Seu fino collo de aprilino encanto!

Pobre camisa! chora, pois perdeste
As tuas mais preciosas alegrias!
Pobre camisa, que desgraça a tua!

Ha tres dias que Xantho não me veste!
Nos braços de Antenor, ha já tres dias
E tres noites que Xantho vive nua!

(Depois da Ceifa.)

A MEONIS

A Henrique de Vasconcellos.

Não gósto de vinho; mas se me queres ver ebrio, chega os teus labios á taça e apresenta-m'a depois.

AGATHIAS.

Como da agua foge um cão damnado,
Assim do vinho eu fujo, desde o dia
Em que, bebendo taças á porfia,
Como um morto, caí embriagado.

A vista d'esse cyatho doirado,
Só a vista! me turva e me agonia,
Porque o estou vendo, ó Meonis fugidia,
Cheio d'um vinho pallido e aloirado.

Mas se a bocca chegasses, mui de leve,
Ao licor que me é tão odioso,
— Rapido como as ondas do Peneu.

D'um trago o beberia, ó flor de neve,
Achando-o como o nectar delicioso
Porque n'elle acharia um beijo teu!

(*Depois da Ceifa.*)

A NEREIDE DE HARLEM

A meu irmão

Ayres de Castro e Almeida.

« ... no mar de Hollanda se apanhou
« hum peixe mulher, ou mulher ma-
« rinha, que foi levada a Harlem,.....
« sustentava-se com pão, e leite.....
« mas não fallou nunca ».

P. N. DE AUCOURT E PADILHA,
Raridades da natureza,

O rabbino Moysés, velho judeu de Harlem,
Cuja riqueza astral os proprios reis captiva,
Entre os prodigios mil do seu palacio tem,
N'um precioso salão, uma Nereide viva.

Muda e pallida, qual roseira desmaiando
D'um sombrio hospital na cêrca desditosa,
A Nereide infeliz passa os dias scismando
E ouvindo o que lhe conta um busio côr de rosa.

Embalada p'lo busio, em espirito regressa
Ao cantante jardim das espumas nataes,
De novo vê tritões com algas na cabeça,
As nymphas perseguindo, ornadas de coraes...

Embalada p'lo busio, entra nas grutas cerulas,
Contempla na agua azul sua nudez divina,
E nas tranças dispondo alvos fios de perolas,
Parte, doida, a chamar p'lo tritão que a fascina.

Embalada p'lo busio adormece ao luar,
Dos alcyones ouve os languidos adagios,
E com suas irmãs desce ao fundo do mar,
Onde, entre plantas, busca as joias dos naufragios,

Assim, alheada a ouvir o que o busio lhe diz
N'um sonoro refrem que a encanta e prende toda,
N'esse rico salão, a Nereide infeliz
Nada ouve nem vê do que se passa em roda...

É em vão que o judeu a leva ao seu florido,
Vasto jardim, que lembra um viveiro de araras :
Com o busio collado á conchinha do ouvido,
As pionías não vê nem as tulipas raras.

P'las festivas manhãs, clamam nas lacteas brumas
Os carrilhões d'Harlem, em rythmo endomingado,
Mas a linda Nereide, alva como as espumas,
Não ouve os carrilhões, a ouvir o busio amado.

Chegam flammantes reis, de longe, para vel-a.
Humilhando em fulgor o mais doirado poente:
Chegam nobres heroes... mas a Nereide bella
Nada ouve nem vè... a ouvir o mar ausente.

O filho do judeu falou-lhe, em vão, d'amor.
E uma tarde por fim, desesp'rado, enforcou-se;
Chora o velho Moysés, dorindo a propria dor.
— Nada ouve a Nereide a ouvir o busio doce...

Moysés, n'uma explosão de angustia paternal.
Doidamente apunhala a Nereide infeliz.
E a Nereide infeliz morre sem dar por tal.
A ouvir, alheia a tudo, o que o busio lhe diz...

(*A Nereide de Harlem.*)

GALAOR E GUDULA

A L. Pilate de Brinn' Gaubast.

Grande e taciturno salão revestido de velhas tapeçarias. Ao fundo, uma janella sobre o mar. Á esquerda, uma porta. Crepusculo.

Pensativo e lugubre, de olhos cerrados, Galaor está sentado ao pé da janella, n'uma cadeira de espaldas.

Gudula entra, melancholicamente, com os olhos marejados de lagrymas.

GALAOR, estremecendo ao ouvir passos :

Quem é?

Reconhecendo Gudula :

Ah! sim... és tu... Deixaste-a bem fechada?

GUDULA, entregando-lhe duas grandes chaves de prata :

Fechada, pobre flor! como os ladrões e as feras...

GALAOR

Vamos, Gudula, então!,.. quero-te resignada...
Sempre, sempre a chorar, meu peito dilaceras...
Quando é que emfim verei enxutos teus olhares,
Quando, quando será?

GUDULA

No dia em que a soltares...

GALAOR

N'esse caso, ao beijar-me a Morte negra e fria,
Não saberei dizer, no tremor da agonia,
Se me choras a mim ou se choras por ella...

GUDULA

Galaor! Galaor! Se procuras fazel-a
Ditosa, porque a tens n'uma torre captiva?
— Minha filha, ai de mim! 'stá enterrada viva!

GALAOR

Não! eu nunca pensei em fazel-a ditosa,
Como nunca pensei, doce alma lacrymosa,
Em dar ás nuvens vista, e ás penedias fala;
Tendo-a presa na torre, o que eu quero é livral-a
De tudo o que lhe pode acontecer...

GUDULA

Meu Deus!

GALAOR

Acaso julgas tu que elle te ouve nos céos?
Illusão infantil!
Põe os olhos no mar :
As ondas, que além vês, não cessam de chorar,
De supplicar misericordia em altos brados,
Não se calam, mas nós, a ouvil-as costumados,
Só as ouvimos quando a ouvil-as nos dispomos.
De que nos servem pois os tragicos assomos
De luto e de afflicção! Nossos fundos gemidos
Não impressionam mais, por muito repetidos,
O omnipotente Deus, indifferente algoz,
Para quem somos como as ondas são p'ra nós!

GUDULA

Não! não se esquece Deus das torturadas almas
E com delicias mil, com viridentes palmas,
Premiará na morte as angustias da vida!

GALAOR

Suppões então que Deus, pobre Mãe dolorida,
Justiça nos fará quando a Morte vier?
Pode ser... pode ser... mas tambem pode ser
Que elle nos veja como o mar estamos vendo,
E que olvide os que vão ao tumulo descendo,
Como eu me esqueço, ao fim do dia claro e brando,
Das ondas que, a chorar, além se vão quebrando!

GUDULA

Blasphemas!

GALAOR

Se blasphemo, é só Deus o culpado.
Elle que me fez ver no mar convulsionado
O symbolo da vida, um symbolo medonho,
Que, acordado, me gela, e me apunhala em sonho!
Se a vida queres ver, põe no mar os teus olhos...

Levantando-se e approximando-se da janella :

Abre os teus olhos, vê :
Além, galgando escolhos,
Na confusão d'um grande choque de gigantes,
As vagas a correr atropelam-se uivantes;
Gemem, cheias de dor, sibilam, revoltadas,
Trocam beijos e flor's, brandem finas espadas;
N'este instante servis, e logo em gestos nobres,
Arqueiam-se quaes reis, e humilham-se quaes pobres;
Estas vestidas d'odio e aquellas de desejos,
Umas cravam punhaes, outras derramam beijos;
Não param, correm sempre em filas luminosas,
Ameaçam varonis, supplicam lastimosas;
Despenham-se no abysmo, erguem-se ás nuvens bellas,
Gemem, riem, dão ais, e afinal todas ellas,
A blasphemar, a rir e a chorar, uma a uma,
Vão desfazer-se além, na praia d'oiro, em espuma!
Cada alma é uma onda : ergue-se altivamente,
Quer topetar o céo e no céo resplendente,

Vaidosa conquistar um resplendente asylo...
Depois, ferida, ao ver que não pode attingil-o,
Cae e morre a chorar em dolorido canto:
Cada alma é uma onda, e a vida é um mar de pranto!

Galaor senta-se na cadeira e Gudula no chão, sobre uma almofada. Silencio.

GUDULA

Crueldade sem par, inaudito martyrio,
Tel-a fechada assim como um candido lirio
N'uma adega sem luz! fechada, pobre estrella,
Co'essas chaves, Senhor! que pesam mais do que ella

GALAOR

Havia de suppor-me um leão quem te escutasse!
Ah! não fosse a ventura um sonho bem fugace,
Traiçoeira luz que só um curto instante brilha,
Pudesse eu ver ditosa o nossa pobre filha,
— Cortaria os meus pés p'ra lhe dar umas asas,
E p'ra a c'roar de flor's, coroára-me de brasas!
Amo-a! quero-a livrar da angustia que me pésa,
Amo-a muito e por isso é que a conservo presa!

Mysteriosamente:

A Desgraça, de noite, este palacio corre...

GUDULA, abraçando os joelhos de Galaor

Galaor! Galaor! Deixa-a sair da torre!

GALAOR

Nunca! Nunca! A Desgraça está dormindo agora,
Mas seu somno é fugaz, bem pouco se demora,
E se eu abrisse a negra porta da prisão,
Jubiloso, feliz, teu nobre coração
Havia de pulsar com tamanha alegria
Que a Desgraça, ai de nós! logo despertaria!

GUDULA

Se assim é, se desperta aos mais leves ruidos,
Porque é que não desperta ao som dos meus gemidos,
Profundos como o mar, onde são vans as sondas?
Galaor, porque é?

GALAOR

O marulho das ondas
Embala docemente o dormir dos piratas...

GUDULA

Tem dó, tem dó de mim! Pois não vês que me matas?
Sê bom! Deixa-a sair... Andarei a seu lado,
Vigiando-a sem cessar com maternal cuidado,
Como um anjo trataria uma roseira enferma...

GALAOR

Não insistas... A flor que brota em penha erma
Vive e fallece em paz; mas as plantas de raça,

Que sonham em jardins reaes, cheias de graça,
Decapitadas são por dedos refulgentes...
Não insistas... Do acaso as asas inclementes
Não deixam de rutlar sobre nós, como espadas...

GUDULA

E a vontade de Deus?

GALAOR

Das torres elevadas
Ninguem formigas vê a caminhar no pó...

Depois d'um breve recolhimento:

Quem não teme o que está p'ra vir? Os doidos só...
Aquelle que não teme o que está p'ra chegar,
É um cego sem bordão nem moço a caminhar
N'uma ponte arruinada...

Curto silencio.

Uma vez, era em maio,
Ia eu para a caça em meu cavallo baio,
Levando atraz de mim pagens e falcoeiros,
Quando, ao atravessar um bosque de loureiros,
O nervoso corcel, vendo na relva em flor
Uma folha a correr, tomou-se de pavor
E lançou-se comigo em tenebroso abysmo...
Só á fôrça de grande e generoso heroismo
É que o meu pagem fiel, o honesto Segismundo,
Foi encontrar-me quasi morto, lá no fundo...

Ali perto, ficava o teu nobre castello...
Levaram-me p'ra lá... Jámais teu olhar bello
Se cruzara com o meu... mas ao voltar a mim,
Vi-te ao pé do meu leito, alva flor de marfim,
E os teus dedos de luz, pensando os meus f'rimentos,
Eram tão suaves, tão macios e luarentos,
Que me alegrára Deus, se me chagasse todo!
Namorei-me de ti, tocado pelo modo
Como então me trataste... Amavas-me, dizias...
Oh que dias d'amor!... e ao cabo d'alguns dias
Um bispo abençoou, Gudula, a nossa união.
N'um extasi d'amor, par'cia-nos então
Que tinhamos nascido um para o outro apenas,
Só p'ra trocarmos beijos doces como pennas,
E que, ao ver-te no berço, a sorrir descuidosa,
Decretára o Senhor que fosses minha esposa...
Mas, meditando, foi uma folha crestada
Que as almas nos uniu...

GUDULA, interrompendo-o :

Folha por Deus mandada...

GALAOR

Pelo acaso ou por Deus, quem o sabe? Ninguem...
Só sei que tudo o que nos acontece tem
Tanta, tanta raiz, e tantos, tantos frutos,
Que nem um passo dou n'esta vida de lutos
Que não trema de horror, vendo as magoas sem par
Que esse passo ha de em breve attrair e causar!

Silencio.

GUDULA

Emquanto de Sibylla as joias são tristezas,
Felizes vão cantando e rindo outras princezas
Para as quaes a existencia é um eterno amanhecer...

GALAOR

Felizes, dizes tu, mas deixarão de o ser...
Essas princezas casarão, serão rainhas,
De filhos se encherão, e mil chagas damninhas
Suas almas roerão sem piedade!

Em crescente exaltação :

Ai de quem
Se arrisca a ter um filho!
Um pae e uma mãe
Podem cumplices ser dos crimes mais perversos...
Imagina em que dor devem andar immersos
A mãe d'um grande poeta e o pae d'um scelerado!
Mas como tudo isto é negro, emmaranhado,
Como tudo se prende!
O bardo mais querido,
O poeta mais genial nunca teria sido
Esse poeta... ou seria um poeta inda maior,
Se uma certa mulher — mysterio esmagador!
Não passasse uma vez ao pé d'um certo homem!

Mergulhando as mãos na cabelleira revolta :

Ah! como estas questões, Gudula, me consomem!

GUDULA, carinhosa :

Socega...

GALAOR

Quem me dera um pouco de socego!
Mas, dize, como posso eu socegar, se chego,
Com receio da dor que ao longe me ameaça,
A não sentir agora a dor que me espedaça?
O que está p'ra chegar?

Ninguem, ninguem se mova!

Dois homens, uma vez, entraram n'uma cova
Abrasados, os dois, p'la mesma sede d'oiro :
Um encontrou a morte, o outro achou um thesoiro...

De bravo temporal em noite ameaçadora,
Um raio fulminou uma ingenua pastora,
Que se fôra abrigar — segredos do destino!
Sob uma faia que eu plantei quando menino,
Quando eram puras, como a innocencia, estas mãos!

Duas jovens irmãs encontram dois irmãos,
Cada uma escolhe o seu... canta nos seus olhares
A luxuria... mas ai! de cada um d'esses pares
Um assassino nasceu!

Talvez nascesse um santo

Se outra tivesse sido a escolha...
A cada canto
'Stá o acaso a espreitar...
Que mysterio alarmante :
Uma columna cae e mata um caminhante!

Pausa.

O que estará p'ra acontecer?

GUDULA

Filha adorada!

GALAOR

Vive triste, bem sei, mas não amargurada.
E é triste, que eu a quero : o riso attrae a dor,
Que atraz do riso é o servo atraz do seu senhor...
Choremos sem cessar!
Ai dos que passam rindo!
Todo aquelle que ri é um tonto sacudindo
Um sacco d'oiro n'um pinhal, onde ha ladrões!
. . . .

(*O Rei Galaor.*)

GALAOR E GUDULA

(TRADUCÇÃO ITALIANA)

Vasto e taciturno salone, ricoperto di vecchie tapezzerie. Nel fondo una finestra sul mare. A sinistra una porta. Crepuscolo.

Galaor, pensieroso e lugubre, con gli occhi chiusi, sta seduto in una poltrona presso la finestra.

Entra Gudula malinconicamente con gli occhi bagnati di lagrime.

GALAOR, transalendo nell' udire passi.

Chi viene? (riconoscendo Gudula) Ah! sì... sei tu... La lasciasti ben chiusa?

GUDULA, porgendogli due grosse chiavi di argeuto.

Chiusa, povero fiore! come i ladri e le fiere...

GALAOR

Suvvia, Gudula, ora è tempo!... Ti vò rassegnata... Tu mi spezzi il cuore col tuo pianto perenne...
Quando vedrò alfine asciutti gli occhi tuoi, quando?

GUDULA

Il giorno in cui la porrai in libertà...

GALAOR

In tal caso, allorchè la morte nera e gelida verrà a baciarmi, non saprò dire nel tremito dell' agonia, se per me tu piangerai o per lei...

GUDULA

Galaor! Galaor! Se vuoi renderla felice, perchè la tieni prigioniera in una torre? La figlia mia, ahi misera! sta sepolta viva!

GALAOR

No! Io giammai ebbi in mente di renderla felice, come giammai, o dolce alma lagrimosa, pensai di dare vista alle nubi e favella alle rupi; col tenerla chiusa nella torre voglio preservarla da qualsiasi sventura...

GUDULA

Mio Dio!

GALAOR

Credi tu, forse, ch' egli t' oda lassù nei cieli? Infantile illusione! Volgi gli occhi al mare: Le onde, tu lo sai bene, non cessano di piangere, d' implorare misericordia con alti muggiti, non si calmano, ma noi, avvezzi ad udirle, vi prestiamo orecchio solo quando ci talenta. A che ci valgono poi le tragiche parvenze di lutto e di afflizione? I nostri profondi gemiti, per il lungo ripetersi, più non impressionano l'onnipotente Dio, indifferente carnefice, pel quale noi siamo quello che le onde sono per noi!

GUDULA

No! Dio non oblia le anime tribolate e con mille delizie, con verdeggianti palme, premierà nella morte le angoscie della vita!

GALAOR

Povera madre dolorosa, tu supponi allora che Dio ne farà giustizia dopo la morte? Può essere... può essere... ma può esserre ancora, ch' egli ci guardi incurante, come noi ora contempliamo il mare, e che ponga in oblio coloro che discendono nella tomba, come io dimentico, sul finire del giorno limpido e sereno, le onde che gemendo vanno laggiù afrangersi.

GUDULA

Tu bestemmi!

GALAOR

Se bestemmio, il solo colpevole è Dio. Egli mi fè vedere nel mare in furia il simbolo della vita, un simbolo spaventoso, che desto mi agghiaccia, e addormentato mi trafigge! Se vuoi meditare sulla vita, volgi lo sguardo al mare...

Levandosi in piedi e avvicinandosi alla finestra:

Apri gli occhi, e guarda: Laggiù le onde che superano gli scogli, nella confusione d' un grand' urto di giganti, cozzano nella loro corsa, gemono nel loro dolore, sibilano rivoltose, scambiansi carezze e fiori, brandiscono acute spade. Ora si mostrano servili ed ora altere, ergonsi come re e umiliansi come poveri; queste son pregne di odio, quelle di desiderii, le une conficcano pugnali, le altre gettano baci.

Non si arrestano, corrono sempre in file luminose, alla virile minaccia fanno seguire la querula preghiera. Talvolta s' innalzano fino alle nuvole, talvolta precipitano nell' abisso. Urlano, ridono, sospirano, e tutte a una a una vanno alla fine con la bestemmia, col riso e col pianto a frangersi in spuma sul dorato lido.

Ciascun' alma è un' onda, che superba si estolle, vuol toccarre il cielo, e nel cielo risplendente con-

quistare vanitosa un risplendente asilo... Ma poi, offesa di non poterlo raggiungere, cade e si stempra a piangere in doloroso canto.

Ciascun' alma è un' onda, e la vita è um mare di pianto!

(Galaor siede nella poltrona e Gudula per terra sopra un cuscino. Silenzio).

GUDULA

Oh crudeltà senza pari! inaudito martirio! Tenerla così chiusa come un candido giglio in un sotteraneo senza luce! Serrata, povera stella, con queste chiavi, Signore! più pesanti di lei!

GALAOR

Chi t' udisse dovrebbe suppormi un leone! Ah! se la felicità non fosse un sogno ben fugace, una luce menzognera che brilla solo un breve instante, io potrei veder felice la nostra povera figlia. Troncherei i miei piedi per darle le ali, e per coronar lei di fiori, me coronerei di fiamme!

L'amo! vò sottrarla all' angoscia che m'opprime, l'amo assai e perciò la tengo prigioniera.

Misteriosamente :

La sventura, di notte, questo palazzo percorre...

GUDULA, abbracciando le ginocchia di Galaor.

Galaor! Galaor! Lascia, ch' ella esca dalla torre!

GALAOR

Giammai! giammai! La sventura dorme tuttora, ma il suo sonno è fugace, ben poco dura. Or s'io schiudessi la nera porta della prigione, il tuo nobile cuore, esultante, felice, balzerebbe con allegrezza sì grande, che, miseri noi! desterebbe immediatamente la sventura!

GUDULA

S'è così, se al più lieve rumore si desta, onde avviene che non si desta al suono de' miei gemiti, profondi come il mare, colà dove sono inutili le sonde? Galaor, perchè?

GALAOR

I marosi cullano dolcemente il sonno dei pirati...

GUDULA

Abbi pietà, abbi pietà di me! Non vedi dunque che m' uccidi? Sii buono! Lasciala uscire...
Le starò daccanto, vigilandola incessante con materna cura, come un angelo curerebbe un languente rosaio...

GALAOR

Non insistere... Il fiore che spunta in solitaria roccia vive e muore in pace; ma le nobili piante, che sognano piene di grazia nei regali giardini,

sono troncate da dita rifulgenti... Non insistere... L'ali inclementi del caso non lasciano di roteare come spade su noi...

GUDULA

E il volere di Dio?

GALAOR

Dall' alto delle torri nessuno vede camminare le formiche nella polvere...

Poi dopo breve raccoglimento

Chi è che non teme l' avvenire? Solo i pazzi... Colui, che non teme ciò che deve accadere, è un cieco il quale senza nè bordone nè guida cammina su d' un ponte in rovina...

Breve silenzio.

Un giorno, era di maggio, andavo a caccia sul mio baio, traendomi dietro paggi e falconieri, quando nell' attraversare un bosco di lauri il brioso corsiero, al vedere una foglia volare sul fiorito terreno, impenossi e com me si slanciò in tenebroso abisso.

Solo per forza di grande e generoso eroismo il mio paggio fedele, l' onesto Sigismondo potè ritrovarmi quasi morto in quel baratro... Non lungi sorgeva il nobile tuo castello... Mi vi transportarono... Giammai il tuo sguardo gentile erasi in-

crociato col mio... ma nel tornare in me, ti vidi appiè del letto, pallido fiore eberneo, e le tue dita di luce, fasciando le mie ferite, erano così soavi, delicate e diafane che avrei lodato Dio, se m' avesse fatto tutto una piaga! Di te mi accesi allora, tocco dal modo come mi curasti. Tu dicevi d'amarmi... Oh bei giorni d'amore! E a capo d' un pò di tempo un vescovo, Gudula, benedisse la nostra unione. Assorti in un' estasi divina, allora ci pareva che fossimo nati l' uno per l' altro, solo per scambiar baci, morbidi come piume, e che il Signore nel vederti sorridere spensierata nella culla avesse destinato che tu fossi mia sposa... Ma, ripensandoci, fu una foglia secca che unì l' alme nostre...

GUDULA, interrompendolo.

Foglia mandata da Dio...

GALAOR

Dal caso o da Dio, chi lo sa? Nessuno... Mi consta solo che tutto quanto ne accade ha tante e tante radici e tanti e tanti frutti, che in questa vita luttuosa io non muovo un passo senza fremere d' orrore al pensiero degli affanni incomparabili, che quel passo dovrà in breve attirare e produrre!

Silenzio.

GUDULA

E intanto per la nostra Sibilla i gioielli sono le lagrime, le altre principesse trascorrono felici nel canto e nel riso la vita, ch' è per esse un' alba eterna.

GALAOR

Felici, hai detto? Ma cesseranno di esserlo...
Quelle principesse diventeranno spose e regine, avranno copia di figli, e mille piaghe fastidiose verranno spietate a torturare le anime loro!...

Con crescente esaltazione:

Sventura a chi si arrischia d' avere un figlio!
Un padre e una madre possono farsi complici dei delitti più orrendi... Considera in qual dolore dovranno immergersi la madre d' un gran poeta e il padre d'uno scellerato! Ma come tutto ciò è nero, intricato, come tutto si avviluppa!
Il bardo più diletto, il poeta più gentile non sarebbe mai divenuto tale... o sarebbe un poeta ancora più grande, se una certa donna, oh mistero opprimente! non fosse passata una volta davanti a un certo uomo!

Tuffando le mani nella chioma arruffata:

Ah, come siffatte quistioni, o Gudula, mi logorano!

GUDULA, affectuosa.

Ti calma, Galaor...

GALAOR

Chi mi darà un pò di calma! Ma dimmi, come poss' io tranquillarmi, se a furia di paventare il dolore che da lungi mi minaccia, sono giunto ora a non sentire più il dolore che mi dilania? Chi sta per giungere?

Nessuno, nessuno si muova.

Una volta due uomini penetrarono in una caverna, arsi entrambi dalla stessa sete dell' oro: uno trovò la morte, l' altro un tesoro...

In una notte, foriera d' impetuoso uragano, un fulmine incenerì una povera pastorella, che cercò rifugio, — segreti del destino! — sotto un faggio ch' io fanciullo piantai, quando queste mani eran pure come l' innocenza!

Due giovani sorelle incontrarono due fratelli, ognuna scelse il suo... canta nei loro sguardi la lussuria... ma ahimè! da ciascheduna di quelle coppie nacque un assassino! Sarebbe forse nato un santo, se diversa fosse stata la scelta... Ovunque sta in agguato il caso...

Qual mistero spaventevole. Una colonna cade e uccide un viandante!

Pausa.

Che mai dovrà accadere?

GUDULA

Figlia adorata!

GALAOR

Ella vive triste, lo so, ma senza afflizione; e così la voglio. Il riso attira il dolore che lo segue, come il servo segue il suo signore... Piangiamo senza tregua! Sventura a quelli che passano ridendo! Chiunque ride è un pazzo che agita un sacco d' oro in una pineta piena di ladri!

Antonio Padula.

NOITE D'AMOR

A L. Cranmer-Byng.

> Videntes filii Dei filias hominum quod essent pulchræ, acceperunt sibi uxores ex omnibus quas elegerant.
>
> GENESIS, Cap. VI, v. 2.

Altas horas da noite, as moças perturbadas,
Ouvindo um extranho som de violas encantadas,
Vendo pelos rasgões das pell's, que estão cobrindo
As tendas, uma luz de prodigio, e sentindo
Um aroma celestial de inconcebiveis flores,
Erguem-se de mansinho, a palpitar d'amores,
E cada uma sae da sua tenda, núa...

Maravilha sem par!
A pequenina lua,
Que cabia n'um poço, alargou-se, cresceu,
Encurvou-se, e eil-a agora a forrar todo o céo!

Ah! que brilho divino o céo glorioso tem!

Mas olhae, mas olhae : vède os Anjos além!
Vède-os: que resplendor! E descem! Contemplae-os:
Os seus olhos, que são flor's com luz, lançam raios,
Que são luz com aroma, e o adejar puro e leve
Das suas asas é como um florir de neve!
Vède-os! vède-os descer do céo de prata ardente,
Mancebos a sorrir effeminadamente,
Como frutos ideaes da paixão assombrosa
Com que um cysne adorou uma donzella airosa,
Que antes de ser mulher fosse lirio de gelo!
Vêde-os! vêde-os descer com astros no cabello,
Loiros, insexuaes e pallidos, vestidos
Com leves fumos d'oiro...
Uns arrancam gemidos
A's violas de crystal; outros trazem redomas
D'onde sobem no ar transcendentes aromas;
D'outros as fluidas mãos, femininas, inquietas,
Perseguem com ardor doiradas borboletas,
— Borboletas de mica atraz de estrellas d'oiro...

No brilho excepcional do ar afagante e loiro,
Suas vozes d'arminho enlaçam-se cheirosas,
Como brisas d'outomno em canteiros de rosas...
E assim, descendo sempre em balanços de vaga,
Chega o cortejo á terra e n'ella se propaga
Com passos tão subtis, que as frageis margaridas
Depois que as calca um pé ficam de novo erguidas...

Vendo nuas ali as morenas donzellas,
Os filhos do Senhor vão logo ter com ellas,
E perdidos d'amor, com desmaios na voz
E deliquios no olhar, cada um parte veloz,
Gracioso, arrebatando a sua linda eleita,
Com quem, doido, feliz e trémulo, se deita
Em tapetes de flor's, á sombra azul dos ramos...

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Quando a manhã surgiu com seus aureos recamos,
Quando os Anjos liriaes, namorados crueis,
Haviam regressado aos divinos vergeis
E as filhas dos mortaes gemiam assombradas
Por não se verem já aos noivos abraçadas,
Quando os visos, ao sol, se iam já aloirando :
— O velho Patriarcha, erguendo-se, espraiando
O fatigado olhar, e avistando as serenas
Campinas matinaes cobertas pelas pennas,
Que o amor tinha arrancado á prateada innocencia
Das asas virginaes dos anjos em demencia,
Quedo e anguloso qual agulha de basalto,
Ficou mudo, a pensar..., e emfim clamou bem alto :
— « *Como foi? como foi, poderoso Senhor,*
« *Que caiu tanta neve havendo tal calor?* »

(*Saudades do Céo.*)

O DILUVIO

A L. Cranmer-Byng.

11. Anno sexcentissimo vitæ Noë, mense secundo, septimodecimo die mensis, rupti sunt omnes fontes abyssi magnæ, et cataractæ cœli apertæ sunt.
12. Et facta est pluvia super terram quadraginta diebus et quadraginta noctibus.

GENESIS, Cap. VII.

Ha muitos dias já, ha já bem longas noites,
Que o estalar dos bulcões e o atroar das torrentes,
Ribombam com furor, quaes rabidos açoites,
Ao crebro rutilar dos coriscos ardentes.

Pradarias, vergeis, hortos, vinhedos, mattos,
Tudo desappar'ceu, ao rude desabar
Das constantes, hostis, raivosas cataractas,
Que fizeram da terra um grande e torvo mar,

Á flor do torvo mar, verde como as gangrenas,
Onde homens e leões boiam agonisantes,
Imprecando com furia e angustia, erguem-se apenas,
Quaes monstros collossaes, as montanhas gigantes.

É ahi que, ululando, os homens com as feras
Refugiar-se vão em tragicos cardumes;
O mar sobe, o mar cresce, e os homens e as pantheras,
Creanças e reptis caminham para os cumes.

Os fortes, sem haver piedade que os subjeite,
Arremessam ao chão pobres velhos cansados,
E as mães largam, crueis, os filhinhos de leite,
Que os que seguem depois pisam hallucinados.

Um sinistro pavor, crescente e suffocante,
Desnortea, asphyxia a turba pertinaz:
Ouvem-se urros de dor, e os que vão adeante
Lançam pedras brutaes aos que ficam p'ra traz.

Raivoso, o toiro estripa os miseros humanos
Que o 'storvam, ao correr em fuga desnorteada,
E pelo ar tenebroso as aguias e os milhanos
Fogem com vivo horror d'aquella estropeada.

Cresce a treva infernal nos cavos horisontes,
O oceano sobe e muge em raivas cavernosas,
E as ondas, a trepar pelos visos dos montes,
Fazem de cada vez mil victimas chorosas!

Os negros vagalhões nos bosques mais cimeiros
Silvam e marram já com golpes iracundos;
Resplendem raios mil em rutilos chuveiros,
E os corvos a grasnar desolham moribundos.

Blasphemias, maldições elevam-se á porfia,
Fustigado p'lo raio augmenta o furacão;
Cada ruga do mar accusa uma agonia,
Cada bolha, ao estalar, solta uma imprecação.

Cresce o mar, sobe o mar .. e traga rudemente
Da mais alta montanha o pincaro nevado,
E um tremendo trovão applaude a vaga ardente
Que envolve, ao despenhar-se, o ultimo condemnado...

Cresce o mar, sobe o mar, que já topeta os céos,
E, levada p'lo fero e desabrido norte,
Sua espuma a ferver molha o rosto de Deus,
Que lhe encontra um sabor nauseabundo, de morte...

Cresce o mar, sobe o mar... cada vaga é uma torre!
No céo, o proprio Deus melancholico pasma...
E pelos vagalhões acastellados corre
A Arca de Noé, qual Navio-Phantasma...

(*Saudades do Céo.*)

DEPOIS DO DILUVIO

A L. Cranmer Byng.

Resurge a terra emfim! O sol quente e arruivado
Beija-a com louco amor, qual moço namorado,
Que, no auge do prazer, languidamente abraça
Sua noiva gentil, flor de innocencia e graça,
Que desperta e sorri, no seu amado absorta,
Dentro do esquife branco em que ia como morta...
Com o sol a acarinha!

E ella, a terra amorosa,
Qu'rendo que o seu amigo a veja bem formosa,
A ataviar-se nem um só minuto perde :
Dos bosques musicaes cinge a pellucia verde;
Dos ondados trigaes cinge as sedas; nas tranças
Põe os lagos azues, negras saphiras mansas;
E aperta no pescoço os rios crystallinos,
Que são grandes rocaes dos diamantes mais finos...

Viçosos, virginaes, meigos e encantadores,
Rebentam, sem cessar, seus sorrisos — as flores...
E em direcção do sol, lestos, chilreantes, suaves,
Sobem, sobem aos mil os seus beijos — as aves!

(Saudades do Céo.)

AFTER THE DELUGE

(TRADUCÇÃO INGLEZA)

At last the earth arose. The hot red sun
Sprang to her madly, as a lover might
Who, from the pallid winding-sheet, beholds
His gentle maid, his flower of innocence
Rise with the happy smile of dawn returned
Into the dark worlds of her eyes. The earth
Desiring only to be all desired
Hurriedly robed her loveliness ; and first
She girded on the ever — rustling silk
Of the green fields : the forest of her hair
She set with sapphire lakes of deepest blue
A dream : upon her throat the crystal streams,
Glad in the bondage of their diamond chains,
Virginal, dimpled with each new delight
Lit without cease her waking smiles the flovers ;
And, in their thousands, singing, soaring, swift,
Mounted the birds, her kisses, to the sun.

L. Cranmer-Byng.

EXTASE

Pois quê, Senhor, não é um sonho isto?
Não é um sonho esta gentil figura,
Retrato fiel da linda creatura,
Que, em sonho, tantas vezes tanho visto?

Vendo-a, como a estou vendo, não assisto
Á farça d'um delirio? É humana a pura
Voz que me embala em ondas de ternura?
São dois olhos reaes, esses que avisto?

Não sereis d'um phantasma encantador,
Ó finas mãos de celestial pureza,
E vós, labios em flor, que me fazeis.

Tantas promessas de leal amor?
De que não sonho, ó Deus, dae-me a certeza,
E se estou a sonhar... não me acordeis!

(*Inedito.*)

DE LONGE

Assim que me levanto e antes de me deitar,
No meu alto balcão passo horas e horas,
A olhar na direcção em que deve ficar,
Ó fragil Beatriz, a aldeia onde tu moras.

N'esse ponto do céo, que é todo o céo p'ra mim,
Mal anoitece, vejo uma estrella inconstante,
Que ora treme em fulgor's de esmeralda e rubim,
Ora se apaga como um olhar de agonisante.

Quero crer que no azul procuraste tambem
A direcção da terra, onde estou desterrado,
E que a estrella que eu vejo, ó meu unico bem,
É a mesma em que poisa o teu olhar magoado.

D'este modo se explica a inconstancia da estrella,
Que é, alternadamente, um desmaio e um clarão:
Fulge quando tu estás, minha santinha, a vèl-a,
E desmaia se o olhar retiras da amplidão.

Se assim é, como julgo, ah! que feliz eu sou,
Como se enche de flor's da ausencia o duro açoite!
— Toda a noite passada a estrella scintillou,
Signal de que a fitaste, ó linda, toda a noite!

(*Inedito.*)

O TEU NOME

O teu nome, no qual um nome vejo
De lactea monja ou mystica rainha,
Dito em segredo, ó mansa cordeirinha,
Produz na bocca o chilrear de um beijo,

D'um beijo casto cujo leve adejo,
Vida da minha vida, esp'rança minha,
É o palpitar da asa fagueirinha
D'uma alma accesa em limpido desejo.

Não me crês?... Com discreta suavidade,
Dize o teu nome... Então?... Pois não ouviste
Um doce beijo? A mim, embriagou-me...

Mas se quer's ver melhor como é verdade,
Dá-me que eu beije essa carinha triste
E nos meus beijos ouvirás teu nome...

(*Inedito.*)

O ANGELUS

A sua Majestade
A Senhora D. Maria-Amelia
Rainha de Portugal.

A sala é vasta e lugubre. Afundada
N'uma cadeira d'espaldar, Constança
Olha, atravez dos vidros, a paisagem
Onde o pardo Mondego se lastima
Entre choupos transidos pelo frio
E p'la fria tristeza do crespusculo...
Aos pés da infanta, está sentada Dulce,
Aia moça e discreta, que dedilha
Com distracção as cordas d'uma cythara...

— « Vendo lá fóra as insuas encharcadas, »
Diz Constança, « os salgueiros friorentos,
« Os montes expirando entre neblinas,
« E o céo embaciado e baixo, sinto
« O desejo de estar convalescente

« D'uma longa e cruel enfermidade...
« Talvez supponhas que este meu desejo
« Do egoismo vem, que é a minh'alma
« Que, tiritando toda confrangida,
« Ao 'spelhar a lethal melancholia
« Do outomno e do crepusculo, cubiça
« Os maternos carinhos que circumdam
« Quem da morte passou, ha pouco ainda,
« Ás chapeadas portas d'onde trouxe
« O pallòr e a magreza dos phantasmas.
« Mas não! Este desejo é só a ancia
« De me purificar, ancia profunda,
« Que me asphyxia quando vejo como
« Da ambicionada perfeição 'stou longe... »

— « Fòras a branca neve, » atalha Dulce,
« Fòras a branca neve, e pedirias
« Ao Senhor que te désse mais brancura! »

Sorrindo a custo, a infanta continúa:
— « Graciosa amiga! se me vês tão bella
« É que os teus verdes olhos me embellezam.
« Porém, aos olhos do Supremo Justo,
« Quantas hervas daninhas vão medrando
« Na minh'alma sequiosa de explendores!
« A cada alma, Dulce, corresponde
« Uma certa paisagem que a retrata...
« Paisagens ha que nos commovem tanto
« Como um lago purissimo commove
« O velhinho illudido, que julgava

« Ser ainda um mancebo, e a donzellinha
« Que nunca imaginára ser tão linda...
« Assim, correndo a vista p'la paisagem
« Que se confrange além, julgo que faço
« O meu exame de consciencia, e emquanto
« Os meus olhos relembram com saudade
« As floridas manhãs da primavera,
« Tem minh'alma saudades da innocencia
« E da pureza em que viveu outr'ora...
« Ah! Dulce, visse-me eu convalescente,
« E os meus candidos dias revivera!
« Cada convalescente é uma creança,
« Que do céo, d'onde veiu, 'inda se lembra,
« E que na escura terra vê apenas
« Almos reflexos dos vergeis divinos...
« Todo o mundano orgulho se dissipa,
« Toda a paixão maldosa se evapora
« Ao bafo da doença e da desgraça...
« Como a myrrha, que só lança perfumes
« Quando a deitam no fogo, as nossas almas
« Só tem arôma quando a augustia as queima;
« Mas da myrrha os perfumes mais suaves
« São os que sobrevivem á fogueira...
« Assim tambem das almas os mais doces
« Aquelles são que se desprendem quando
« A febre vae baixando e o pranto cessa...
« Não te recordas d'um convalescente,
« D'um moço muito loiro que encontrámos
« Certa manhã d'abril junto ao Mondego? »

— « Se me recordo! Sim, » responde Dulce,

« Foi por signal n'aquella manhã clara
« Em que perdeste o annel de aventurinas,
« Que o principe te dera... »
— « O annel precioso, »
Diz a infanta comsigo, amargurada,
« Com o qual me fugiu toda a ventura! »

Ha um silencio aqui, mas muito breve.
Dominando-se, a pobre assim prosegue:
— « Que sideria belleza a d'esse joven!
« Sob os fartos cabellos, sua fronte
« Affavel e translucida irradiava
« Tanta luz, que par'cia ter lá dentro
« Constellações em vez de pensamentos.
« Suas exangues, longas mãos fulgiam
« Tão transparentes e tão luminosas,
« Como as mãos do santinho, que, á luz d'ellas,
« Escrevia de noite hymnos e psalmos...
« Magro, o seu fato nem par'cia d'elle,
« Lembrando assim um anjo disfarçado
« A quem dos homens fossem mal as vestes...
« Caminhava a tremer, como o menino
« Que ensaia trémulo os primeiros passos;
« Encostava o seu rosto, onde murchavam
« Da febre que o minára as rosas ultimas,
« Ao hombro docil d'uma irmã benigna;
« Parava a cada passo... e, deliciado
« Pelo ar vivo d'abril, cerrava as palpebras
« Diaphanas e leves, que deixavam
« Transparecer o negro das pupillas...
« Foi sentar-se entre os choupos... Pela relva

« Entresachada de aprilinas flores,
« Das aves que do exilio regressavam,
« Azues, corriam as ligeiras sombras;
« Em baixo, o rio, gemedoramente,
« Ao sol brilhava, como se arrastasse
« Fulgidas cotas de argentina malha,
« E do seu crystal puro e marulhante
« Saltavam no ar, de quando em quando, os peixes,
« Faiscantes, vivos como linguas d'agua;
« Zumbiam vespas sobre as larangeiras
« Carregadas de flor; as borboletas
« Eram pétalas sôltas procurando
« Anciosissimamente os caules verdes
« D'onde a brisa inconstante as arrançára;
« Nas altas ramas perpassavam echos
« D'embalador oceano, e, muito ao longe,
« O som das flautas pastoraes unia-se
« Ao balar infantil dos cordeirinhos...
« E elle, o convalescente, o lindo moço,
« Que mezes antes fôra tão maldoso,
« Tão cheio de altivez e hypocrisia,
« Purificado então pela doença,
« Como desperto d'um confuso sonho,
« Chorava commovido, ouvindo os passaros
« Que chilreavam nos viçosos ramos,
« Tinha vontade de beijar os troncos,
« As hervinhas do chão, e a terra negra;
« Sentia n'alma ondas de ternura,
« Vendo as aranhas ageis, que, á doirada,
« Vibrante luz, nos cardos d'oiro pallido
« Teciam leves, iriadas teias...
« E n'uma ancia doida de piedade,

« N'um mystico delirio de clemencia,
« Vertendo claras lagrymas, quizera
« Descalço andar sobre carvões ardentes,
« Se podesse evitar com tal martyrio
« Que um fio de cabello, um só! caisse
« Das longas tranças d'uma airosa virgem,
« E morrer n'uma cruz todo chagado,
« Só p'ra salvar a vida d'uma abelha!

. . . .

« Ai quem me dera estar convalescente! »

E mudando de tom, diz para Dulce:
« Mas agora reparo, doce amiga,
« É quasi noite, e tu, minha santinha,
« Sem que de mim um instante te arredasses,
« Ainda hoje não déste o teu passeio...
« Vae um pouco ao jardim, traze-me flores... »

— « Ao pé de ti, » diz Dulce, levantando-se
Graciosamente, « ainda que morasses
« N'uma escura prisão, ver-me-ias sempre
« Alegre, e as minhas horas passariam
« Quaes balsamicas rosas desfolhadas...
« Onde acharia eu jardins mais bellos,
« Mais doces e aromaticos do que esses
« Por onde a tua doce voz me leva?
« Quando de ti me aparto, sinto logo
« A desconsolação dos infelizes
« Que despertam d'um sonho venturoso...
« Mas como queres flor's, irei buscal-as... »

E parte.
A infanta fica olhando, absorta,
P'lo vitral, onde as cores desfallecem,
'Té que, acordada por secreta magua,
Assim exclama, angustiadamente:

— « Eis-nos sós, face a face, ó Dor pungente!
« Conversemos um pouco... Se, alguns dias,
« Vendo-te ao pé de mim, sinto, gelada,
« O mesmo horror sombrio, que exp'rimento
« Quando ólho para o fundo das cisternas,
« Outros, anceio por 'star só comtigo!
« Ás vezes, quando a tua mão de ferro,
« De ferro em brasa! aperta cruelmente
« Meu pobre coração, que se debate,
« Como timido pombo estrangulado:
« Recordando os requintes de crueza
« Com que tu transformaste, a pouco e pouco,
« N'uma enxovia o varandim de flores
« Onde era rosea a sombra dos quadrantes,
« E onde a minha Ventura extasiada
« Tomava por um som de eolias harpas
« A voz aurea da areia na ampulheta:
« Então, n'esses momentos lancinantes,
« Horrorisas-me, odeio-te, desmaio
« Sob esse olhar de fogo, e se não fossem
« As tuas mãos, durissimas tenazes,
« Que esta garganta pallida comprimem,
« A minha voz afflicta vibraria
« Em altos brados a pedir soccorro!
« Mas, outras vezes, és uma sereia

« Alliciante, suavissima, formosa...
« Quando então me estrangulas, os teus braços
« São humidas grinaldas de jacinthos,
« As mãos com que me feres são de arminhos,
« O olhar com que me queimas é um velludo.
« E a chuva cruel das tuas punhaladas
« Cae na minh'alma deliciosamente,
Qual cascata de nardos e de beijos!
« Não! não te devo odiar, devo adorar-te,
Inegualavel Dôr, ó Dôr que fazes
« Que Deus me esteja vendo com ternura!
« Sendo mulher, sou fraca, e é por fraqueza
« Que ás vezes te detesto...

Quando um dia,
« Me entrou no espirito a suspeita horrivel
« De que Pedro, o meu esposo bem amado,
« E a linda Ignez, minha dilecta amiga,
« Morriam um p'lo outro, andavam presos
« Na rede d'oiro d'um amor sem tino,
E soffriam tormentos indiziveis
« Ao verem alongada a minha sombra
« Entre os seus corações que se attraíam;
« N'esse dia, perdida de ciume,
« Pensando só em mim, na minha angustia,
« Sem me lembrar que, se elles me roubaram
« O diadema da minha f'licidade,
« Por meu lado, sou eu, eu só! que estórvo
A completa ventura dos seus peitos;
N'esse dia, ai de mim! amaldiçoei-te
« Cheia de raiva e colera! mas hoje
« Quero-te muito, ó Dôr! amo-te immenso,
« Pois foste tu, amiga, que insuflaste

« Na minh'alma este sôpro de piedade,
« Que me aparta de mim, e só me deixa
« Cuidar dos outros caridosamente,
« Esta doce ternura voluptuosa,
« Que me faz parecer gostoso e suave
« O meu tormento atroz, esta cegueira
« Que me impelle a aspirar com mil delicias
« O perfume das rosas, tão intenso
« E embriagante, que, ao sentil-o, esqueço
« As largas f'ridas no meu seio abertas
« Das quaes em borbotões dimana o sangue
« Com que rêgo os pés verdes das roseiras! »

Depois de breve pausa, amaciando
A voz, que levemente se exaltára,
N'um cicío de reza diz :

— « A vida
« É uma cerrada, uma constante nevoa
« Aonde cada alma vae em busca
« Da sua gemea, da extremosa eleita,
« Com quem passou na inolvidavel patria
« Mysticas horas d'intimo deleite,
« E de quem se perdeu, attribulada,
« Quando chegou ás brumas d'este exilio...
« Na ancia de encontrar a irmã perdida,
« Cada alma julga emfim reconhecel-a
« Em cada sombra que lhe passa ao lado;
« Lança-lhe, doida, os braços á cintura,
« Colla na bocca d'ella a sua bocca,
« Mas quasi sempre, ao cabo d'um instante,
« As duas almas trémulas recúam

« Vendo, tontas de dôr, que se enganaram!
« Pedro, um dia, julgou-me a sua gemea,
« Enleou-me com ternura, embriagou-me
« Com um temporal de beijos, mas de subito,
« Abrindo os negros olhos, que a volupia
« Tinha cerrado em languido desmaio,
« Viu a formosa Ignez, e então, trocando
« Com ella um fundo olhar, d'esses olhares
« Que parece que descem das estrellas,
« Que suspendem dois ser's do mesmo astro,
« Reconheceu, pasmado, que, ao beijar-me,
« Beijára só uma desconhecida,
« Só uma vaga sombra do seu sonho,
« E que a gentil Ignez era a eleita,
« Que elle tão cegamente procurára!... »

Como um raio de sol atravessando
Caliginosas nuvens de tormenta,
E dando n'um jardim onde as florinhas,
Que o vendaval dobrára, se erguem logo,
Alegremente, áquelle beijo d'oiro,
Assim de esp'rança um luminoso raio
Aquece e doira a alma de Constança.

— « E quem sabe? « diz ella, os olhos cheios
D'estellares, profundas claridades.)
« E quem sabe? Talvez que esta suspeita,
« Que quasi me endoidece, apenas seja
« Uma louca apprehensão, uma tontura!
« Que provas tenho eu? Não é possivel

« Que a attracção que em seus olhos vi accesa
« Só fosse um pesadêlo do ciume?
« Ah! se tudo isso fôra um sonho apenas!
« Se Pedro me adorasse como outr'ora,
« Quando, de me não ver, ficava cégo,
« E se, avistando Ignez, não visse n'ella
« Senão a minha predilecta amiga,
« Se entre os dois, Deus do céo! nada existisse
« Que uns olhos infantis não comprehendessem,
« Oh! que ventura a minha! que delicia!
« Como, pisando cardos, julgaria
« Pisar uma alcatifa de violetas! »

Ouvem-se passos no terreiro...
A infanta
Olha... e o que vê? Em baixo Ignez e Pedro,
Quasi abraçados, seguem conversando...

N'isto, o Angelus sôa, que derrama
Cantantes ondas d'infinito amor...
Constança ajoelha, cruza as mãos, e exclama :

— « Seja feita a vontade do Senhor! »

(Constança.)

LENDA

A Sua Majestade
A Senhora de Maria Amelia
Rainha de Portugal

— « Hontem á tarde, visitando o tumulo
« Da Rainha Isabel, fui encontrar-me
« Com a abbadessa, que mudava as rosas
« Do altar da Virgem... Conversámos muito,
« Ensinou-me orações, deu-me reliquias,
« E contou-me uma historia, que é um encanto...
« A Rainha Isabel estando um dia
« No seu paço em Estremoz, foi assentar-se
« Junto d'uma janella que deitava
« Para o jardim real... Pegou na roca
« E eil-a a fiar com mais vontade e afinco
« Que a mulher d'um vilão... Fiava linho,
« Linho doirado p'ra fazer camisas
« A um pobresinho que ella protegia...
« Mas emquanto fiava, o pensamento
« P'los celestes vergeis lhe ia correndo,

« E sobre o chão celeste ia deixando
« Pégadas que brilhavam como estrellas,
« E d'onde logo rebentavam flores...
« Docemente extasiado, ouvia musicas
« Suaves como aromas... Uma languida
« E gostosa quebreira a entorpecia
« E a adormeceu por fim... O fuso leve,
« Rolando dos seus dedos esquecidos,
« Caiu em baixo, no jardim... Mas n'isto
« Eis que Isabel acorda, ouvindo um doce
« Um cantante bater de finas pennas...
« Seria um anjo? Não : uma andorinha,
« Que lhe trazia no biquinho o fuso... »

(*Constança.*)

A MORTE DE CONSTANÇA

A Sua Majestade
A Senhora D. Maria-Amelia
Rainha de Portugal.

I

Constança vae morrer...

Ha longo tempo
Que a sua pobre vida anda suspensa
Por um fio da Virgem... Bem sabe ella
Que a sua alma irá nas mãos dos anjos
Direitinha p'r'o céo; já ouve os córos,
Que em hossanas d'amor hão-de inflammar-se,
Entre os fumos da myrrha e o movimento
Das verdes palmas do triumpho, quando
Aos pés de Deus ajoelhar confusa;
Tudo isso escuta e vê... e no entretanto
Seu coração é triste como um orphão
Vendo limpido o espelho, que chegára
Da mãe inerte á descorada bocca...

Constança vae morrer...

Ignez e Pedro
Podem amar-se emfim, amar-se ás claras,
Como as aves e as flor's á luz do dia.
Ah! mas se acaso os tristes suspeitassem
Que são elles que a matam, que é por elles
Que ha tanto tempo vive agonisando,
Ah! então, em logar do paraiso
De arrebatado amor por que suspiram,
Em selva de terror's se embrenhariam,
E morreriam ambos lacerados
P'las damnadas pantheras do remorso!

É essa ideia negra que attribula
Os derradeiros de Constança...
Ligeira brisa, que, ao passar, nem mesmo
Fizera balouçar debeis junquilhos,
A deitaria ao chão! de tal maneira
A sua triumphante caridade
Enfranquecido tem seu corpo exangue.
Mal pode respirar, mal dá um passo.
Suas mãos e seu rosto são de fumo,
A sua voz um ciciar de reza;
E no entretanto, ao ver Ignez e Pedro
Passando á sua beira, ainda tem fòrça
P'ra tentar, mais que nunca, persuadil-os
De que náda suspeita: para ambos
Redobra de doçura e de meiguice;
Não ha mimo gentil que lhes não faça,

Fala-lhes sem cessar, a si os chama,
E passa-lhes, sorrindo, os dedos fluidos
Pelos cabellos, amorosamente...
Mas apezar de tudo, ella bem sabe
Que os não engana...,
Ás vezes, os sorrisos
Da emmagrecida, loira Ignez parece-lhe
Que lhe pedem perdão ajoelhados,
E nos olhos de Pedro vê reflexos
Do grande incendio que lhe lavra n'alma...
— Ai do futuro d'elles! Que martyrio!
Que purgatorio!

. . . .

A noite é fria e escura...
Constança vae morrer...
Ninguem a véla.
Fingindo-se melhor, pediu a todos
Que a deixassem a sós, que se deitassem,
E apenas consentiu que um pagem moço,
Que de ha muito a servia lealmente,
Ficasse á porta da gelada camara...

No vasto leito, sob a cobertura
De rija tela onde se fanam lirios,
Que ella bordou em dias venturosos,
Mal se adivinha o vulto do seu corpo...
Mas eis que se ergue!
Branca, semi-nua,

Cambaleando, tremendo, tiritando,
Para o lagedo salta, enverga a tunica,
Calça os finos chapins, abre transida
A espessa porta d'um solemne armario,
Mergulha as mãos n'um cofre, e enche a escarcella
Com tornezes de prata e alfonsins d'oiro.

Que vae ella fazer?
Fugir com o pagem!

Com elle fugirá, irão p'ra longe,
Por sombrias, reconditas veredas,
Caminharão de noite, e ao vir da aurora
Nos pinheiraes se occultarão : chegados
Que sejam á fronteira, então Constança
Despedirá o pagem, dar-lhe-á todo,
Todo o dinheiro, exigirá que faça
P'la hostia consagrada o juramento
De nunca mais voltar á sua patria,
E vendo-o emfim partir, irá 'sconder-se
Em qualquer matta, em qualquer cova, á espera
Que o alto Deus a chame.
No entretanto
Ella, a virtuosa esposa, será tida
P'la mais artificiosa das adulteras,
O seu nome será dito com asco,
De lama cubrirão sua memoria,
E Ignez e Pedro finalmente quites
Do remorso cruel que abrasaria
Seus pobres corações martyrisados,
Poderão finalmente ser felizes!

Doridamente, vagarosamente,
Já para a negra porta se encaminha
Com difficil andar, já nos ferrolhos
Toca das suas mãos o luar sumido :
Mas, de repente, vibra e echôa ao longe
Um vagido infantil — a voz do filho!

Saltam-lhe logo as lagrymas dos olhos!
Oh! não, não partirá!
Mimoso infante,
Escusas de chorar! a mãe suavissima
Em cujo ventre andaste, ouviu-te a doce,
Delicada vozinha, que a deteve...
Oh! não, não partirá! Lindo menino,
Escusas de chorar, dorme em socego,
Não terás nunca pejo do teu nome!

. . . .

Rompe a manhã sem sol, ennevoada...
Constança vae morrer...
Cercam-lhe o leito
Ignez e Pedro... Dulce está resando,
A cabeça entre as mãos, junto d'um tryptico...

Constança vae morrer...
— « Adeus, meu Pedro... »
Com uma sombra de voz exclama... E Pedro,
Doido de commoção, branco de neve,

Marejados de pranto os negros olhos,
Enlaça-a febrilmente, e com soluços
Dá-lhe um violento, prolongado beijo.

Ao fogo d'esse beijo, a agonisante
Parece reviver! Coram-lhe as faces,
Nos seus olhos perpassam meteoros,
Já não lhe falta o ar, sorri, contente :
É que esse beijo, o ultimo! continha
Todo o amor, toda a febre do primeiro!
— Oh! que morte ditosa lhe deu Pedro!
Mas eis que vê Ignez...
Oh! não, não deve
Para a cova levar aquelle beijo!

— « Anda cá, minha Ignez... » diz com um sorriso
De infinita doçura; nos seus braços
Acolhe a linda Ignez, abraça-a muito,
Dá-lhe o beijo de Pedro, e logo exhala,
Serenamente, o ultimo suspiro...

(Constança.)

INDICE

Typ. Aillaud & C[ie] (9-02) 3.826.